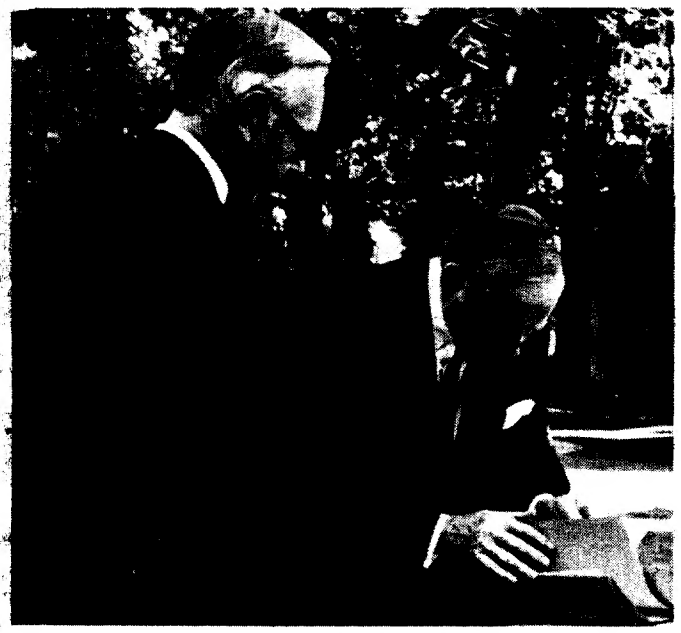
Diário de Lisboa

Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director-adjunto **Fernando Piteira Santos**

ANO 56 / N. 19159 6$00

SÁBADO 18 SETEMBRO 1976



Max van der Stoel à entrada de Belém, com o embaixador de Waal (na foto manuseando uma pasta de documentos)

VAN DER STOEL EM LISBOA

Simples missão de informação

«Não estou aqui para negociar, mas para me informar sobre a intenção do Governo português de fazer a sua inserção na Europa» — afirmou esta manhã, à saída do encontro com o general Ramalho Eanes no Palácio de Belém, o presidente do Conselho de Ministros da CEE, e ministro dos Negócios Estrangeiros da Holanda, Max van der Stoel.

O ministro holandês, que também esta manhã teve um encontro com o Primeiro-Ministro, Mário Soares, afirmou ainda que Portugal tinha uma tarefa importante a desempenhar no concerto das nações europeias, e que esta opinião lhe tinha sido confirmada em todos os contactos que estabeleceu em Lisboa.

Max van der Stoel, que chegou ontem à tarde a Lisboa, manteve ontem mesmo negociações com o ministro dos Negócios Estrangeiros português, no âmbito da recolha de informações sobre as intenções das autoridades portuguesas, que lhe foi cometida pelo Conselho de Ministros dos países dos «Nove», tendo jantado, a convite de Medeiros Ferreira no Palácio das Necessidades.

Hoje Max van der Stoel almoçou com o Primeiro-Ministro em S. Bento, depois de dar uma conferência de Imprensa no Palácio das Necessidades, regressando ao princípio da tarde ao seu país.

ALENTEJO EM QUESTÃO

LOPES CARDOSO DESMENTE ESPECULAÇÕES

• "Reforma Agrária" é irreversível

• Decisões serão tomadas só na terça-feira

. Motivo de grande controvérsia e especulação, a reunião de ontem em Belém do Presidente da República com o Primeiro-Ministro para debate de problemas relacionados com a Reforma Agrária teve lugar, segundo apurámos, no quadro das relações normais de trabalho entre o Chefe do Estado e o Governo. Delas não saíram resoluções. Segundo apurámos quaisquer decisões serão tomadas apenas no Conselho de Ministros da próxima terça-feira. Seguir-se-á, terça ou quarta-feira, uma exposição de Lopes Cardoso ao País, anunciando essas medidas.

«Todas as especulações que se possam fazer », afirmou o ministro da Agricultura que esteve na reunião, ao «DL», «em torno das medidas que vão ser tomadas, no sentido de procurar apresentá-las como início de um processo de fazer retroceder a Reforma Agrária são pura e simples especulação. A posição do Governo é a mesma de sempre. A Reforma Agrária é uma conquista irreversível dos trabalhadores consagrada pela Constituição».

«As medidas que necessariamente foram tomadas», sublinhou Lopes Cardoso, «não têm por objectivo fazer recuar a Reforma Agrária, porque as desocupações a fazer nunca se enquadraram no esquema da Reforma Agrária. Têm pelo contrário como objectivo criar condições que nos permitam avançar. Isto é o objectivo claro do Governo não só pelo Programa que apresentou, como pelo compromisso que assumiu perante o País, como ainda pela própria Constituição que ele necessariamente está obrigado a respeitar.».

A Presidência da República divulgou entretanto uma nota sobre a reunião de trabalho de Eanes com o Primeiro-Ministro, «ampliada na sua duração para serem passados em revista os problemas relacionados com o sector agrícola, em particular no que se refere à Reforma Agrária».

Informa a mesma nota que, além do ministro da Agricultura e Pescas e do secretário de Estado da Estruturação Agrária, participaram os ministros da Administração Interna e Defesa e alguns governadores civis. Presentes ainda «para tomarem conhecimento por menorizado da problemática da Reforma Agrária, os chefes dos Estados-Maiores da Armada, do Exército e da Força Aérea, o governador militar de Lisboa e o comandante da Região Militar do Sul».

Por outro lado, prolongou-se por cerca de duas horas e meia, o encontro ontem de Soares com os dirigentes da C. A. P., chefiados pelo seu presidente José Casqueiro.

No termo do encontro, o chefe da C. A. P., falando aos jornalistas, disse apenas que a delegação tinha exposto ao Primeiro-Ministro os seus «pontos de vista sobre a situação da Agricultura no Norte, no Centro e na Zona da Reforma Agrária». Anunciou ainda para a próxima terça-feira, em Rio Maior, uma conferência de Imprensa da C. A. P., durante a qual esta «anunciará as decisões a tomar a respeito do problema».

Entretanto o ministro Lopes Cardoso deu ontem posse ao director do Gabinete de Planeamento do Ministério da Agricultura e Pescas, eng. João Mendes Espada. Lopes Cardoso acentuou durante a cerimónia que aquele Ministério «tem que deixar de estar, de uma forma eficaz ao serviço dos grandes proprietários, para passar a estar ao serviço dos interesses dos trabalhadores rurais e dos pequenos agricultores, que constituem a maioria dos que trabalham a terra».

Sá Carneiro agressivo fez esperar P.S.

(PÁG. 20)

Silêncio por Mao Tsé-Tung em toda a China

HONG-KONG, 18 (ANOP) — As sirenes soaram no adeus a Mao Tsé-Tung, enquanto 800 milhões de chineses em silêncio e em sentido, prestavam a última homenagem ao fundador da República Popular da China.

Na praça de Tien An Men (Porta da Paz Celestial), em Pequim, uma multidão maciça que começara a juntar-se ao nascer do Sol, assistiu ao meio-dia a uma cerimónia fúnebre pelo presidente do Partido Comunista, que morreu no dia 9 aos 82 anos.

O primeiro-ministro Hua Kuo-Feng, agora a principal figura na hierarquia do Partido, e outros dirigentes chineses que lutaram ao lado de Mao, prometeram continuar a sua obra.

«O presidente Mao era o maior marxista da era contemporânea» — proclamaram os dirigentes militares e do Partido numa declaração conjunta, em que salientaram:

«Devemos passar os seus brilhantes pensamentos às incontáveis gerações futuras».

As sirenes, soando em todo o país durante três minutos, assinalaram o início do funeral, às 15 horas locais (7 TMG). Ao mesmo tempo fez-se silêncio em todo o país; num derradeiro tributo de respeito pelo homem que fica na história como o maior dos dirigentes chineses.

A enorme praça, onde Mao proclamou a fundação da República em 1 de Outubro de 1949 e viveu alguns dos seus momentos mais altos, estava fortemente guardada por soldados, milicianos, e pessoal da segurança pública.

As medidas de segurança eram também severas nas restantes áreas da capital, segundo informações telefonadas para Hong-Kong por residentes em Pequim.

Os estrangeiros foram impedidos de assistir directamente às cerimónias mas puderam vê-las pela televisão. Numa medida sem precedentes, as autoridades chinesas ordenaram a transmissão televisiva para todo o país da homenagem prestada a Mao.

O corpo de Mao esteve em câmara ardente no Palácio do Povo, onde desfilaram perante o ataúde mais de trezentas mil pessoas, incluindo diplomatas e outros residentes estrangeiros, que assim prestaram também homenagem ao grande revolucionário chinês.

Mensagens de condolências afluíram a Pequim de todas as partes do mundo, incensando Mao como um dos maiores dirigentes da história mundial.

Mao morreu deixando os seus camaradas de partido embrenhados numa luta pelo poder que envolve não só a sua sucessão como também a sua política.

Especialistas dos assuntos chineses prevêem que esta luta pelo poder irá intensificar-se imediatamente.

Embora Hua tenha subido à segunda posição de mando no princípio deste ano, não se pode garantir que seja ele o sucessor do desaparecido presidente.

Agente da Judiciária armadilhava carros

(Pág. 5)

32 PÁGINAS

Nacional

Nomeação para as Casas Civil e Militar do P.R.

A nomeação do dr. Henrique Manuel Fusco Grandeiro para chefe da Casa Civil do Presidente da República veio hoje à folha oficial (II Série).

Outras nomeações são incluídas na transcrição do longo despacho do general Ramalho Eanes, que em substância é como segue: chefe do Gabinete, major de Artilharia José Rodrigues Tavares Pimentel; adjunto do Gabinete, dr. Tomé da Encarnação Santos Júnior; secretárias do Presidente, dra. Ana Maria Lino Neto, D. Maria da Assunção de Castro Sá da Bandeira e D. Engrácia Mendes da Silva; assessores da Casa Civil, capitão do S.A.M., licenciado Armando Fonseca de Almeida, drs. José Maria Caldeira de Sousa Guimarães, Joaquim Augusto Moreira da Silva Aguiar e Luís Augusto Martins, capitão do S.A.M. Joaquim Jorge Carvalho da Cunha Caetano e jornalista Manuel Maria da Silva Costa; ajudantes de campo, capitães de Cavalaria Alexandre Maria de Castro Sousa Pinto e pára-quedista Cristóvão Manuel Avelar de Sousa; assessores da Casa Militar, tenente-coronel piloto-aviador Mário de Barros Camarada Coutesão, major de Artilharia com o curso do C. E.M., Gabriel Augusto Espírito Santo, capitão-tenente Isaías Augusto Pinto Gomes Teixeira e capitão de Cavalaria Manuel Urbano Moreira Dias; director do Centro de Apoio, o já referido capitão do S.A.M., Joaquim da Cunha Caetano; técnicos, Fernando Manuel Costa Neves de Vallêra e Luís Emídio Teixeira Botelho; adjuntos técnicos, D. Maria Manuela Alves Lourenço Inácio, D. Maria Graciete Veloso Godinho e D. Maria Cristina Abrantes Palma;

Outras cinco secretárias constam da lista de nomeações: dra. Emília Isabel Mayer Godinho Jardim, do chefe da Casa Civil; D. Maria Helena Moreira Gaspar, do chefe da Casa Militar; e D. Alzira Maria dos Santos Gorginho Madeira, D. Maria Luciana Ponte Penedo Salvado e D. Maria Helena Santos Pereira Esteves, dos assessores.

Governo autoriza importação de produtos químicos

Um despacho conjunto dos ministros das Finanças e da Indústria e Tecnologia, publicado no «Diário da República», autoriza as empresas «UNITECA» e «SODA» a importar mais de 5 mil toneladas de produtos químicos, no valor de cerca de 14 mil e quinhentos contos. Esta medida vem na sequência da queda de produção originada pelas decretadas restrições de energia em sectores produtivos da indústria nacional.

O despacho ministerial esclarece que «com as condições de preços obtidos, o valor dos produtos a importar é inferior ao valor equivalente de energia eléctrica para os produzir se esta pudesse ser importada e fosse paga aos preços de importação».

PUB

ELECTRICIDADE DE PORTUGAL, E. P.

UNIDADE DE GESTÃO — ex - U.E.P. (Sul)

AVISO AOS CONSUMIDORES

Concelhos de ALCÁCER DO SAL, GRANDOLA, SANTIAGO DO CACÉM, SINES e MONTEMÓR-O-NOVO

Avisam-se os senhores consumidores de que devido a trabalhos inadiáveis de conservação da linha de 150 kV de Setúbal a Ferreira do Alentejo, no próximo Domingo dia 19 de Setembro, entre às 8 e as 11 horas, o fornecimento de energia eléctrica nas áreas dos concelhos indicados poderá vir a ser afectado com algumas interrupções, cujo início e duração não são pevisiveis.

Para efeitos de segurança, o facto das linhas poderem vir a ser desligadas não significa que não possam voltar a ser ligadas em qualquer momento, pelo que deverão ser consideradas permanentemente em tensão.

Lisboa, 18 de Setembro de 1976

Pela ELECTRICIDADE DE PORTUGAL, E.D.P. (U.E.P. - Sul)

CONSELHO DE MINISTROS

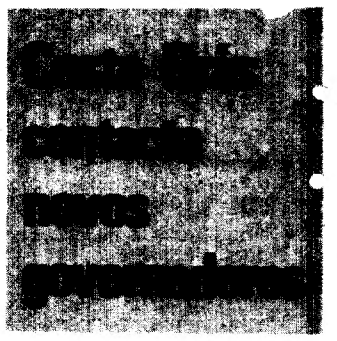
Governo revê preços de adubos e isenta veículos de imposto

O Conselho de Ministros para Assuntos Económicos, reunido em São Bento, sob a presidência de Mário Soares, decidiu, conforme proposta do ministro da Indústria, a revisão do preço dos adubos em função do seu custo real.

Segundo o comunicado final, o Governo decidiu instalar a primeira unidade, com capacidade de 2.000 toneladas por dia, de tratamento de beterraba, a localizar em princípio no Vale do Sorraia no Ribatejo.

O ministro dos Transportes e Comunicações fez uma exposição sobre os problemas do trânsito pincipalmente nas chamadas horas de ponta. Três ministérios (Finanças, Trabalho e Administração Interna), deverão apresentar ao Conselho uma proposta sobre os novos horários dos Serviços Públicos e dos Bancos, além de o ministro do Comércio ter sido mandado estabelecer contactos com os sindicatos e as entidades patronais com o objectivo de serem liberalizados os horários do comércio.

Tendo em vista a protecção dos transportes públicos de passageiros e mercadorias, dos transportes particulares de mercadorias e de transportes particulares de passageiros de mercadorias e de transportes particulares de passageiros em veículos pesados, o Conselho de Ministros restrito deliberou que ficam apenas sujeitos ao imposto os veículos automóveis ligeiros de passageiros particulares e mistos até 2500 quilos, isentando-se os demais veículos.



Tal como, recentemente, noticiámos vão verificar-se alterações nos governos civis de Aveiro, Braga, Bragança, Coimbra, Guarda, Portalegre, Setúbal, Viana do Castelo, Vila Real e vice-governadores civis de Lisboa e Porto.

Entretanto o ministro recebeu ontem, dia 17, em audiências separadas, os futuros governadores civis dos distritos de Aveiro, Braga, Coimbra, Portalegre e Vila Real, respectivamente, dr. Manuel da Costa e Melo, dr. Patrício Summavielle Soares, dr. Fernando Vale, dr. Júlio Miranda Calha, dr. Camilo Botelho. As audiências prosseguiram hoje tendo o ministro da Administração Interna recebido em audiências pessoais, o dr. Verdasca Vieira, Fernando Mendes, dr. Oliveira e Silva, dr. Faria Bravo, e o jornalista Manuel Ramos. Respectivamente futuros governadores civis de Bragança, Setúbal, Viana do Castelo, e vice-governadores de Lisboa e Porto.

NO MINISTÉRIO DA AGRICULTURA

Mendes Espada director do G.P.

O eng. João Mendes Espada foi ontem empossado como director do Gabinete de Planeamento do Ministério da Agricultura e Pescas. À cerimónia presidiu o titular da pasta, eng. Lopes Cardoso, que usou da palavra e considerou o empossamento o primeiro passo para reestruturação do MAP, salientando a importância que o Gabinete vai ter no futuro Ministério, nomeadamente no plano sectorial. «Sem o planeamento secotrial não seria possível desenvolver o sector agrícola» — frisou Lopes Cardoso.

Ao Gabinete do Planeamento caberá o trabalho de coordenação daquilo que o ministro chamou «os instrumentos fundamentais; os serviços regionais». O Gabinete deverá ainda proceder ao estudo da reestruturação do Ministério cuja lei orgânica será brevemente promulgada.

Na circunstância, Lopes Cardoso fez considerações sobre a agricultura em Portugal, tendo afirmado, a certo passo: «Durante anos o país viveu sem o Ministério da Agricultura. Não foi por acaso. O sector agrícola foi neste país, e continua a ser em grande parte, o parente pobre. (...) No sector agrícola, da mais valia produzida pelos trabalhadores e pelos pequenos agricultores, faziam a tranferência para o sector industrial e para o sector comercial, e mantinham um sistema de proteccionismo em relação aos grandes proprietários agrícolas, aos caciques locais, aos absentistas. Aquilo que produzia o sector agrícola, graças ao esforço dos pequenos agricultores e dos trabalhadores rurais era desviado do sector ou para actividades puramente sumptuárias, ou para actividades de pura especulação financeira ou para investimentos noutros sectores. (...) O Ministério da Agricultura tem que deixar de estar, de uma forma eficaz, ao serviço dos interesses dos grandes proprietários, para estar ao serviço dos interesses dos trabalhadores rurais, dos interesses dos pequenos agricultores, interesses, afinal, daqueles que constituem a maioria dos que trabalham a terra.» Para isso — diria ainda Lopes Cardoso — «é necessário adoptar estruturas capazes, tirar o Ministério da Agricultura do Terreiro do Paço (...) criar condições de coordenação eficazes dos serviços regionais. E é neste aspecto que o Gabinte de Planeamento terá no futuro um papel importante a desempenhar.»

O director do Gabinete, João Lopes Espada, já exercia funções de alta responsabilidade dentro do Ministério. Lopes Cardoso elogiou-o pela sua competência. O empossado usou da palavra para agradecer as palavras de Lopes Cardoso e prometer corresponder à demonstração de confiança que significa a sua nomeação para o cargo que a partir de ontem passou a desempenhar.

WALTER ROSA EM PORTALEGRE

"Equilíbrio do sector privado é essencial ao País"

«O equilíbrio económico do sector privado é essencial ao País. A par do investimento no sector público das indústrias de base, o País necessita e reclama investimentos privados» — afirmou o eng.º Walter Rosa, ministro da Indústria e Tecnologia, ontem, em Portalegre, falando durante uma visita à fábrica Finicisa naquela cidade alto-alentejana.

Noutro passo do seu discurso, diria Walter Rosa: «Portugal está aberto ao investimento estrangeiro que aqui queira vir trabalhar em paz connosco, em prol do desenvolvimento económico do País. Não para explorar transitoriamente mão-de-obra barata e depois levantar a tenda para outras paragens mais propícias. Mas para seriamente se associar com os portugueses, laboriosamente, neste Portugal europeu, num convívio internacional fecundo e pacífico. Interessa mais que entrem capitais do que se expatrie mão-de-obra».

Portugal — diria ainda o titular da pasta da Indústria — «continua a consumir mais do que a produzir». O Governo — disse — «promoverá o investimento necessário para que seja viável a rápida expansão da produção, e para que se absorva progressivamente o desemprego».

«No quadro de uma política industrial virada para o futuro — Walter Rosa ainda —, mas procurando resolver os problemas do presente, com realismo serão favorecidos o crédito e o investimento nas indústrias alimentares, na têxtil, nas indústrias de materiais de construção civil, nas indústrias de base e, de uma maneira geral, nas indústrias exportadoras».

Para isso, diria o ministro, «o País conta com as disponibilidades internas e com o crédito externo — que nos é facultado por países amigos, numa manifestação de confiança no Governo Português e na sua capacidade de promover a expansão económica e de vencer a crise nacional».

Sobre a crise: «A actual crise — garantiu Walter Rosa — será vencida com segurança e tranquilidade, trabalhando, poupando para investir e exportando para equilibrar as finanças portuguesas. Isto — acrescentou — no quadro da normalidade política e da vivência democrática. Os arautos da desgraça, os descrentes, os vencidos pelo desânimo, não terão a honra de vencer a batalha do progresso e da prosperidade. Hoje, nesta fábrica, já nos demos conta de que esses não têm aqui lugar. Aqui há trabalho, há progresso, há confiança no futuro».

A Finicisa conta com três centenas de trabalhadores, neste número compreendido o pessoal administrativo. A empresa é especializada em Poliester e existe há dez anos. Nestes dez anos a sua produção aumentou de 3000 para 20 000 toneladas a sua produção anual. Presentemente — o próprio Walter Rosa o disse — está em condições de satisfazer as necessidades do consumo nacional, o que representa uma economia de cerca de um milhão de contos em importações.

Vasco Lourenço e Costa Neves na inauguração do voo Lisboa-Caracas

Os Transportes Aéreos Portugueses inauguram hoje, oficialmente, as suas carreiras Lisboa-Caracas. Para o efeito a TAP convidou a participar no voo inaugural várias personalidades políticas, das quais destacamos os nomes do general Vasco Lourenço e do major Canto e Castro, do Conselho da Revolução.

A carreira Lisboa-Caracas-Lisboa realizar-se-á às quartas e aos sábados, escalando o voo de regresso Caracas-Lisboa, de quarta-feira, o Porto Santo.

ALLIANCE FRANÇAISE

A MAIOR E A MAIS AFAMADA ESCOLA DE ENSINO DA LÍNGUA FRANCESA NO MUNDO

CURSOS DE FRANCÊS

LISBOA: Rua Braamcamp, 13 - 1.º e Avenida Almirante Reis, 183 - 1.º D.
ALMADA: Rua Luís Queirós, 6 - 1.º Esq.
ALGÉS: Parque Miraflores, lote 111 - 1.º D. Frente
S. JOÃO DO ESTORIL: Quinta da Carreira, lote 30, r/c. Esq.

ESTÃO ABERTAS AS INSCRIÇÕES

post-scriptum

Respeito pelo diálogo é regra democrática

O último programa «3.ª feira à noite», da R.T.P., constituiu um curioso debate sobre sindicalismo. Se não, vejamos: Dum lado, dois representantes da linha sindicalista que defende a unicidade, um dos quais de um sindicato não filiado na Intersindical Nacional. Do outro, dois elementos contestatários, pertencentes ao grupo da denominada Carta Aberta.

Um destes elementos (não fixei o seu nome) fez-me lembrar um destacado político no «Frente a frente» com o dr. Álvaro Cunhal, havido há meses, também na televisão. E isto porque, entre outros aspectos das suas muitas intervenções (e se não teve mais foi por uma questão de horário; é preciso poupar energia) me pareceu querer só para ele todo o tempo de antena. As suas arengas, sem quaisquer entraves, (falou como e quanto quis) e sobretudo as muitas interrupções aos seus opositores, quando estes estavam no uso da palavra, acho que não passaram despercebidas a ninguém.

Lamento que o sr. Joaquim Letria, como moderador neste debate, não tivesse sido mais rigoroso no cumprimento das regras do diálogo.

Os dois subscritores da Carta Aberta parece que foram para esta sessão mais dispostos a vender o seu peixe do que a comprar um simples carapau do gato aos outros. De estranhar também que qualquer um dos afectados por estas interrupções não tivesse feito valer os seus direitos de interlocutor, quando, no uso da palavra, esta lhe era cortada, sem qualquer cerimónia. É que democracia, e não é novidade para ninguém, não é só falar; é antes de tudo saber ouvir e fazer-se ouvir. E como tal quem esteja *devidamente* no uso da palavra, e enquanto no uso dela, tem o direito de ser ouvido e deve impôr-se e fazer respeitar esse direito sagrado; é uma obrigação que a democracia lhe comete. Sim, porque em democracia também há obrigações, mas para todos.

Mas mais curioso ainda foi aquela divagação sobre manipulações, golpismos, divisionismos, e não sei que mais, de que a Intersindical foi autora no tempo do gonçalvismo. Ai, seus democratas!...

Onde é que eu já ouvi frases recheadas de gonçalvismo?... Consulado gonçalvista, política gonçalvista, reinado gonçalvista, desastre gonçalvista, etc, etc.. Lá que as ouvi, ouvi, e todas elas eivadas de boa dose de significado pejorativo. E se disséssemos agora que a tal Carta Aberta, com toda a sua doutrina e os fins que pretende atingir, é mais um reflexo dos tempos de «soarismo» que atravessamos. Se disséssemos... pois que os dois adeptos da unicidade sindical não o disseram e acho que fizeram bem. Como também me parece que procederam correctamente ao deixarem passar sem resposta aquelas referências ao gonçalvismo, manipulações, golpismos, etc. Estou certo que eles saberiam responder adequadamente, mas não fora esse o tema que ali os levara. O assunto a debater era bem mais importante para a vida sindical portuguesa do que o lavar de roupa suja sem interesse. Debater problemas relativos à unidade sindical — filiação de todos os sindicatos numa central única — é assunto candente, actual e com vista ao futuro. Ora esta central já existe. Que a Intersindical não tenha correspondido inteira e cabalmente aos seus objectivos, que se tenham cometido erros no seu seio (o seu representante não o escondeu) ninguém o nega. Daí o próximo congresso dos sindicatos (e não da Intersindical) e de todas as «demarches» pré-congressistas.

Discutam-se, pois, abertamente todas as divergências, com vista à *unidade*.

De um leitor devidamente identificado

Algo vai mal na RTP

Após a leitura da crítica de M. Castrim sobre o teatro que a TV nos dá, não posso deixar também de manifestar o mais vivo repúdio pelo facto de um órgão de comunicação social, que é pago por todos nós, estar apenas ao serviço da burguesia. É este o tal pluralismo que os responsáveis da RTP nos oferecem?

. Não posso, portanto, deixar de dar todo o meu apoio ao referido texto. Já o tenho comentado diversas vezes com pessoas das minhas relações, e a conclusão comum a que chegamos é que realmente algo não vai bem na TV.

A quem servem essas peças de teatro, se não aos burgueses?

. Os pobres trabalhadores limitam-se a ouvir as tão faladas medidas de austeridade, que são uma esperança para os capitalistas...

Agora pergunto: porque se atacava tanto a TV antes do 25 de Novembro e até mesmo no tempo da velha guarda, quando o que se passa agora é idêntico? Antes do 25 de Novembro, dizem, a TV era manipulada por um único partido. E agora? Será que a TV se tornou independente e objectiva? Não, todas as pessoas de bom senso reconhecem facilmente que não.

Ainda voltando ao teatro, e tal como diz M. Castrim, e eu repito o que se fez a um actor como José Viana e outros de igual valor? Porque ele é comunista não serve os interesses do povo?

. Pergunto ainda porque se ataca tanto o gonçalvismo (na TV) e não se ataca o spinolismo e outros, acabados em ismos? Porque se saneia na TV um Artur Ramos, responsável pela secção de teatro? Também por ser comunista?

. Será que estaremos a caminhar a passos largos para os «velhos tempos»?

Maria R. Carvalho
LISBOA

A BIBLIOTECA DO IMPÉRIO

Consultando a sua própria biblioteca consagrada a obras coloniais, René Pelissier, especialista da África de língua portuguesa e espanhola, autor de «Resistência e Revoltas em Angola» (1845-1961) dá-nos, numa prosa bem humorada, uma imagem da pobreza das obras portuguesas sobre temas coloniais. Mais de dois anos após o 25 de Abril, não parece que se tenha tentado fazer o inventário das obras existentes sobre essa matéria no nosso País. É que — como Pelissier diz — os autores contrários à mitologia colonialista do regime escolhiam o exílio. Quantos não terão escolhido antes o fundo da gaveta? Uma pesquisa neste campo talvez pudesse proporcionar-nos boas surpresas.

Somando vitrinas, cantos, recantos, armários e arrumações várias, ocupava 110 metros. Agora só restam 8 ou 9 metros cúbicos de papel amarelado. Era a mais importante biblioteca particular sobre a Africa espanhola e portuguesa que existia a norte do Bidassoa. Era minha. Não se tratava de uma dessas loucuras de coleccionador exótico, mas sim de uma loucura de especialista. Quer dizer, de um consumidor de livros. Nada é mais irrisório do que uma biblioteca desorganizada, a não ser, talvez, o destino de um império colonial. À medida que Madrid ia guardando os seus estandartes, a minha secção espanhola ia ficando anémica. Por volta de 1972 só me restavam alguns tratados dos últimos cruzados que, sem se deixar intimidar demasiadamente pelas sucessivas diminuições territoriais, «bunkerizavam» a história, já que não podiam orientá-la.

Mas, nos últimos tempos, a fé não vinha. Há quanto tempo é que nas **Reivindicaciones de España** (Madrid, 1946), dois jovens futuros ministros, ainda alerta em 1976 e até de certo modo, democratas, «exigiam», um bom terço da Argélia, metade da Mauritânia, todo o Marrocos, mais de um quarto da Nigéria e um belo pedaço da África Equatorial, engolindo de passagem o Norte do Gabão e a República Popular do Congo? Não mais de trinta anos. Felizmente, os dois autores retiraram o seu livro de circulação antes de a nova África aprender o castelhano, até porque nesse livro também a Etiópia, em Jibuti e na Somália deverá haver bases navais para as deslocações da Armada nos mares quentes.

Noutra pilha, avisto o não menos oficial **Territórios de soberania española em Oceania** (Madrid, 1950). O autor, mais modesto, só reivindica uma provincia espanhola nas ilhas Carolinas, três feitorias no Vietname, uma feitoria na Serra Leoa e a ilha de Aruba (nas Antilhas holandesas). É certo que já estávamos a seis anos de distância da Segunda Guerra Mundial e algumas chancelarias sofriam com os rigores da época.

Por detrás de um banco, o Sara de Madrid ergue três montes de areia bibliográfica. Depois da minha visita em 1967, o general que governava as provincias africanas de Madrid proibiu-me novas viagens. Se ele lá voltasse nem mesmo saberia onde encontrar o seu Sara, e dizem-me que a alguns quilómetros das brancas casernas do Tércio (Legião Estrangeira Espanhola), os chacais devoram hoje os restos mortais de homens que tombaram para defender um país que já não existe.

A CONSCIÊNCIA NACIONAL

O que se publicou em Lisboa entre 1926 e 1974 sobre a África dos portugueses e a sua expansão ultramarina desafia a imaginação. Dezenas e dezenas de metros de escaparate permitem avaliar, devido ao seu vazio angustiante, o interesse que ele tinha pelo conhecimento das terras longínquas. Em primeiro lugar estavam a a botânica, a geologia e outras ciências não subversivas. Quanto ao resto, passava-se pelo género épico, a glória naval e as mitologias de expressão colonial. Tinham de ser os primeiros em toda a costa bárbara, do Sul de Tânger às Molucas e da Terra Nova ao rio Prate. A publicação dos arquivos coloniais, trabalho único no mundo pela sua amplidão, foi o passatempo de uma dezena de eruditos a quem não faltavam créditos e outras ajudas. Desde que não saissem da linha, está bem de ver. Para os outros, era aconselhável o exílio.

Em 1973, a oito meses do fim do império, Portugal era a única metrópole que enviava para a selva mais longínqua da fronteira zambiana, oficiais que falavam da vida de Francisco Xavier, como se a chegada do santo fosse esperada e ele viesse no próximo galeão. De uma chalupa de fuzileiros navais q e depois participariam na evolução das flores julguei me mo reconhecer um dia a sotaina do Espanhol, escondendo-se por detrás dos canicos da margem do Cuando. Estava a ser vitima de uma dessas alucinações que espreitam os especialistas mais habituados ao sol. Ou seria consequência de um contacto exagerado com os cronistas oficiais?

RENÉ PELISSIER

. É sempre perigoso para um país deixar escrever a sua história colonial por unicamente missionários e ex-combatentes. A epopeia dá segurança mas adormece. Portugal, que tinha as mãos cheias, não reivindicava mais terras e, ao contrário da Espanha não usava de astúcia com os nacionalistas nem com os vizinhos. Tendo colonos recusava todo e qualquer compromisso susceptivel de fazer com que perdesse o domínio sobre os negócios.

Actualmente, há quinhentos mil refugiados. Por não ter querido compreender as realidades do século XX, preparando homens para o diálogo e não para a faca, por ter deixado criar um capital de ódios cujos interesses se foram acumulando, Lisboa teve de aceitar em 1974/1975 que os seus centuriões quebrassem o mito.

Passo por cima de cinco caixotes de boletins estatisticos, de decretos de legisladores incorrigiveis que exorcizavam o século, um quintal de narrativas de campanhas militares (a pacificação, dizia-se nesses tempos de inocência colonial) e sento-me. Um volume dos «Discursos de Salazar» emerge do magna: «Estranhos a todas as pequenas combinações, não, venderemos não cederemos, não alugaremos nem repartiremos as nossas colónias... A consciência nacional não no-lo consentiria». Devem hoje sorrir, desde a Praia a Maputo. Os próprios oficiais, a última defesa da quimera... um pouco mais de sete mil e seiscentos soldados mortos nas colónias em menos de catorze anos. Decididamente era uma bela biblioteca. Tão incómoda como um império.

© — «Le Monde»

AÇORES, 1976

ERA COMER CARNE DE VACA

DIAS DE MELO

. Cansados de toda aquela tarde a pisar uvas, ali, entre aquelas quatro paredes, da adega, sem cale e sem reboco — mãos e braços negros, roxos, melados de mosto, de cascas, de bagulho, — sentámo-nos, um defronte do outro, à mesa de pinho velho, enegrecida pelos anos logo á entrada da porta aberta para o pátio virado para o mar.

—Vamos tomar qualquer coisa? — disse eu.

—Pois... — reticenciou o Bilau, como se quisesse significar: Vamos a isso! De que é que estás à espera?

. Levantei-me. Peguei no cângero. Fui ao quinto, ainda com vinho, no meio do canteiro. Levei o cângero à torneira. Dei meia volta à escaravelha. Numa música branda e bonita, o vinho correu, negro, colorido, luminoso, perfumado.

Voltei à mesa. Verti, do cângero, vinho nas teladeiras de barro de Santa Maria, poisadas diante de nós, no tampo negro da mesa de pinho velho.

Falarámos pouco, enquanto trabalhávamos muito, abrasados de calor e encharcados de suor. Uma piada de quando em quando, a ajudar a passar o tempo. Falariamos agora, enquanto a tarde acabava de descer, e, descuidadosamente sentados àquela mesa, iamos emborcando, lentamente, teladeiras atrás umas das outras.

—Anha, sabes? — disse Bilau: — É gosto que me pelo de carne dum bife...E aqui a gente nunca come carne, a não ser um dia de festa, e mesmo assim nanja eu, que sou pobre e nã na posso comprar.

—Temos carne de porco — disse eu.

—Anha, ê gosto é de carne de vaca...Dum bifinho...

E Bilau ficou a olhar-me com seus olhos pequeninos e pretos, por baixo dos cabelos desalinhados e grisalhos já, — seus olhos implantados no rosto redondo e escuro, quase preto, por cima do corpo miúdo, atarracado, magricela, a desconjuntar-se, vestido de roupa suja e esburacada.

—Anha, havia de ter saído daqui...Ido prá América...Ou ter ficado em Angola...

Estivera em Angola, Bilau, encorporado num batalhão expedicionário, no tempo da Guerra Mundial..

—Anha! Aquilo é que é ũa terra! E cos pretos a trabalhar pra mim...

—Isso, Bilau, acabou...

—Anha, e que me importa a mim! Aos anos que foi, já tava podre de rico...Os pretos que fossem bugiar, que eu já podia comer a carne que quisesse.

A tarde aproximava-se da noite. Vinham as sombras pela porta, insinuavam-se por entre o vasilhame, por entre os balseiros, por trás do fecho do lagar, ao fundo.

Bilau emborcava uma teladeira.

. —Porque, anha, sabes? É sou mesmo doido por carne! Bifes...Bifes de vaca!...E nunca como carne de vaca...

Levei também a minha teladeira, à boca, deixei que o vinho saboroso e fresco, me escorrogasse, à vontade pelas goelas ressequidas:

. —A gente não come carne de vaca, a não ser pelas festas e tu, pelo que dizes, nem pelas festas a apanhas. Mas comemos carne de porco e peixe. Temo-lo com fartura o peixe. Ponto é que o mar esteja manso. E com fartura temos de tudo o que a terra nos dá: milho, batatas, feijão, favas, ervilhas, cebolas, alhos, fruta, vinho...

Bilau, a teladeira suspensa na mão, à altura dos olhos pequeninos, muito fixos em mim:

. —Mas ê queria era comer carne de vaca todos os dias...Bifes!...Bifes todos os dias!...

— avias de te fartar!

. —De carne de vaca?!

. —Pois de que é que havia de ser?

. —Anha de carne de vaca, ê nunca mais me fartava!

. —Isso dizes tu agora. Havíamos de ver, se...

—Anha, havíamos de ver!

. As sombras da tarde, quase noite, cresciam pelas paredes da adega, negras e sem reboco, enrodilhavam-se pelos cantos.

O ruído do motor de um barco, no mar. Levantei-me. Chequei-me à porta. Ainda pude ver:

. —É o barco de mestre Bendito. Vai pró Canal. Amanhã temos peixe fresco.

—Pra quem le puder chegar.

—E tudo não podes?

. —Nã tenho dinheiro pra tanto. Também...nã se me dá. Mesmo que pudesse, deixava o meu quinhão a quem no quisesse.

Retirei-me da porta, reocupei o meu lugar de cotovelos fincados no tampo negro da mesa de pinho velho.

Bilau sorvia uma gorgolaçada de vinho:

. —Anha, ê quero é carne! Carne é qu'ê quero! Carne de vaca, em bifes, todos os dias!

. Repeti:

. —Fartavas-te, Bilau, lá isso é que te fartavas!

. As sombras, agora da noite, já, enchiam a adega. Bilau, diante de mim, parecia-me mais pequenino, mais negro, de roupa mais esburacada e suja, de cabelos mais grisalhos e desalinhados de olhos mais pequeninos e escuros, de mãos e braços mais besuntados de mosto, de cascas de uvas, de bagulho.

—Anha, nã me fartava não, lá isso é que me nã fartava não!

. la de novo deitar vinho nas teladeiras: acabara-se o vinho no cângero.

Continua na pág. 4

COVILHÃ

BODAS DE OURO

JOÃO EUZÉBIO DA SILVA
ANA DA CONCEIÇÃO FERREIRA
DA SILVA

Homenagem dos 5 filhos, das 5 noras, dos 12 netos, da Maria e da Tia.

SURDEZ

Recupere a Sua audição com os modernos e garantidos aparelhos auditivos MYKROSON. Um modelo para cada caso de surdez. Consulte-nos sem compromisso.

MICROSOM — Organização especializada em protese auditiva.

LISBOA: Av. Almirante Reis, 75-1.º Esq.

PORTO: Praça da Batalha, 3-4 — FARO: Rua Ivens, 24-26

Nacional

Subempreiteiros propõem-se

"Combater todas as irregularidades em benefício do País"

Numa conferência de Imprensa realizada em Lisboa, na sede da Associação Nacional dos Subempreiteiros — ramo que emprega milhares de operários especializados na pós-estrutura dos prédios — os empreiteiros presentes salientaram a «falta de fiscalização que permite a proliferação de subempreiteiros clandestinos», a «classificação desonesta dos operários integrados na construção civil» e, ainda, «a falta de trabalho reinante no sector. Segundo as afirmações dos membros da mesa «há subempreiteiros que continuam a ter ao seu serviço operários sem um mínimo de legalidade» o que lhes permite «uma concorrência desleal dado que não pagam quaisquer encargos sociais ao Estado» oferecendo assim «orçamentos muito mais baixos».

«Por este motivo — salientaram — solicitamos do Governo uma maior atenção para que sejam inspeccionados todos os postos de trabalho afim de se detectarem as fraudes que permitem a fuga aos impostos»: «Legalizados não podemos competir com esses tais clandestinos, aos quais os construtores continuam a dar total cobertura». Recorda-se que os subempreiteiros legalizados suportam encargos da ordem dos 28,5 por cento dos salários-base de cada operário, além de pagarem contribuições industrial e suplementar, esta aos bairros administrativos ou às câmaras municipais.

Perante a concorrência de que são alvo por parte dos não legalizados, os subempreiteiros revelaram que se «encontram em situação delicada» pois não desejam desempregar ninguém e não sabem onde lhes arranjarão dinheiro para pagar os ordenados ao fim de cada mês se não tiverem trabalho para os operários.

Este sector emprega milhares de operários especializados, nomeadamente, electricistas, canalizadores, estucadores, pintores, ladrilhadores, marmoriteiros, taqueiros, carpinteiros, armadores de ferro, pedreiros e serventes.

No decurso da conferência de Imprensa disse ainda o presidente da associação: «Pretendemos também alvará de construção geral para a edificação total dos prédios dado que estamos aptos a construí-lo do princípio até ao fim».

Outros dos problemas focados é a falta de qualquer tipo de assistência social a que os subempreiteiros estão sujeitos.

ERA COMER CARNE DE VACA

Continuação da pág. 3

— Bilau, estás aí mais ao pé... — Alcancei-lhe o cângero para o encher na torneira do quinto.

Escuro da noite. Abri a gaveta da mesa de pinho velho, procurei, às cegas, no meio de tanta tralha, o bico de vela, acendi-o com o esqueiro que saquei da algibeira. Pinguei dois pingos de estearina derretida no canto da mesa, colei neles a vela acesa. Abriu-se um buraco redondo de luz bamboleante e froixa no negrume da adega, sombras de fantasmas dançavam pelas paredes.

Bilau veio, sentou-se, deixou o vinho escorrer de novo nas teladeiras — na sua e na minha — e, levando a dele à boca:

— Anha, sabes, ê queria que me desses um conselho...

— Dar-te um conselho?! Eu, Bilau?!

Bilau olhava-me, no pasmo de quem não compreendia a minha estranheza, a minha surpresa:

— Anha, sim, um conselho...

— Mas como, se não tenho conselhos para mim?!

Puxei um cigarro, entalei-o entre os lábios, curvei-me para o bico de velha, acendi o cigarro na chama. Os olhos de Bilau fitavam-me com curiosidade patusca e manhosa:

— Anha, sempre podes dizer üa coisa...

Traguei duas ou três fumaças:

. — Posso lá dizer coisa nenhuma!

. — Anha, podes sim! — E Bilau enrolava na mortalha de casca de milho o tabaco da terra que estivera, com o ferro da navalha, a picar na palma da mão.

— Conselhos, não tos dou, Bilau. Tomara que tivesse quem mos quisesse e soubesse dar!

— Antes que chupasse uma fumaça mais, emborquei outra teladeira: — Mas que é que me queres dizer, afinal?

Bilau emborcou também a sua teladeira:

— Sabes? Ê tou pensando em ir inté à França...

Fiquei, aparvalhado, com a teladeira na mão imóvel no ar:

. — Até à França, Bilau!? Tu?!!

Ele não gostou do meu espanto:

— Anha, sim, inté à França... Que tem isso?

. — Tem muito e não tem nada. — sacudi a cinza do cigarro, fiquei por momentos a pensar: — Tu... Deixa cá ver... Eu já fiz os cinquenta... Tu andas já na volta dos cinquenta e três... Oue queres, com essa idade, ir fazer prá França? Com essa idade e com esses cabelos que não enganam ninguém...

Bilau defendia-se, quase agressivo:

. — Anha, eu ainda posso com qualquer rapaz de vinte anos!

. — Poderás. Isso é lá contigo. Como te disse, não tenho conselhos para dar a seja quem for. Agora, o que eu ainda gostava era que me dissesses o que vais fazer prá França...

Bilau deixou na mesa a teladeira que ia levar à boca:

. — Anha, vou trabalhar nas construções e ganhar dinheiro, muito dinheiro, pra comer carne de vaca, pra comer bifes de vaca, todos os dias e a três vezes por dia...

eleições 76

autarquias locais

O Secretariado Técnico dos Assuntos Políticos e Eleitorais esclarece:

As autarquias locais são a forma de Poder Local consignada na Constituição e que nos permite intervir na vida da nossa comunidade a nível de freguesia e de concelho.

O referido poder exerce-se através dos seguintes órgãos:

— A Assembleia de Freguesia,
— A Junta de Freguesia
— A Câmara Municipal,
— A Assembleia Municipal e
— O Concelho Municipal

De acordo com a Constituição da República, até 15 de Dezembro deste ano, iremos eleger cidadãos para os seguintes órgãos de poder local:

1.º — A Assembleia de Freguesia, da qual sairá a Junta de Freguesia

2.º — A Câmara Municipal e

3.º — A Assembleia Municipal

Gado do Pico espera barco para Lisboa

Cerca de três mil cabeças de gado bovino açoriano aguardam na ilha do Pico embarque com destino ao mercado do Continente, o que, por razões de deficiência e insuficiência de transportes, não se registou até ao momento.

É com grande apreensão que a pequena e média lavoura picoense espera uma solução ao problema, agravado pelo facto de as pastagens estarem a ser alvo dos ataques de lagartas.

CURSOS COMPLEMENTARES
DO ENSINO TÉCNICO
PARA ALUNOS C CURSOS GERAIS TECNICOS
ACESSO DIRECTO AO ENSINO SUPERIOR

EXTERNATOS
MARQUÊS DE POMBAL — ALVARES CABRAL
Rua Morais Soares, 98 — Avenida Gulo Vasco, 1
Tel. 888221/884888 — (Benfica) Tel. 708874/5

PREPARATÓRIO-LICEAL
(GERAL E COMPLEMENTAR)
ADIL UNIVERSIDADE
(EXAMES «AD HOC» — Maiores de 25 anos)

Nacional

SEGUNDO A PRESIDENCIA

Métodos dos G.D.U.P.'s deixam dúvidas sobre a sua constitucionalidade

. A Presidência da República confirmou que o general Ramalho Eanes tinha recusado uma audiência aos dirigentes dos GDUP's, atendendo à indefinição ideológica e jurídica daquela organização bem como à existência de dúvidas sobre se os seus métodos se enquadram nas normas constitucionais.

Recorda-se que ontem publicámos um comunicado da CNPUP — condenando a recusa do Presidente da República em conceder-lhe uma audiência para a apresentação dos objectivos de luta imediatos da organização.

DESMENTIDO À U.D.P.

O Gabinete de Imprensa da Presidência da República emitiu também uma nota desmentindo as afirmações feitas pelos representantes da U.D.P., que anteontem se avistaram com Ramalho Eanes.

Segundo a nota em questão, o general Eanes nunca afirmou que «a crise teria de ser resolvida à custa dos trabalhadores», mas apenas manifestou interesse em saber quem seriam os grandes capitalistas que, para a U.D.P., deveriam suportar o preço da crise económica.

«Isto» foi um dos automóveis destruidos na explosão da Avenida da Liberdade

M.E.S. COM A IMPRENSA

"Golpismo militar cedeu o passo ao golpismo legal"

«O Governo de Soares, ao satisfazer as exigências antioperárias e antipopulares da burguesia e do imperialismo, mais não faz do que dar força e viabilidade ao Governo de direita que os inimigos do nosso povo pacientemente nos procuram impor», afirmou-se ontem numa conferência de Imprensa promovida pelo M. E. S.:

. Segundo o documento lido por Francisco Farrica, membro do Comité Central do M. E. S., o 25 de Novembro «liquidou o M. F. A. e instalou no nosso país uma democracia burguesa limitada».

A actual situação é definida como o momento em que o «golpismo militar cedeu o passo ao golpismo legal» porque a direita reaccionária e fascista prepara pacientemente o terreno para o regime de exploração e de repressão sobre o povo.

O documento afirma, a seguir, que «a ameaça fascista vai engrossando, com o reforço das posições dos reaccionários das Forças Armadas, que vão ocupando os postos de comando, de unidade militar à região militar e ao Estado-Maior».

Referindo-se ao discurso de Mário Soares na TV, o MES considera que ele veio confirmar o que o programa de Governo deixava entrever, ou seja, «uma política de compromissos e cedências com a direita reaccionária e fascista».

«A social-democracia», considera o M.E.S., «acossada pelas forças fascistas, acaba por lhes fazer o jogo. No nosso país e na situação actual isto traduz-se no abrir de condições para fórmulas de Governo de coligação de direita, sob a capa da competência que só os militares, os dólares e os marcos são capazes de lhes fornecer.»

. O comunicado que nos temos vindo a referir aborda depois as questões relacionadas com o Movimento Unidade Popular, afirmando que «o amplo movimento de massas desencadeado com a campanha eleitoral de Otelo e continuado nas mais diversas frentes de luta» confirma a viabilidade histórica da «construção de uma organização política, unitária, popular e de massas, com expressão orgânica, ideológica e política próprias, aberta a todos os democratas, antifascistas e revolucionários, com e sem partido».

Continuando, o M. E. S. afirma que «nada poderá impedir a realização do Congresso dos G. D. U. P.'s, nada poderá impedir a criação do Movimento de Unidade Popular e a consolidação organizativa dos G. D. U. P.'s, nem o vanguardismo sectário ou o esquerdismo anarquizante presente neste projecto de unidade, nem, sobretudo, as manobras do reformismo revisionista ou os ataques das forças de burguesia.

Referindo-se à saída da F. S. P. dos G. D. U. P.'s, onde, segundo o M. E. S. a «sua presença era nula ou insignificante», afirma o comunicado que esta atitude comprova o facto de a F. S. P. ser uma força antiunitária, ao serviço do reformismo revisionista e traça-lhe «o destino do desaparecimento ou da perca total de independência política».

O comunicado termina referindo a disposição do M. E. S. de se empenhar na realização do Congresso dos G. D. U. P.'s e apelando para a mais ampla participação democrática nos trabalhos preparatórios em curso, .«pela implantação de métodos correctos de trabalho e aprofundamento do debate político, pela derrota de quaisquer tentativas de manipulação partidária no processo de constituição do M. U. P. e pela sua consolidação como instrumento ao serviço da unidade do povo contra o fascismo, o capitalismo e o imperialismo».

1º de Maio, explosão na Avenida, um morto

Agente Regadas (da Judiciária) armadilhou o automóvel

Contrariamente ao que foi noticiado na altura não era um Fiat 127, francês, o automóvel armadilhado que explodiu violentamente na Avenida da Liberdade, ao princípio da manhã do 1.º de Maio deste ano, tendo provocado um morto e seis feridos.

Tratava-se antes, como tudo indica, do Austin «mini» EN-33-48, branco, pertencente ao sr. Manuel Pereira Gonçalves, solteiro de 25 anos, fiandeiro, residente no Porto, furtado do aeroporto de Pedras Rubras horas antes da explosão, no dia 30 de Abril à tarde.

O proprietário do veículo por nós contactado disse-nos que efectivamente o automóvel fora roubado do parque de estacionamento de Pedras Rubras cerca das 16 horas do derradeiro dia de Abril, enquanto se dirigia à sala de espera. Deixara o carro aberto e em cerca de cinco minutos conforme nos disse a viatura desapareceu.

Segundo uma testemunha teriam sido dois indivíduos os autores do furto. Foi, de seguida apresentada queixa na 10.ª esquadra da P.S.P. mas o veículo nunca mais apareceu. O carro tinha apenas 2000 quilómetros e havia sido comprado há pouco mais de dois meses.

Através de fonte próxima de um conhecido de Ramiro Moreira, soubemos que tal furto teria sido referido pelo operacional-bombista detido em Caxias e que ele, inclusivamente, teria documentos do EN-33-48.

Presume-se portanto, que um dos autores do furto tenha sido Ramiro Moreira, de Pedras Rubras ter-se-á dirigido à Póvoa de Varzim, onde se suspeita que a viatura tenha sido armadilhada pelo agente Júlio Regadas, também preso em Caxias. Dali arrancaram para Lisboa com outro automóvel além do EN-33-48. Distribuídos pelos dois veículos seguiram para além do Ramiro Moreira, o José Manuel Marques da Costa («Manuel Águia») o Manuel Teixeira e o António Rangel, todos detidos em Caxias.

O objectivo era, como na devida altura se noticiou, o centro de trabalho do P.C.P., a poucos metros do local da explosão que se verificou às 6.15 da manhã.

Presume-se que na impossibilidade de colocarem o veículo armadilhado mesmo junto daquele centro de trabalho dada a vigilância exercida pelos militantes comunistas, os bombistas se tenham quedado pelo abandono da sua viatura nas suas imediações.

Recorde-se que a explosão foi de tal violência que abalou profundamente toda a baixa lisboeta tendo provocado uma enorme cratera no local.

Recorde-se que, tal como noticiámos na altura, a explosão vitimou um jovem de 15 anos que passava acidentalmente no local. Tratava-se de Alomor de Sousa Rodrigues, de 15 anos, natural da Capeludos «Vila Pouca de Aguiar). Encontrava-se em Lisboa há três anos a trabalhar na leitaria Liberdade na Rua das Pretas.

Ficaram ainda feridos pela explosão António José Serrano Lança, de 30 anos, empregado de balcão; António Rui de Sousa Mendes, de 17 anos servente de pedreiro; Lídio Manuel Garcia, de 22, soldador; Manuel Marques, pintor; José Jorge Alexandre, de 20 pintor e Adelino de Jesus Gonçalves, de 26, montador de andaimes.

PUB

FEDERAÇÃO

DOS SINDICATOS DAS INDUSTRIAS DE PANIFICAÇÃO, PRODUTOS ALIMENTARES

COMUNICADO

AOS TRABALHADORES DA PANIFICAÇÃO
A TODOS OS TRABALHADORES, EM GERAL
A TODO O POVO PORTUGUÊS
AO 1.º GOVERNO CONSTITUCIONAL

Os trabalhos de elaboração da Portaria de Regulamentação de trabalho para os trabalhadores da Indústria de Panificação pouco têm avançado devido ao sistemático boicote aos trabalhos da Comissão de Estudo por parte dos representantes do patronato que vêm votando contra tudo o que se relacione com direitos e garantias dos trabalhadores.

Para cúmulo de actuação daqueles senhores saudosistas do passado de repressão anterior ao 25 de Abril, na sessão de trabalho do dia 14 de Setembro de 1976 daquela Comissão integrado em representação o Dr. SILVA LOPES, advogado bem conhecido pelos seus méritos oratórios provocatórios se tornaram bem conhecidos dos trabalhadores portugueses, nessa sessão porém, aquele Senhor excedeu todos os limites.

Apresentando-se com o único intuito de sabotar os trabalhos da Comissão e de provocar, tanto os trabalhadores, como as próprias instituições democráticas.

Mais seguro nas provocações que no ano passado nas negociações, dado o avanço das forças da reacção e o processo de recuperação capitalista a que actualmente vamos assistindo não hesitou em destilar todo o seu ódio recalcado ao longo de alguns meses contra os trabalhadores ofendendo tudo e todos!.

Até o próprio Governo que vem abrindo de par em par as portas à recuperação capitalista atacando os trabalhadores e passando em claro o patronato reaccionário e sabotador nas suas críticas, não escapou!.

Desde incompetência à falta de honestidade tudo foi dito por aquele advogado ACERCA DOS GOVERNANTES e sobretudo do Ministério do Trabalho inclusive seu representante na Comissão Técnica.

Mas que resposta merece este Senhor e o Patronato Reaccionário da Panificação por parte do Governo? NENHUMA!

Mas afinal que interesses defende o Governo?, apesar de tudo não queremos acreditar que o Governo esteja interessado em deixar-se caluniar e exigimos que o Governo se defina, defendendo-se dos ataques e provocações dos representantes do Patronato Reaccionário (como é o caso do Dr. Silva Lopes), que tome uma clara posição em defesa dos interesses dos trabalhadores; pois se o Governo o não fizer, se o Governo não está interessado em fazê-lo é porque os seus interesses não coincidem com os nossos. **E ENTÃO TEREMOS NÓS QUE O FAZER**

Lisboa, 16 de Setembro de 1976

O SECRETARIADO

PUBLICIDADE

CASA

Trabalhador desta empresa precisa urgentemente de cinco divisões em Lisboa. Indemniza em termos a combinar. Resposta a este jornal ao n.º 1655.

Nacional

Governo dos Açores suspende saída de batata

PONTA DELGADA, 18 — Assinada pelo eng. António Manuel Medeiros Ferreira, secretário regional do Comércio e Indústria, foi divulgada a seguinte nota referente ao abastecimento de batata:

« 1 — A delegação da Junta Nacional das Frutas está a proceder a uma prospecção urgente nas zonas de maior produção, com vista a ter-se conhecimento exacto das existências de batata na região.

«2 — No entanto, e até um perfeito esclarecimento da situação, foram suspensas as autorizações para saída de batata da Região, exceptuando-se apenas os lotes que comprovadamente já tinham embarque fixado.

«3 — Logo que se conheçam as quantidades de batata existentes, e depois de assegurado o abastecimento do arquipélago, poderão ser autorizados novos embarques de batata.

«4 — O Governo Regional está a providenciar a criação urgente de um Fundo de Comercialização da Batata. Com vista à estabilização dos preços, com garantia dos interesses dos produtores e também dos consumidores.»

Asdrúbal Calisto vai para a Enatur

Por resolução do Conselho de Ministros de 14 de Setembro foram nomeados para o conselho de gerência da ENATUR (Empresa Nacional de Turismo) os drs. Asdrúbal Alves Pereira Calisto, Fernando Luís Brasão Gonçalves e Licínio Alberto de Almeida Cunha. A posse dos novos gerentes da empresa será conferida pelo ministro do Comércio e Turismo.

NOTA OFICIOSA

O que se passa com o bacalhau

O Ministério do Comércio e Turismo tornou ontem pública a seguinte nota oficiosa:

«Em 15 de Setembro o Sindicato dos Trabalhadores da Marinha Mercante, Aeronavegação e Pescas promoveu uma conferência de Imprensa onde foi analisada a situação da produção comercialização, abastecimento e preços de bacalhau.

Em conformidade com os relatos transcritos na Imprensa diária do diá 16, o Ministério do Comércio e Turismo considera que há inexactidão nos dados e comentários expendidos pelos dirigentes sindicais ali presentes, pelo que entende dever esclarecer a opinião pública do seguinte:

1 — No decurso da conferência de Imprensa foi referido que 80 por cento do bacalhau normalmente lançado no mercado é proveniente das capturas nacionais.

IA realidade é bem outra. Já em 1974 a produção nacional não ultrapassou os 54 por cento de consumo, em 1975 baixou para 42 por cento e para 1976 prevê-se uma produção de cerca de 31 por cento.

Como é óbvio, as quantidades importadas, em ordem a manter o abastecimento minimamente regularizado, têm vindo a aumentar.

Para 1976 estima-se que a produção nacional seja de cerca de 20 mil toneladas e qye os quantitativos da importação não serão inferiores a 45 mil toneladas, o que significa que no ano corrente será importado cerca de 69 por cento do bacalhau destinado ao consumo.

2 — Fez-se ainda alusão à existência, em depósito na Comissão Reguladora do Comércio do Bacalhau, de 120 mil fardos prontos a serem lançados no mercado.

O Governo autorizou a CRCB a não fazer distribuição de bacalhau durante os meses de Julho e Agosto, período em que o risco de deterioração deste bem alimentar é maior e em que a existência de substitutos, como é o caso do peixe fresco, é também maior. Se acaso o Governo autorizasse a CRCB a fazer a distribuição dos 120 mil fardos, seria forçado a fazer importações maciças, incomportáveis com a realidade económica-financeira do País, que implica uma rigorosa contenção de divisas.

As existências de bacalhau em armazém, não sendo de forma alguma exorbitantes, permitirão, a partir de Setembro e durante os meses de Inverno, designadamente na quadra do Natal, um abastecimento satisfatório, conquanto não corresponda às exigências da muita procura.

3 — Relativamente a uma referência de que havia já bacalhau atingido pela «vermelhidão», esclarece-se que as existências em armazém estão perfeitamente controladas pelos técnicos da CRCB, não havendo qualquer anormalidade no tocante à sua conservação.

Conforme a CRCB informou atempadamente os seus clientes através de circular, detectou-se a existência de alguns peixes com pigmentação de «vermelho» (o que não significa, necessariamente, que está impróprio para consumo), mas que, além de afectar apenas uma pequena parte de um lote bem identificado, nada tem a ver com as condições de armazenagem, pois tal facto teve origem numa preparação menos perfeita e já detectada.

4 — É totalmente infundada a referência de que a CRCB tenha solicitado aos armadores e industriais do Norte para colaborarem na retenção do bacalhau.

Aliás, é do conhecimento público que a CRCB, e só a partir de meados de 1975, controla e intervem exclusivamente na distribuição do bacalhau importado, estando a distribuição do bacalhau da produção nacional à responsabilidade dos armadores, das empresas nacionalizadas e sob intervenção.

Deste modo a CRCB não controla, neste momento, o bacalhau da produção nacional.

São do conhecimento do Ministério do Comércio e Turismo casos de empresas armadoras, uma das quais efectivamente nacionalizada, que venderam a produção das suas unidades globalmente em verde a um número reduzido de armazenistas.

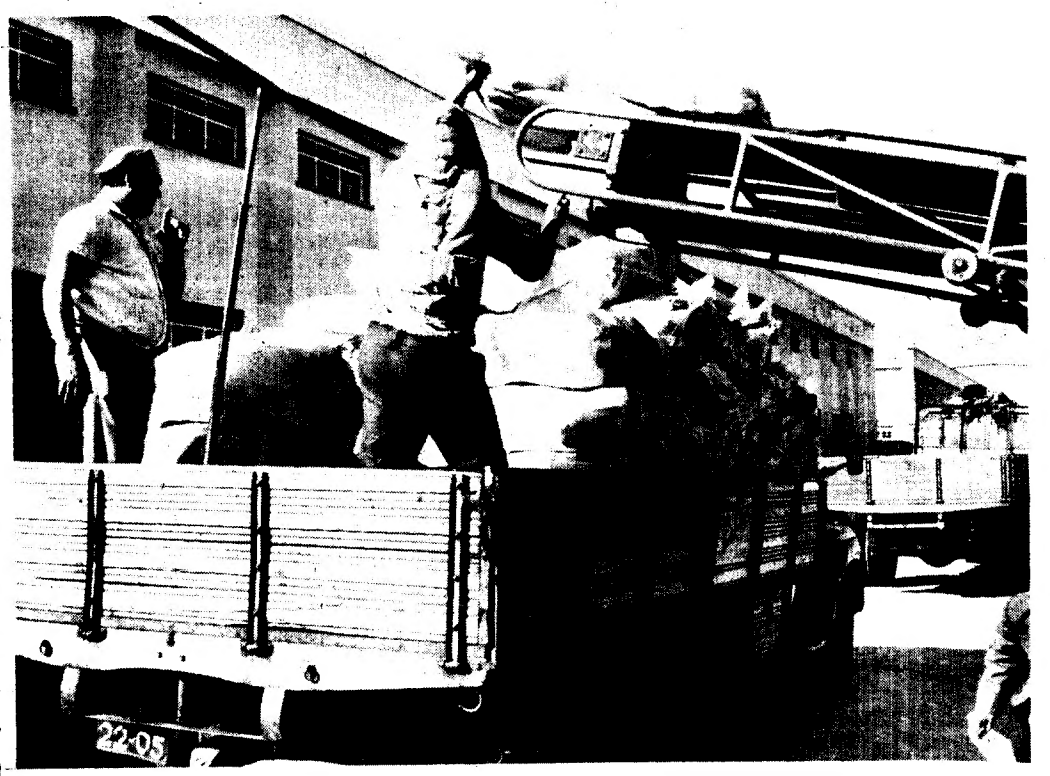
Consciente dos inconvenientes destas práticas e da eventual especulação a que podem dar lugar, o Ministério do Comércio e Turismo informa a população que tais casos estão a ser devidamente analisados e serão objecto do rigor da lei.

Por outro lado estão em estudo medidas tendentes a permitir ao Governo uma equilibrada política de abastecimento público, a qual, em virtude de não estar actualmente controlada a produção nacional, é, com efeito, por ora inviável.

5 — No que respeita ao nível de preços do bacalhau e espécies afins estabelecido na tabela legalmente em vigor (Portaria n.º 144-D/75, de 3 de Março), e a sua denunciada desadaptação com as actuais realidades económicas, está também o Ministério consciente de tal situação, que será devidamente ponderada no âmbito da política de preços já anunciada pelo Governo.

6 — Por último não pode o Ministério deixar de lamentar a forma distorcida e alarmista com que os dados referentes à produção, comercialização, abastecimento e preços do bacalhau foram apresentados pela organização laboral.

Neste sentido, e porque o Sindicato dos Trabalhadores da Marinha Mercante, Aeronavegação e Pescas tornou público, em conferência de Imprensa, que conhece empresas nacionalizadas ou com intervenção do Estado que vendem partidas de bacalhau verde a armazenistas, ainda no alto-mar, com conivência das comissões de gestão, o Ministério do Comércio e Turismo convida os responsáveis por tais afirmações a concretizarem as acusações proferidas, denunciando os eventuais prevaricadores».



Um flagrante dos últimos movimentos de distribuição de bacalhau em Lisboa, a que anteontem fizemos referência

Caminhos de Ferro Portugueses

Informações ao Público

Verbais e Telefónicas

Horário a praticar durante os meses de Julho, Agosto e Setembro

LISBOA-ROSSIO:

Informações Verbais:
das 08.00 às 20.00 horas

Informações Telefónicas:
32 62 26 / 32 62 27 / 32 62 28
das 10.00 às 20.00 horas

LISBOA-SANTA APOLÓNIA:

Informações Verbais:
das 08.00 às 20.00 horas

Jornalistas holandeses no Porto

PORTO, 18 — Para uma estadia de cinco dias ao Norte chegou ontem ao Porto, um grupo de jornalistas de turismo holandeses, especializados em gastronomia e vinhos.

A visita destina-se à recolha de elementos sobre os assuntos da sua especialidade, que posteriormente divulgarão na Imprensa holandesa.

Depois de permanecerem estes dias no Norte do País, os jornalistas deslocar-se-ão também ao Centro e Sul.

Central do Alviela pode arrancar

«Se for inserida uma verba no Orçamento Geral do Estado é possível começar, já no próximo Verão, a construir a Central de Tratamento das Águas» — afirma a Comissão de Luta Anti-Poluição do Alviela, segundo a qual a Hidráulica e os guarda-rios se têm limitado a «ameaçar os camponeses e os trabalhadores a pagarem o seu próprio prejuízo com a utilização da água do rio».

A CLAPA afirma ainda que a não inserção da verba até final do próximo mês de Outubro, significará que só em 1978, ou depois, se iniciarão as obras. Atendendo aos efeitos altamente prejudiciais da poluição a CLAPA dirige um apelo à população do alviela para que intensifique a luta pela concretização do orçamento destinado à construção da Central.

BATAS ESCOLARES
ALTAMENTE ESPECIALIZADOS
TINTURARIA GUANABARA - Dep. Confecções
Av. João XXI, 5-D — R. Infanteria 16, 55-C — Lisboa

Em ALHOS VEDROS o DIÁRIO DE LISBOA vende-se na TABACARIA MODERNA

Nacional

HOJE EM LISBOA

Encontro Nacional sobre "Apelo de Estocolmo"

. O Conselho Português para a Paz e Cooperação leva a efeito hoje, das 10 às 18 horas, no Anfiteatro da Biblioteca Nacional, em Lisboa, um Encontro Nacional que irá culminar a campanha de assinaturas do «novo Apelo de Estocolmo» contra a corrida aos armamentos, pelo desanuviamento e cooperação.

O encontro que é aberto a todas as colectividades, sindicatos, comissões de trabalhadores e moradores tem o apoio de conhecidas figuras da cultura portuguesa, nomeadamente os profs. Teixeira Ribeiro, Paulo Quintela, Orlando de Carvalho, dr. Vítor de Sá, o director do Centro Cultural de Évora, Mário Barradas, o governador civil cap. Cardoso, o padre Alves Gomes da presidência do C. P. P. C. etc. Em Coimbra assinaram ainda o Apelo o prof. Boaventura de Sousa Santos, dra. Maria Helena da Rocha Vieira, profs. Luís Albuquerque, Carrington da Costa e dr. Manuel Catroga. No Barreiro subscreveram as listas entre outros, Augusto Valegas e drs. Antunes Real, Hélder Fráguas e Eusébio de Sousa.

EMPRESAS EM AUTOGESTÃO

O Encontro conta, também com o apoio do Secretariado das Empresas em Autogestão e Cooperativas, que deseja ver concretizadas as disposições constitucionais que prevêem o «desarmamento geral, simultâneo e controlado» e a «dissolução dos blocos político-militares».

O secretariado defende a desactivação de «todas as armas nucleares e das outras armas destruição massiva» e a «convocação, sem tardar, pela O. N. U., da Conferência Mundial do Desarmamento», manifestando implicitamente o seu acordo com a finalidade do Encontro, que visa contribuir para o esclarecimento e aplicação dos acordos de Helsínquia.

CIL TAMBÉM APOIA

Pelas mesmas razões, o Secretariado das Comissões de Trabalhadores da Cintura Industrial de Lisboa (CIL) apoia o encontro hoje realizado, tendo solicitado a comparência de todos os trabalhadores e das suas comissões representativas naquela iniciativa.

A CIL «apoia os esforços desenvolvidos em todo o Mundo pelas forcas progressitas, que procuram levar à prática os acordos de Helsínquia de modo a conseguir-se pôr fim a corrida dos armamentos, assim como o iniciar do desarmamento simultâneo e controlado e do desanuviamento». Para esta organização, representativa dos trabalhadores das principais empresas da cintura industrial de Lisboa e da margem Sul, o primeiro aniversário dos acordos de Helsínquia representa um «marco histórico na luta dos povos da Europa e de todo o Mundo pela causa da Paz».

Organismo do P.S. apoia processo contra "A Rua"

. A decisão governamental de processar o semanário de extrema-direita «A Rua», foi objecto ontem de um comunicado de apoio emanado da «Secção Coordenadora dos Trabalhadores da Informação do PS».

«A exigência do pluralismo na via da construção socialista — lê-se no referido comunicado — não vai ao ponto de permitir que confessos implicados e fiéis colaboradores do regime de Salazar e Caetano pretendam destruir a democracia por que lutamos e queremos ver consolidada neste País».

Ainda segundo aquele organismo do PS, o semanário agora processado «está fora do processo democrático português».

Recorde-se que, ao justificar a medida agora tomada, a secretaria de Estado da Comunicação Social salientava numa nota que o citado número de «A Rua» fazia «a apologia do regime fascista e colonialista, num desafio frontal à letra e ao espírito da Constituição, calunia partidos democráticos e insulta militar[es] do 25 de Abril a quem cha[ma] palhaços fardados».

Trabalhadores na Imprensa contra Direcção Sindical

. As decisões de uma assembleia recentemente levada a efeito e na qual a direcção do Sindicato dos Trabalhadores na Imprensa se obrigava a desligar-se dos sindicatos subscritores da «Carta Aberta» não estão a ser cumpridas — segundo informam o signatário e sócios apoiantes da proposta aprovada por grande maioria no referido plenário.

Aquela direcção acabaria ainda por recusar a publicação na Imprensa da citada proposta que, além do rompimento com a «Carta Aberta», a vinculava a participar em todas as reuniões convocadas pelo Secretariado da Intersindical, e a alinhar na defesa das posições até agora assumidas em relação ao Congresso dos Sindicatos, pela Comissão Organizadora Provisória.

A denúncia sobre a atitude da direcção do Sindicato de Trabalhadores na Imprensa, levada a efeito pelo grupo de sócios apoiantes daquela proposta, engloba, igualmente, a crítica ao comportamento demissionista de todos os membros da assembleia geral no plenário, a que fazemos referência, e que tinha como ponto único da ordem de trabalhos o Congresso dos Sindicatos.

SUSPENSO HÁ UM ANO "Diário do Alentejo" pronto para reaparecer

BEJA, 17 — Cumprindo instruções da Secretaria de Estado da Comunicação Social, o governador civil de Beja, tenente-coronel Carvalho Figueira, indicou recentemente, para efeito de nomeação oficial, o elenco da comissão administrativa que vai gerir a empresa Carlos Marques-Indústrias Gráficas, SARL, proprietária do nosso colega «Diário do Alentejo», jornal cuja publicação foi suspensa em 31 de Agosto do ano passado em consequência de dificuldades financeiras.

Deste modo, parece estar para breve o reaparecimento daquele periódico, o que deverá processar-se no âmbito da reestruturação da imprensa regional programada pelo Governo.

Os redactores do «Diário do Alentejo» (jornalistas profissionais que não vivem situações de pluriemprego) haviam-se avistado há semanas com o subsecretário do mesmo departamento governamental, Soares Louro, a quem expuseram a grave situação que os afecta, afirmando «que não pode ter-se como curial que jornalistas da província procurem emprego nos jornais dos grandes centros, enquanto eles, segundo o projecto anunciado, virão a destacar-se profissionais para os órgãos de âmbito e características regionais».

Conforme se acentua no parágrafo preambular do respectivo estatuto editorial, «jornal regionalista independente, surgido à luz da publicidade quando o regime fascista do 28 de Maio já havia consolidado a máquina repressiva em que se escorou durante a vigência do seu governo antipopular, «Diário do Alentejo», ao longo dos seus 43 anos de existência, afirmou-se sempre, e não obstante os opressivos condicionalismos de uma Censura, depois eufemisticamente transformada em «exame prévio», uma voz recalcitrante ante a s injustiças e arbitrariedades políticas, sociais e económicas que eram a tónica do poder ditatorial e nunca escondeu o seu propósito de luta por uma sociedade verdadeiramente democrática e socialista».

Segundo fontes que reputamos de fidedignas, o «Diário do Alentejo» irá ter novo director, dado que o dr. Henrique Torres, que sucedeu naquele cargo ao jornalista Melo Garrido, em meados do ano passado, não deseja reassumir as funções.

Seminário de Jornalismo de inspiração cristã

. O semanário católico «Nova Terra» anuncia o início, na próxima segunda-feira, de um Seminário de jornalismo para a Imprensa regional de inspiração cristã, promovido pela Comissão Episcopal para os Meios de Comunicação Social.

O Seminário, segundo a notícia, durará dez dias, contando com a participação de mais 50 responsáveis da Imprensa regional, da Rádio Renascença, do Conselho Nacional dos Institutos Religiosos e da Federação Nacional dos Institutos Religiosos Femininos.

Estão previstas, durante o tempo de duração do Seminário, lições de jornalismo por figuras destacadas, como seja o bispo do Porto, D. António Ferreira Gomes, e directores do «Diário Popular», do «Expresso» e do «Diário de Notícias», respectivamente Jacinto Batista, Francisco Balsemão e João Gomes.

Nota oficiosa

M.E.I.C., "Diário" e Educação

O Ministério da Educação e Investigação Científica tornou público a seguinte nota oficiosa:

«Tem o jornal «O Diário» fomentado uma campanha diária, baseada em incorrecções, meias-verdades e falsidades, contra as medidas — sejam elas quais forem — que vêm sendo adoptadas pelo M.E.I.C.

O M.E.I.C. tem-se despensado de responder a tais ataques, na medida em que eles visam a figura do ministro ou a defesa de compadrios do que propriamente a política do Ministério.

Todavia, na sua edição de 9/9/76, publicou «O Diário» na 1.ª página, uma notícia que pelo seu teor e títulos é susceptível de causar alarme e prejuízo a terceiros que nada têm a ver com tal campanha.

Torna-se, pois necessário abrir uma excepção e repor a verdade dos factos, o que se faz seguidamente:

1 — A notícia publicada por «O Diário» é alarmista, falsa e especulativa.

2 — Alarmista porque pretende sugerir a existência de uma tentativa de boicote aos exames das Escolas do Magistério Primário, se é que não se destina mesmo a incitar a esse boicote, criando assim justificado alarme entre os candidatos que se encontram a prestar provas.

3 — É falsa porque afirma que a realização de tais exames foi colocada em perigo, pela «precipitação» do M.E.I.C. ao tomar as medidas constantes do despacho 672/76, de 29 de Julho, assinado pelos secretários de Estado da Administração e Equipamento Escolar e da Orientação Pedagógica. Uma simples leitura do despacho em questão revela, com efeito, que as medidas referentes à situação dos professores das Escolas do Magistério Primário, apenas se tornarão efectivas a partir de 30 de Setembro, precisamente para não colidir com a realização dos exames.

Acrescenta-se, aliás que estes têm decorrido normalmente, tendo-se realizado já as provas escritas, nos prazos e nas condições normais.

4 — A notícia é ainda falsa na medida em que afirma terem sido «suspensos» todos os professores das Escolas do Magistério Primário.

Na verdade, nem são todos, nem foram suspensos. O citado despacho abrange apenas os professores destacados em comissão de serviço e as «pessoas idóneas» colocadas em regime de prestação de serviços. Quanto aos primeiros prevê-se o seu regresso aos postos de origem e quanto aos segundos a sua despensa, sem prejuízo de uns e outros poderem vir posteriormente a candidatar-se aos postos que agora abandonam, em igualdade de circunstâncias com os restantes candidatos e desde que para tal possuam as necessárias habilitações.

Procurou-se com tais medidas por termo a um regime comummente entendido como especial e transitório, em benefício da moralização da forma de recrutamento de professores, a qual passa obrigatoriamente pelo seu provimento através de concurso público, tal como está expressamente previsto no [...] de Governo aprovado pela [...] da República.

Por [...]lo, há que garantir a democ[...]zação do ensino; é o que se faz, s[...] o recrutamento de profess[...] de convite, pelo concurso púb[...]erto a todos e em igualdade de c[...]unstâncias, conforme um projecto de decreto-lei que em breve será publicad[...].

Por outro la[...], há que garantir a melhoria da qualidade do ensino e assim não se compreenderia que continuassem a ser admitidos, para professores de professores, indivíduos que, por maior que seja a sua dedicação e idoneidade, não possuem as necessárias habilitações mínimas, e como tal, não adquiriram direitos.

5 — A notícia de «O Diário» é, finalmente, especulativa, pois caracteriza de «histeria saneadora» aquilo que, como se viu, não passa de medidas cuja necessidade é facilmente sentida por quem tenha um mínimo de isenção e conhecimento de causa. Aqueles que aprendem preferem certamente, ser ensinados por quem tenha competência para o fazer. E aqueles que ensinam desejam, certamente, ver o seu estatuto de docentes regulado segundo critérios de competência e habilitação profissional.

É sim a histeria de que «O Diário» vem fazendo prova em relação ao M.E.I.C. que reflecte o estado da Educação em Portugal, verdadeiro campo de batalha político, onde os incompetentes aproveitam para se degladiarem em busca de um lugar à mesa do Orçamento».

PUB

SINDICATO DOS TRABALHADORES DA INDÚSTRIA VIDREIRA

CONGRESSO DE TODOS OS SINDICATOS

A TODOS OS TRABALHADORES DO DISTRITO DE LISBOA, INDEPENDENTEMENTE DA SUA PROFISSÃO

Em sequência das decisões de Reunião Geral de Sindicatos, do dia 4 de Setembro, realizada no Instituto Superior Técnico, que contou com a presença de 170 Direcções Sindicais, reunião essa onde foi eleita a Comissão Nacional Organizadora Provisória do Congresso — CNOPC, veio a realizar-se uma reunião com os sindicatos do Distrito de Lisboa, filiados e não filiados na Intersindical Nacional. Nesta reunião, elegeu-se uma Comissão Dinamizadora Distrital — CDD, com abertura a todos os Sindicatos existentes no Distrito, que queiram participar no Congresso de todos os Sindicatos Portugueses, pela unidade dos trabalhadores e pela reestruturação da Central Única dos Trabalhadores Portugueses

Tem a Comissão Dinamizadora Distrital CDD, como principal objectivo a discussão democrática de todos os problemas inerentes à realização do Congresso. A sua missão é só esta, e não para decidir seja o que for, em vez dos trabalhadores e dos seus sindicatos, mas para ajudar a criar as condições para que Todos os Trabalhadores e Todos os Sindicatos possam participar na preparação do Congresso, assegurando o reforço da Democracia Sindical, já que aos trabalhadores cabe a discussão e decisão do futuro do Movimento Sindical Português.

Assim, a Comissão Dinamizadora Distrital CDD, que já está a realizar reuniões em várias empresas e zonas, apela a todos os trabalhadores, seja qual for a sua profissão, a marcarem reuniões (nas fábricas, nos escritórios, no campo, etc.) para debate de todos os problemas respeitantes à realização do Congresso, e a pressionarem as suas Direcções Sindicais a participarem nestes debates, pois só assim a discussão será aberta, ampla e democrática e não como tem sido prática de algumas direcções sindicais, que têm os mais diversos artifícios que só provocam atritos e desentendimentos entre os trabalhadores.

PELO CONGRESSO DE TODOS OS SINDICATOS PORTUGUESES.

PELA UNIDADE DOS TRABALHADORES.

A CDD — Comissão Dinamizadora Distrital funciona na União dos Sindicatos de Lisboa, Rua Vítor Cordon, 1 - 2.º, Lisboa.

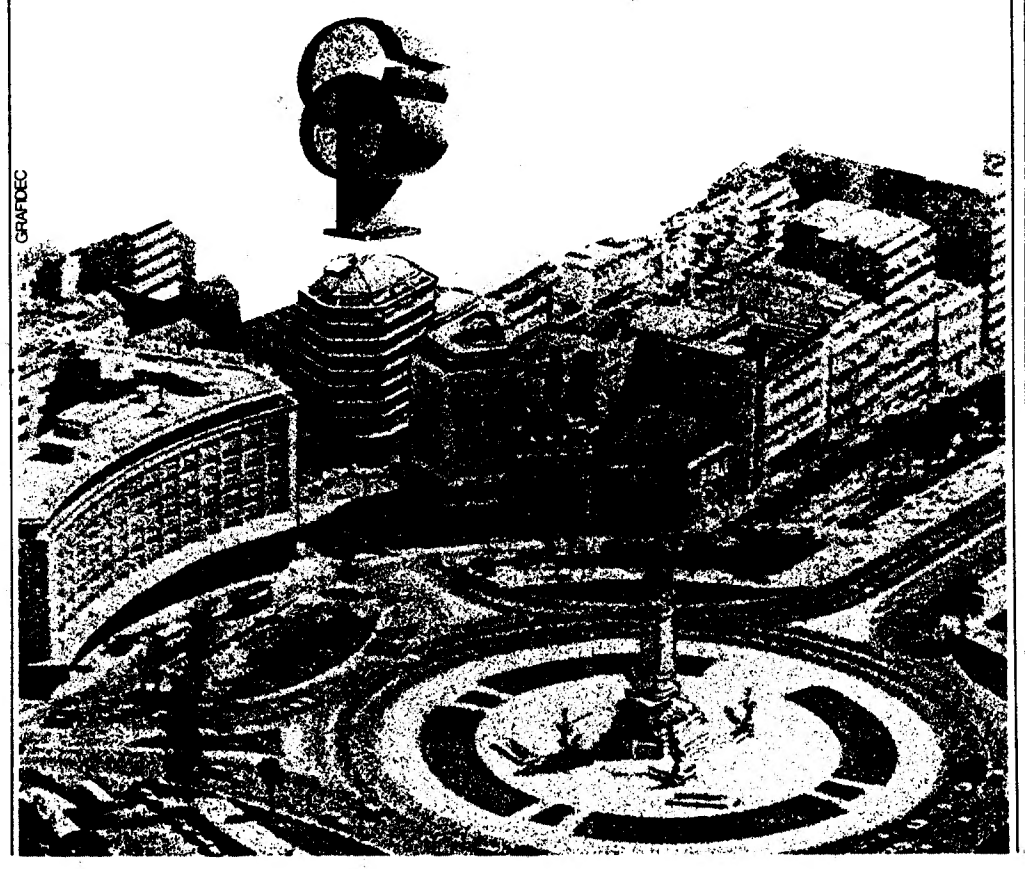
A COMISSÃO DINAMIZADORA DISTRITAL DE LISBOA

Lisboa, 16 de Setembro de 1976

O serviço de fomento à Habitação e Construção do

CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

passará a funcionar no
MARQUÊS DE POMBAL
(Av. Duque de Loulé, 123)
a partir do dia 18



PUB

SINDICATO DOS TRABALHADORES DA INDUSTRIA METALURGICA E METALOMECANICA DO DISTRITO DE LISBOA

ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINARIA

C O N V O C A T O R I A

Conforma deliberação do Plenário da Federação dos Metalúrgicos, realizado nos passados dias 13 e 14 de Setembro, os Sindicatos devem promover, no mais curto espaço de tempo, Assembleias Gerais de Sócios para informar a classe do andamento das negociações do CCT e medidas a tomar.

Aproveita a Direcção esta Assembleia para esclarecimentos sobre o Congresso de Todos os Sindicatos Portugueses.

Assim, nos termos da alínea b) do Artigo 33.º dos Estatutos, convoco todos os sócios do Sindicato para uma Assembleia Geral Extraordinária, a realizar no próximo dia 7 de Outubro (Quinta-feira), pelas 20.30 horas, no Pavilhão dos Desportos de Lisboa, com a seguinte Ordem de Trabalhos:

1. Informação sobre as negociações do CCT para a Indústria Metalúrgica e Metalomecânica
   a) Medidas a tomar face à situação existente.
2. Congresso de Todos os Sindicatos Portugueses.

NOTA: É necessária a apresentação do cartão de sócio

Lisboa, 17 de Setembro de 1976

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
Raul José Marques Nunes Manquinho

Nacional

TRABALHADORES DO "REPÚBLICA" ACUSAM

Depois do "lock-out" um desvio de bens

Num documento policopiado ontem distribuído à população o Secretariado dos Trabalhadores do «República» acusa a administração de, após uma acção de «lock-out», ter levado a cabo na passada quinta-feira o que classifica como «desvio de bens».

«As instalações foram assaltadas» — diz o Secretariado, para acrescentar que referenciou «gente afecta à «Luta», com a cobertura de duas viaturas da Polícia, que se mantiveram no local sem o conhecimento do ministro da Administração Interna, como os trabalhadores vieram a ser informados posteriormente». E no mesmo passo: «Os assaltantes utilizaram duas camionetas para transportar valioso recheio da redacção e da administração do jornal».

O Secretariado possui cópia do inventário feito quando do fecho do «República», inventário assinado pelo dr. Gustavo Soromenho, por um representante do Ministério da Comunicação Social e pela comissão de trabalhadores em função na altura. De onde exigir agora «a reposição dos bens retirados da sede social da empresa».

TRABALHADOR SUICIDOU-SE

Foi a sepultar esta manhã o trabalhador de expedição do jornal, João Rosa Repolho, que um comunicado também de ontem do Secretariado assevera ter-se suicidado «após meses de miséria e sem trabalho a que os responsáveis pela administração o forçaram».

João Repolho esteve cerca de quarenta anos ao serviço do «República», vindo a recusar a reforma «na esperança de voltar a trabalhar no seu «República».

Subindo de tom, o Secretariado responsabiliza o Ministério do Trabalho e a Secretaria de Estado da Informação (aliás Comunicação Social) «pelo acto desesperado do camarada que assim nos deixou», e afirma que tal responsabilidade «não é apenas moral, mas também política».

Sindicato dos Trabalhadores Têxteis do Distrito do Porto

SECÇÃO DE SANTO TIRSO

M O Ç Ã O

Delegados Sindicais da área de Santo Tirso do sector têxtil, representando cerca de 20 000 trabalhadores, reunidos em plenário discutiram no segundo ponto da ordem de trabalhos o andamento da preparação do Congresso de todos os Sindicatos, tendo aprovado o seguinte:

1 — Dar todo o apoio à Comissão Nacional Organizadora Provisória do Congresso, no sentido de o preparar dentro do prazo estabelecido na última reunião de todos os Sindicatos em Lisboa em 4-9-76.

2 — Que a Comissão Nacional Organizadora Provisória, combata toda as formas divisionistas que tentem destroçar o movimento sindical português.

3 — Reprovamos por todos os meios as direcções sindicais que pela forma divisionista têm actuado dentro do movimento sindical entravando assim, a concretização do Congresso de todos os Sindicatos.

PELO CONGRESSO DE TODOS OS SINDICATOS
PELA UNIDADE DE TODOS OS TRABALHADORES
CONTRA O PLURALISMO PELA UNICIDADE
PELA CENTRAL SINDICAL ÚNICA
UNIDOS E ORGANIZADOS VENCEREMOS

Aprovada por maioria com uma abstenção.

Santo Tirso, 17 de Setembro de 1976

OS DELEGADOS SINDICAIS
(Assinat. ilegível)

PUB

Sindicato dos Capitães Oficiais Pilotos, Comissários e Radiotécnicos da Marinha Mercante

REUNIÃO GERAL DE SÓCIOS

CONVOCATÓRIA

Efectua-se no próximo dia 8 de Outubro, sexta-feira, pelas 21 horas, uma Reunião Geral de Sócios, na sede do Sindicato — Praça de D. Luís, 9-1.º, Dt.º, em Lisboa — com a seguinte ordem de trabalhos:

CONGRESSO DE TODOS OS SINDICATOS PORTUGUESES

1 — Informações;
2 — Projecto de regulamento.

Lisboa, 14 de Setembro de 1976

A DIRECÇÃO

REABERTURA
DO
RESTAURANTE
7 MARES
NO DIA 12/8/76
EM PORTIMÃO
RESTAURANTE
1.ª Categoria
ABERTO
das 19.00 às 2.00 h.
Cozinha Portuguesa
No BAR
Pianista privativo
Organizações
FERNANDO BARATA

AMORTECEDORES
Reparo e Reconstruo todas as marcas, com garantia
MENDES Tel. 76 84 23
R. Capitão Ramires, 2-A
(Ao Campo Pequeno)
REPRESENTANTE
dos amortecedores «J. M.»
FILIAL
Av. Gomes Pereira, 61-B
(A Benfica)

Em LAGOS o DIÁRIO DE LISBOA vende-se no QUIOSQUE de LAGOS

Trabalho

Contestada no Pôrto a nomeação de um ex-A.N.P.

. Um abaixo-assinado subscrito por 112 trabalhadores da Informação do Porto, e no qual se protesta contra a recente nomeação de Fernando Vitorino de Sousa para o cargo de chefe dos Serviços de Informação da Rádio-Portuguesa naquela cidade, foi enviado ao Presidente da República, Primeiro-Ministro, Conselho da Revolução, presidente da Assembleia da República e secretário de Estado da Comunicação Social.

Depois de pôr em relevo o facto de Fernando Vitorino de Sousa ser «uma figura conhecida de longa data nos meios informativos do Norte, pelo descarado colaboracionaismo com o regime de Salazar e «Caetano», aquele documento afirma ainda que a mesma pessoa «ostentatva a sua filiação na UN — ANP», tendo sido «destacado elemento do SNI e SEIT e responsável pelo gabinete de Imprensa da candidatura distrital do «partido único», em 1973.

Aqueles 112 trabalhadores terminaram o seu protesto, dizendo que «Fernando Vitorino de Sousa não poderá, de forma alguma, reunir os requisitos mínimos de independência e de fidelidade ao regime democrático, necessários para o desempenho do cargo para que agora foi nomeado», pelo que os referidos trabalhadores da Informação apelam para que tal nomeação não se concretize, «uma vez que não poderá sevrir a uma Informação livre, num país democrático, cuja Constituição aponta o socialismo como meta».

Concluído o projecto de regulamento do Congresso dos sindicatos

— documento será discutido nas empresas

. Encontra-se já elaborado o projecto de regulamento do próximo Congresso de todos os Sindicatos, que será distribuído a todas as associações sindicais a partir de segunda-feira, para ser discutido pelos trabalhadores nas empresas e nas suas organizações.

O projecto resulta dos trabalhos da Comissão Nacional Organizadora Provisória (C. N. O. P.) do Congresso, e contempla, no fundamental, os projectos e as propostas de alteração enviados por diversos sindicatos e delegados sindicais, reflectindo o consenso unânime da comissão, salvo nos artigos em que se incluem propostas de alternativa.

Os resultados da discussão a que o projecto será agora submetido no seio do Movimento Sindical e dos trabalhadores serão depois comunicados à CNOP, através dos sindicatos. Posteriormente, o projecto será debatido e sujeito à aprovação em reunião geral de sindicatos.

Às comissões dinamizadoras distritais do Congresso, constituidas por todos os sindicatos de cada distrito, caberá promover, mobilizar e incentivar as discussões nos locais de trabalho e nas associações sindicais, relativas ao projecto e às questões suscitadas pela realização do Congresso. «Só assim será possível atingir os objectivos do Congresso» — afirma a CNOP.

SINDICATOS PARALELOS

De acordo com o projecto, o Congresso será constituido por todos os sindicatos portugueses. No caso dos sindicatos paralelos, que se pretendem representativos de uma ou mais categorias de trabalhadores na mesma área, compete à comissão organizadora «resolver a questão em conjunto com esses sindicatos, por forma a não reconhecer o pluralismo sindical, considerando para o efeito, entre outros factores, as datas das assembleias constitutivas e a regularidade da sua convocação.» Se houver desacordo, a comissão decide, havendo sempre recurso para a reunião geral de sindicatos a realizar trinta dias antes do Congresso (noutra alternativa, a decisão caberia ao próprio Congresso).

A representação de cada sindicato será proporcional ao número de trabalhadores sindicalizados, surgindo diversas alternativas quanto à forma de concretizar este princípio.

As deliberações do Congresso serão tomadas, em princípio, por maioria simples de votos apurados. Quanto à votação, surgem duas possibilidades. «Exprimirá a vontade colectiva» da delegação de cada sindicato, «cabendo a cada delegação o número de votos proporcional ao número de trabalhadores sindicalizados, correspondendo a cada mil trabalhadores um voto». Em alternativa, a votação seria por delegado, com direito a um voto.

O projecto de regulamento prevê a ordem de trabalhos, escalonada ao longo de quatro dias e onze sessões. Assim, o Congresso visaria: apresentação do relatório da actividade do Secretariado da Intersindical Nacional — Confederação Geral dos Sindicatos Portugueses; análise, discussão e deliberação pelos sindicatos filiados sobre alterações a introduzir nos Estatutos da Intersindical Nacional; do programa de acção e da Lei Sindical; eleição dos órgãos directivos.

A organização do Congresso compete a uma comissão nacional eleita em regunião geral aberta de todos os sindicatos portugueses, constituída em obediência a princípios que farão representar diversificadamente as várias zonas geográficas do Continente e Ilhas, os principais sectores de actividade, e os sindicatos filiados ou não filiados na Inter de diversas formas de pensamento com real expressão no movimento sindical.

PRESENÇA DA IMPRENSA

Os representantes dos órgãos de comunicação social poderão assistir às sessões do Congresso, bastando, para isso, que o solicitem com a antecedência de oito dias, a fim de serem credenciados.

O projecto abre excepção, no entanto, para os órgãos «claramente reaccionários», que nao poderão estar presentes. Compete à comissão organizadora a aplicação deste critério, cabendo à reunião geral preparatória do Congresso a decisão final dos casos em que não haja acordo.

Todos os contactos com os órgãos de comunicação ficarão a cargo de uma subcomissão para a Imprensa, a criar no seio da comissão organizadora.

QUEM PARTICIPOU

O projecto de regulamento agora apresentado foi elaborado pela CNOP, constituida por organizações sindicais eleitas na última reunião geral de sindicatos, realizada em Lisboa no passado dia 4, com a presença de 170 sindicatos.

No entanto, furtaram-se aos trabalhos da comissão organizadora provisória seis sindicatos eleitos, afectos à corrente sindical da «Carta Aberta»: Bancários do Sul e Ilhas, Trabalhadores do Comércio de Lisboa, Trabalhadores de Escritório de Lisboa e Porto, Metalúrgicos de Aveiro e Rodoviários do Porto.

A elaboração do projecto ficou, portanto, a cargo dos restantes dezanove sindicatos da CNOP e do Secretariado da Inter, contando-se entre aqueles, os sindicatos mais representativos do País, designadamente os grandes sindicatos operários.

Os projectos inicialmente apresentados eram da responsabilidade dos sindicatos dos Têxteis e Lanifícios do Sul, Transportes Rodoviários do Distrito de Setúbal, das Indústrias de Ourivesaria do Sul, e dos Trabalhadores de Comércio e Serviços do Distrito de Santarém. O projecto final resultou da elaboração desses documentos e das propostas de alterações apresentadas por diversos sindicatos e delegados sindicais.

EM LEIRIA

Comércio e Escritórios exigem participação nas reuniões da Inter

Mais de 300 trabalhadores filiados no Sindicato dos Trabalhadores do Comércio e Escritórios do Distrito de Leiria reuniram-se ontem, à noite, em assembleia geral, para decidirem sobre questões relacionadas com a participação daquela organização sindical nas reuniões da «Carta Aberta», complementada com a ausência às promovidas pela Intersindical Nacional, contrariando, deste modo, decisões já tomadas em anteriores assembleias.

Nesta assembleia geral foram aprovadas por esmagadora maioria, duas moções que lhe foram apresentadas. Assim, numa primeira moção em que se considera que «os trabalhadores deste sindicato já democraticamente se pronunciaram sobre a sua aderência à Intersindical Nacional» propõe-se que «a direcção do nosso sindicato esteja presente em todos os seus plenários e reuniões».

Noutro ponto dessa moção, os seus autores pretendem que «seja dada ampla divulgação entre os trabalhadores deste sindicato dos resultados dos plenários e dos congressos e de outras questões de interesse para a classe trabalhadora» e que «a direcção do nosso sindicato não esteja presente em quaisquer reuniões efectivadas fora do movimento sindical português tais como as realizadas pelos sindicatos subscritores da «Carta Aberta».

Este documento aprovado pelos trabalhadores do Comércio e Escritórios do Distrito de Leiria vai ainda mais longe: considera «que estas reuniões realizadas fora da Central Única de Trabalhadores só favorecem a direita reaccionária e as organizações do grande capital e dos latifundiários (CIP e CAP)». Ficou decidido, também, que «se considerem divisionistas todos os sindicatos que se recusem a debater as suas questões dentro da Central Única e antidemocráticas aquelas que não acatam as suas decisões aprovadas maioritariamente».

PASSADO, PRESENTE E FUTURO

A segunda moção, também aprovada por esmagadora maioria dos trabalhadores presentes na assembleia geral ontem efectuada no Sindicato dos Trabalhadores do Comércio e Escritórios de Leiria considera «a importância da realização do próximo Congresso Nacional dos Sindicatos português para a defesa do movimento sindical unitário dos trabalhadores, das suas conquistas revolucionárias do pós-25 de Abril, contra a recuperação das forças capitalistas e consequente avanço da direita».

Por isso, na moção se decide o apoio às decisões tomadas na última reunião geral de sindicatos, efectuada no dia 4, no Instituto Superior Técnico e em que estiveram presentes 167 sindicatos «o que representa uma grande derrota para aqueles que querem destruir a organização unitária dos trabalhadores».

Noutro ponto desta moção, os trabalhadores decidiram «continuar na primeira linha de combate pela defesa de uma única central sindical de que este sindicato foi durante o fascismo, nas piores condições, um tenaz defensor, estando, inclusivamente, no grupo dos sindicatos fundadores da Intersindical Nacional».

Um terceiro ponto contém um apelo «às direcções sindicais que ainda recusam o diálogo no seio das estruturas sindicais para se unirem à grande maioria dos sindicatos que lutam por um congresso de todos os sindicatos.

«Caso contrário», conclui esta moção, «contribuirão para a cisão do movimento sindical, grande aspiração da CIP, central dos capitalistas, e CAP, central dos latifundiários».

NA LONGRA

Contra os despedimentos

. A comissão de trabalhadores dos sectores de Lisboa, da Metalúrgica da Longra divulgaram um comunicado em que acusam a administração da empresa de prometer o cumprimento da Portaria dos Metalúrgicos com data de 8/9/75, para desse modo dificultarem a reintegração dos trabalhadores despedidos.

Neste comunicado, é referido um outro da administração, com a data de fim de Agosto, em que se prometia a actualização dos salários de acordo com aquela portaria, mas no qual «a gerência indica que os trabalhadores se devem preparar para possivelmente não recebrem ao fim de cada mês. Pensa a comissão de trabalhadores da Metalúrgica da Longra, que assim «abre a gerência a porta para não cumprir o que nalgumas linhas atrás prometia».

Os trabalhadores despedidos em referência neste comunicado são a consequência da luta desencadeada naquela empresa pela aplicação da portaria, quando a administração tentou lançar os trabalhadores da fábrica contra os de Lisboa.

Afirma-se no comunicado: «à medida que o tempo passa, maior é o número de trabalhadores que vê e sente que as promessas da gerência não servem para comprar comida, para pagar a renda da casa, os transportes, etc. E isto tanto acontece na fábrica como em Lisboa».

E a terminar afirma-se no comunicado: «Tal como não serve para resolver nenhum problema dos trabalhdores, mas sim para os agravar a demagogia também não conseguirá comprar o despedimento dos camaradas da CTL, desde que os trabalhadores da Metelúrgica da Longra ousem lutar e nessa luta forjarão, certamente, a unidade que lhes permitirá alcançar a vitória».

Sexto aniversário da Inter

. A Intersindical Nacional vai celebrar, no próximo dia 2 de Outubro, o sexto aniversário da sua constituição, na clandestinidade.

Desconhece-se, por enquanto, o programa das comemorações.

PROBLEMAS NO INATEL

Intersindical pede substituição dos dois delegados do Governo

. «Quem não estiver connosco quer trair Portugal» — afirmam os dois delegados do Governo no Inatel, em documento interno, datado de 2 de Setembro, segundo denuncia num comunicado à Imprensa, o departamento de Informação e Propaganda da Intersindical Nacional.

Esta frase, da autoria dos dois delegados, major Lobo César e Dórdio Guimarães, demonstra, segundo o comunicado, «a vivência democrática que estes senhores querem impor ao organismos».

No campo da deterioração da situação no Inatel, provocada pela nomeação dos novos delegados, ao expirar o VI Governo, é denunciada «uma série de medidas tendentes a boicotar o trabalho que o Inatel tem de desenvolver ao serviço dos trabalhadores, medidas essas que têm sido empreendidas pelos dois administradores, nomeados pelo Governo, exactamente nos últimos dias em que o capitão Tomás Rosa foi ministro do Trabalho».

De acordo com o comunicado, o clima de deterioriação é agravado por factos como a utilização «de documentos internos para publicação especulativa» na «Vida Mundial», onde Dórdio Guimarães é redactor.

Contrariamente, «até à substituição dos administradores primitivamente nomeados pelo Ministério do Trabalho (...) embora com as dificuldades inerentes à envergadura das medidas a tomar, foram-se melhorando e corrigindo vícios antigos, alterando e substituindo programas e prestação de serviços, tudo num clima de entendimento entre todos os elementos da comissão administrativa e entre estes e os trabalhadores em geral».

Depois do 25 de Abril, a FNAT transformou-se por iniciativa dos trabalhadores no Inatel, Instituto Nacionl para Aproveitamento dos Tempos Livres dos Trabalhadores, tendo passado a sua administração a ser eleita pelos sindicatos portugueses (dois membros) e de nomeação do Ministério do Trabalho (outros dois).

Assim, a Intersindical Nacional, ao «mesmo tempo que torna pública esta posição, chama a atenção do ministro do Trabalho para a urgente necessidade de substituição dos dois elementos nomeados pelo seu antecessor, na certeza de que, com indivíduos cujas atitudes são inequivocamente antidemocráticas e reaccionárias, se põe em perigo uma instituição que os trabalhadores pretendem ao seu serviço».

E, a terminar, afirma a Intersindical: «Dórdio Guimarães e Lobo César, ao coloararem-se na situação de «ou com eles, ou contra a Pátria» são um exemplo acabado de falta de princípios democráticos, da restauração de um clima de coacção e intimidação, numa palavra, do regresso ao antigamente».

Naci nal

Segu o projecto, blocos «modernos» vão surgir diante desta encosta da Marginal

Quem vai dar cab da Marginal de C

Diz o pescador **João Fernandes: «Deviam era ajudar as pessoas a tratar das casas!»**

Um projecto já iniciado e que «ameaça» ir por diante, na estrada marginal de Caminha, vai dar cabo de uma encosta voltada para a foz do rio Minho, a pretexto de «urbanização» e de dificuldades económicas do município local. Mesmo tendo em conta essas realidades, há em Caminha quem tenha outra explicação para o caso: construir para o lucro sem qualquer respeito pelo equilíbrio arquitectónico da zona. Os interesses dos moradores, incluindo pescadores e famílias pobres, ficarão igualmente esquecidos.

«Aqui há uns anos a água chegava mesmo até junto das casas» — dizia-nos um pescador, apontando a linha das casas que distam hoje umas dezenas de metros da estrada marginal. E acrescentava: «Isso foi há uma dezena de anos, mais ou menos, quando a pesca ainda ocupava muita gente por estes sítios. Depois fizeram a estrada, e foi uma coisa boa para nos tirar a água do pé das casas. E assim ficou isto até começarem a construir aquelas casas novas lá no fundo. Não são casas para pescadores e gente como eu que vive aqui na zona da encosta, por que não ganhamos para isso. Dizem que vão construir mais, aqui mesmo diante de nós, casas grandes que vão custar uns contos por mês».

O problema da estrada marginal de Caminha está praticamente contido nas palavras deste pescador. Efectivamente, feitas as obras, foi possível conquistar ao rio uma extensa faixa de terreno bordada pela estrada marginal, que valorizou, do ponto de vista da paisagem e da arquitectura, todo o casario da bela encosta voltada para o rio. Aí se situam casas antigas, muitas já danificadas e outras construídas sem critério adequado ao local mas que, em regra, devido à sua localização em diferentes níveis da encosta e à sua pouca altura, salvaguardam o equilíbrio arquitectónico de toda a extensa zona.

O conjunto, que a marginal permite ver agora a uma distância conveniente, é de grande beleza e constitui ainda um espaço aberto de claridade sobre o rio, com o monte de Santa Tecla, o lado espanhol, a Norte.

Pela proximidade da água, os pescadores, desde tempos que já não recordam, fixaram quase sempre as suas casas na vertente, onde se situam ainda antigos edifícios e velhas muralhas. Hoje, ainda que a zona seja rica de peixe, é bastante menor o número de pescadores. Sem porto de abrigo e com Inverno rigoroso, o risco foi compensando cada vez menos o custo e a manutenção dos barcos. Mas as populações, pescadores ou não, ficaram pela encosta e não é difícil ver, no abandono e na pobreza de muitas casas, a debilidade dos seus meios de vida.

Realmente, quer nos tempos que já passaram quer nas perspectivas que ainda ali se desenham, não foram os interesses desses habitantes que prevaleceram. De resto, isso está patente no abandono a que a actividade piscatória foi votada e no facto de não se ter protegido o seu direito a habitações condignas.

Actualmente, não parece que as concepções sobre urbanismo e habitação tenham mudado muito, ali e noutros sítios. E assim o que vai suceder em Caminha constitui um bom exemplo de como é possível e fácil destruir toda a beleza de uma zona sem resolver os problemas de quem lá vive, nomeadamente dos pescadores que restam e de outras famílias pobres ou sem meios para fazerem melhores casas.

Ainda um aspecto da zona da Marginal

APESAR DO «APOIO TÉCNICO»

Nos serviços competentes da Câmara de Caminha foi-nos dado ver e obter informações sobre as obras previstas para os terrenos anexos à estrada marginal. Na zona recuperada ao rio e de que resultou, como dissemos, a valorização da encosta e o seu enquadramento na paisagem, vão ser construídas séries sucessivas de «modernos» edifícios, cuja altura varia entre os dois e os sete pisos, ainda que descontínuos.

Ora isto serve para quê? Desde logo para destruir, como já se vê pelas habitações existentes num extremo da marginal, todo o equilíbrio arquitectónico estabelecido, naturalmente, pelo rio, pela estrada e pela encosta com seu casario. Daqui a pouco, como já sucede com o novo mercado em construção na mesma zona, o es-

Urbanizar os terrenos da Marginal de Caminha é resolver os problemas habitacionais de muitos que lá vivem

Outro pescador fala de habita

...oo ...Caminha?

Reportagem de José Bandeira

«Se calhar é para esconder esta miséria toda e as casas velhas...» — diz um morador

paço ganho ao rio e oferecido à beleza de Caminha será apenas isto: uma rua junto ao rio com «modernos» edifícios.

Das rendas e dos estratos da população que lhes terão acesso não será preciso dizê-lo aqui. A informação que nos deram foi exactamente essa: serão edifícios para renda.

Caminha ficará de costas voltadas para si própria num dos seus lugares mais belos.

Esconder o casario da encosta (e «esconder» a realidade social que traduz) com as linhas rectas do betão num lugar daqueles arrepia qualquer visitante. Não foi por acaso que há pouco, numa reunião havida no Porto de dois secretários de Estado com jornalistas este problema surgiu. A opinião, a começar pelas palavras de um daqueles membros do Governo, foi de clara discordância. Curiosamente, a reunião versava sobre problemas locais, planeamento, administração regional, etc. E foi dito que existiam até gabinetes de apoio técnico às autarquias. O projecto da marginal de Caminha teve artes de «furar» todas essas coisas, começando pelo «apoio técnico»...

Por outro lado, é também verdade que não existe grande controlo sobre a maneira como se constrói naquela zona. Como nos dizia um engenheiro da Câmara de Caminha, «por vezes as plantas são papel de taberna com dois riscos». Chega-se a isto: «Quer vocês autorizem ou não eu faço à mesma...». E, na verdade, as casas aparecem ali um pouco por este modo. Como se vê, o famoso projecto da marginal de Caminha não destoa, apesar dos grandes rolos de papel vegetal em que está vertido, de todo este conjunto de «anarquia» (palavra ouvida em Caminha a propósito de tal projecto).

Um responsável da Câmara disse-nos também: «Muitas vezes destroem-se valores da região justamente por falta de verbas». Parece, de facto, que o orçamento não dá para as necessidades, que são muitas e urgentes (caso da rede de esgotos da vila). Será mesmo por isso que se vai dar cabo da marginal de Caminha?

CONSTRUÇÃO PARA O LUCRO

Falaram-nos ainda na hipótese de ser construído um bairro para os pescadores no Camarido, lugar próximo de Caminha. Mas, diziam-nos ali, «é um erro, visto que os pescadores têm tudo aqui à mão, o rio, a escola e o ciclo preparatório». Mas os erros já vêm de longe. As pessoas que ali vivem conhecem-nos.

Um pescador, João Gonçalves Fernandes, sentado à porta da sua casa térrea, mesmo na base da encosta, disse-nos: «Há uns anos houve gente daqui alguns até emigrantes, que tinham vontade de fazer as suas casas neste local, mas não deixaram. Na altura as casas ainda se faziam com umas dezenas de contos, hoje custam muitas centenas, as pessoas desistem. Isto é muito mais lindo assim, com as casas pequenas. Deviam era ajudar as pessoas a tratar as casas e tirar daqui o lixo, mas não, parece que vão fazer uns casarões na nossa frente. Se calhar é para esconder esta miséria toda e as casas velhas. Já há casas novas no fundo da marginal, mas também não são para nós...».

Por seu turno, disse-nos outro morador, Rogério Tenedório: «As pessoas gostavam mais de ter aqui casas para quem precisa e não como lá em baixo com rendas que a maior parte não pode pagar. E depois isto é bonito e fazer aqui edifícios diante não acho muito acertado. Mesmo o sítio do novo mercado, aqui na marginal, não é o melhor».

Já a caminho do centro da vila disse-nos outra pessoa: «Eu não sei como é, não há dinheiro e gasta-se dinheiro onde calha. Dou-lhe um exemplo do Clube Náutico, tem espaço para arrumar barcos de remos e um bar. É um bom edifício, mas acha que isso compensa os doze mil contos ali gastos? Quantos arranjos se podiam fazer com esse dinheiro'... Lá que gastassem algumas centenas ainda vá, até porque é um desporto em evidência aqui na vila. Assim foi um disparate. Veja lá, onde está o porto de abrigo? Não procure porque não temos, não há dinheiro...». Recorde-se, a propósito, que o Clube Náutico foi iniciado antes do 25 de Abril, teve depois reforços de verba e acabou por ser inaugurado em Agosto último. Com o 'bar', evidentemente.

E posto salva-vidas? O nosso entrevistado sr. Rogério Tenedório, entre muitas coisas que nos contou da sua terra, falou também no posto salva-vidas: «uma vez começaram com ele mas não acabaram. Chegou-se à conclusão que havia muita areia, não dava. Veja lá, só depois de quase concluida a obra é que se viu que não estava bem. Ficou assim mesmo. Hoje tem lá retornados».

É assim Caminha, com seus belos edifícios antigos e uma linda praça interior, felizmente ainda não ameaçados por nenhum rolo de papel vegetal. Já o mesmo não se pode dizer da encosta voltada para a foz do rio Minho. Uma pessoa da região, preparada para analisar este tipo de problemas, afirmava-nos em síntese: «É a construção para o lucro e a destruição da beleza natural do lugar e do seu traçado arquitectónico, ignorando ostensivamente as dificuldades habitacionais de grande parte da população da encosta».

Efectivamente, o que está em causa são os critérios político-sociais de certa urbanização e os interesses e problemas que aí se equacionam e defendem. Quer se trate de construir em Caminha, no Algarve, ou em qualquer terra do interior deste País. A questão (e Caminha é agora um exemplo) é saber que política de habitação prevalece e que interesses a impõem.

ção: «Estas casas não são para nós, que não ganhamos para isso»

NORMA
Sociedade de Estudos para o Desenvolvimento de Empresas, S.A.R.L.
Avenida 5 de Outubro, 122 - LISBOA 1
Rua de Gonçalo Cristovão, 217, 8.º - PORTO
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA APLICADA

GESTOR DOS RECURSOS HUMANOS
Para GRANDE EMPRESA INDUSTRIAL na área de Lisboa

OBJECTIVOS DA FUNÇÃO
- Colaborar com a Empresa Consultora na reestruturação do SECTOR PESSOAL/SOCIAL.
- Garantir o pleno funcionamento do SECTOR após a sua reorganização.

EXIGÊNCIAS DO LUGAR
- Conhecimento de legislação do trabalho.
- Comprovada experiência em aspectos específicos da Gestão dos Recusos Humanos: qualificação de funções, recrutamento, indicadores de gestão, acção social, formação e desenvolvimento, planos de carreira.

CONDIÇÕES DE TRABALHO
- Nível de remuneração inerente à responsabilidade da função e posição na hierarquia da Empresa.
- Possibilidades de realização de um trabalho criativo e motivante.
- Larga autonomia de acção.

As respostas devem ser enviadas para o Departamento de Psicologia da NORMA com «curriculum» pormenorizado e indicação da REF.ª 401/2884.

Estrangeiro

PUB

SINDICATO DOS TRABALHADORES DA INDÚSTRIA AÇUCAREIRA

Sede: Rua do Arco, 21 - 1.º, D. (Alcântara) LISBOA

ASSEMBLEIA GERAL

Ao abrigo do artigo 33.º, alínea **b**), convoco a reunião da Assembleia Geral Extraordinária no dia 19 de Setembro de 1976, pelas 10.00 horas, com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS

1. **Adesão ao Sindicato Vertical da Indústria Alimentar, através da adesão ao Sindicato dos Trabalhadores da Panificação e Produtos Alimentares afins.**
2. **Deliberação face às posições já tomadas em Lisboa no dia 6 de Junho (adesão) e no Porto no dia 4 de Julho (não adesão).**

Esclarecem-se todos os trabalhadores de que o plenário do dia 19 de Setembro de 1976 só anulará as posições já assumidas nos plenários regionais desde que o número de presenças seja superior à soma das presenças dos plenários anteriores e a deliberação seja tomada com uma maioria superior à dos referidos plenários regionais.

LOCAL — Instalações do INATEL em Coimbra
Rua António Granjo, n.º 6

Lisboa, 19 de Agosto de 1976

Pel'O PRESIDENTE DA MESA
Albertino Gameiro Lopes

ECONOMISTA

Organismo oficial, em LISBOA, necessita técnico de formação universitária para dirigir um pequeno Sector de Estudos, que exerce actividades no domínio da organização, informática, estudos económicos e de planeamento a médio prazo.

Os candidatos deverão preencher as seguintes condições :

* licenciatura em economia ou finanças
* experiência profissional no mínimo de 10 anos
* experiência de enquadramento de outros técnicos e de trabalho em equipa.

Enviar «curriculum vitae» a este Jornal ao n.º 1666

ENGENHEIRO

Organismo oficial, em LISBOA, necessita engenheiro civil para Sector de Planeamento e Contrôle de empreendimentos nos domínios de barragens e saneamento básico.

Os candidatos deverão preencher as seguintes condições :

* experiência profissional no mínimo de 10 anos
* experiência de enquadramento de outros técnicos e de trabalho em equipa

Enviar «curriculum vitae» a este Jornal ao n.º 1667.

EXTERNATO SÉNECA

COOPERATIVA DE ENSINO E CULTURA

Curso Liceal – Ciclo Preparatório

MANHÃ • TARDE • NOITE

AV. ALMIRANTE REIS, 73 - 1.º E 2.º — LISBOA - 1
Telefone 4 00 92 (METRO ANJOS)

—— ABERTAS AS INSCRIÇÕES ——

Joanesburgo, a cidade que os negros sul-africanos designam por «E-Goli», isto é, «Cidade do Ouro»

Uma cidade chamada "E-Goli"

. Joanesburgo é conhecido pelos negros como «E-Goli». Tradução «Cidade do Ouro». Milhares de negros extraem a maior produção mundial desse minério: 73 por cento. Setenta e três por cento anualmente. Pode dizer-se que essa exploração (exploração de ouro, exploração de homens) é uma das bases em que assenta a estrutura política da África do Sul.

Não obstante a sua superfície representar apenas um por cento da crosta terrestre, a República da África do Sul situa-se ao mesmo nível dos Estados Unidos e da União Soviética na produção mineral, sendo ainda detentora das maiores reservas de ouro do mundo.

Segundo dados recentemente fornecidos pelo ministro dos Assuntos Económicos, Chris Heunis, a produção mundial aurífera deste ano excederá os 2500 milhões de **rands** (este número foi o do valor da produção em 1975).

A África do Sul possui quase todos os recursos minerais, à excepção do petróleo, tendo despendido cerca de 89 milhões de **rands** nos últimos dez anos em prospecções petrolíferas, levadas a cabo tanto no continente como ao largo da costa.

Foram descobertos alguns depósitos de gás ao largo da costa sudoeste, durante pesquisas realizadas pela companhia Soekor, subsidiada pelo Governo, mas, segundo declarações feitas no mês passado pelo ministro das Minas, S.P. Botha, «nada de petróleo».

A gigantesca South African Coal Oil and Gas Corporation, em Sasolburg, situada a sul de Joanesburgo, serve-se das reservas nacionais de 24 milhões de toneladas de carvão para produzir petróleo, mediante processo de refinamento, e o país depende de importações iranianas para cobrir cerca de 22 por cento do seu consumo de energia.

Um mineiro observando o que extraiu das entranhas da terra

A África do Sul possui 30 por cento das reservas mundiais de urânio e tenciona construir na Cidade do Cabo uma central de energia nuclear no valor de 875 milhões de **rands**, a qual estaria em funcionamento por volta de 1982.

Capacidade, portanto, para montar uma bomba atómica. Aliás, o primeiro-ministro John Vorster recordou já que o seu país não assinou o tratado de não-proliferação de armas nucleares. O Governo tem sublinhado, no entanto, que a capacidade nuclear do seu país se destina somente a fins pacíficos.

A África do Sul, é, depois da União Soviética, o segundo maior produtor mundial de cromo, elevando-se as suas reservas deste minério a 2000 milhões de toneladas, o que equivale a 75 por cento das reservas do mundo ocidental.

Finalmente, é o maior produtor mundial de diamantes em bruto, cujas exportações em 1973 se elevaram a 162 milhões de **rands**.

Cifras fornecidas pelo Governo indicam que a produção de diamantes na África do Sul e na Namíbia foi o ano passado de 9 540 000 quilates.

VALE FORMOSO
DOMINGO
DIA 19 DE SETEMBRO DE 1976

Única representação no Porto Vasas de «OZD»
Grupo Amador de Coros e Danças do Sindicato dos Metalúrgicos da Hungria (S.Z.O.T.) vencedor de prémios internacionais em França, U.R.S.S., Polónia, Checoslováquia e R.D.A.
Organização — Intersindical com a colaboração do INATEL
Bilhetes a venda na União dos Sindicatos do Porto, delegação do INATEL no Porto e no próprio dia na bilheteira do cinema.
Preço único: vinte escudos.

BATAS PROFISSIONAIS
ALTAMENTE ESPECIALIZADOS
PARA HOMEM E SENHORA
TINTURARIA GUANABARA — Dep. de confecções
Av. João XXI, 5-D — Rua Infantaria 16, 55-C — LISBOA

"GRANDE COMUNHÃO DE IDEIAS"

Videla-Pinochet em linha directa

BUENOS AIRES, 18 (IPS) — Os presidentes da Argentina e do Chile, os conhecidos Jorge Rafael Videla e Augusto Pinochet, inauguraram no passado dia 15 um sistema de comunicação-rádio entre ambos os países.

O serviço foi aberto com uma conversa de três minutos entre Videla e Pinochet a partir das suas respectivas sedes governamentais.

Disse o general argentino: «Esta via de enlace que complementa as existentes deve-se ao progresso tecnológico e às necessidades do nosso tempo. É também um símbolo vivo da grande comunhão de ideais e aspirações argentino-chilenas». Pinochet respondeu no mesmo estilo. A união das redes de comunicação entre a Argentina e o Chile também permitirá à Argentina contar com uma via via alternativa para o satélite do Pacífico para a transmissão dos jogos do 10.º Campeonato do Mundo de Futebol que está planeado para Buenos Aires.

Estrangeiro

Novo engenho espacial apresentado pelos EUA

. PALMDALE (Califórnia), 18 (ANOP-R-DL) — Com 19 metros de comprimento, apresentando a forma de um vagão de caminho-de-ferro, com a frente revestida de plástico para resistir ao calor gerado pelo atrito com o ar no lançamento e na reentrada na atmosfera, saiu da linha de produção o primeiro «Space Shuttle» — vaivém espacial — dos Estados Unidos.

Ao seu primeiro aparecimento público, no deserto Ojave, assistiram 1.500 pessoas, incluindo representantes da Administração Nacional da Aeronáutica e do Espaço (NASA) e da indústria espacial. O primeiro teste do vaivém espacial será realizado no próximo mês de Fevereiro, quando um Boeing 747 o transportará até à altitude de 8.000 metros, onde o largará. Os primeiros testes de voo espacial estão marcados para 1979.

O vaivém espacial, deverá ser capaz de aterrar no solo, como qualquer avião, depois de regressar do espaço. Entretanto, para as suas viagens, deverá ser lançado por foguetões. As suas funções iniciais consistirão em transportar equipamentos para laboratórios espaciais ou para estabelecer fábricas no espaço, a fim de ser aproveitada a ausência de peso. Também poderá acorrer em socorro a veículos espaciais avariados e, eventualmente, auxiliar na contrução de uma central eléctrica solar que transmitirá este tipo de energia para a Terra.

Até 1980, o custo do projecto está orçamentado em 6,9 biliões de dólares. O aparelho está planeado para suportar 100 voos de ida e volta. O director da NSA, James Fletcher, classifica o aparecimento do «Space Shuttle» como «o início de uma nova era» e o senador republicano pelo Arizona, Barry Goldwater, conhecido pelas suas posições conservadoras, disse que o negócio era melhor do que a compra do Alaska.

A social-democracia sueca joga amanhã o seu futuro

ESTOCOLMO, 18 — (ANOP) — Seis milhões de eleitores suecos são este domingo chamados às urnas em eleições gerais, tão incertas quanto aos seus resultados como aquelas que se realizaram há três anos e em que apenas 4000 votos separaram os blocos socialista e não-socialista. A continuação ou não no poder da social-democracia, que governa o país há mais de 40 anos, é a principal questão a resolver nestas eleições.

O Parlamento a eleger amanhã terá 349 lugares.

Nas eleições de 1973, os sociais-democratas de Olof Palme obtiveram 156 lugares. As últimas sondagens anteriores ao acto eleitoral, que se realizaram na quarta-feira, atribuiram-lhes 157. Não parece, portanto, que a situação política sueca venha a esclarecer-se com as novas eleições. Tudo deve ir a depender, finalmente, dos arranjos e das associações que venham a concretizar-se depois das eleições.

Embora os resultados eleitorais sejam considerados provavelmente indecisos, a campanha eleitoral foi muito viva e partiu de uma questão candente: o plano de Rudolf Maidner.

Esse plano prevê que todas as empresas, com 50 empregados ou mais, retirem 20 por cento dos seus lucros (antes de descontados os impostos) para um fundo destinado à participação dos respectivos trabalhadores. Os partidos de feição socialista apoiaram sem reservas o plano. Os trabalhadores aclamaram-no como um acto de justiça. Mas os donos de pequenas empresas chamaram-lhe «confiscação, pura e simples» e o grupo de partidos não-socialistas combateu a medida, considerando-a antieconómica, na previsão do encerramento de muitas pequenas empresas industriais e comerciais.

Palme decidiu não levar até à promulgação o projecto Maidner. Anunciou que o plano está entregue a uma comissão pericial e deixou a solução do assunto para depois das eleições. Mas não deixou de defender o projecto, afirmando que, até aqui a Suécia tem vivido num regime de democracia formal, mas que é tempo de se iniciar o período da democracia económica.

Surgiu depois outro assunto, que veio fazer esquecer o plano Maidner: a questão da energia nuclear. No ano passado, os sociais-democratas, apoiados pelos conservadores, aprovaram um programa nuclear, com 13 reactores, assegurando a produção de maior quantidade de energia «per capita» que em qualquer outro país do mundo.

Contra o plano se manifestam os outros partidos, afirmando Thorsbjoern Faelldin, chefe do Partido do Centro que o primeiro-ministro, caso ganhe o bloco não-socialista, não pode permitir-se o recurso indiscriminado à energia nuclear, enquanto não houver provas concretas de que os riscos da sua produção maciça podem realmente ser controlados. E se essas provas não puderem ser conseguidas, pois o que importa conseguir é um plano de redução de energia nuclear, por forma a que tenha sido completamente abandonada até 1985.

Finalmente, foi a economia outro ponto central de discussão da campanha eleitoral. Os sociais-democratas não deixaram de insistir nos louvores que a sua orientação económica tem merecido de todos os peritos estrangeiros, por ter conseguido manter a recessão mundial fora das fronteiras da Suécia, com o desemprego ao nível mais baixo conhecido — 1,5 por cento — e tendo elevado o rendimento real em 14 por cento em 1974-75.

MALTA

Eleições mais importantes do que possam parecer

. VALETA (Malta), 18 (ANOP, FP e R) — Um eleitorado de apenas 218 500 votantes (para uma população de 300 mil pessoas) começou ontem e termina hoje a escolha de um novo Parlamento. Dois partidos estão em concorrência: o partido governamental, trabalhista, de Dom Mintoff, e o nacionalista, de Georg Borg Olivier.

Na falta de sondagens de opinião — que não se praticam nesta ilha europeia cheia de tradições históricas — nenhumas previsões se arriscam, a não ser esta: seja qual for o partido vencedor, a sua vitória será tangencial.

Esta escolha para um Parlamento minúsculo de 65 lugares, que decorre neste pequeno arquipélago ao Sul da Sicília (composto pelas ilhas de Malta, Gozo, Comino e Filfola), tem, no entanto, maior importância política do que à primeira vista poderá parecer.

Desde que ascendeu ao Poder, há cinco anos, Dom Mintoff tem prosseguido uma activa política de não-alinhamento e de aproximação com os países árabes (nomeadamente a Líbia) e a China. A sua política de agressividade para com a Grã-Bretanha e de desafio à N. A. T. O. (a base britânica na ilha terá de ser evacuada até Março de 1979) grangearam-lhe fortes antipatias em várias capitais do continente europeu e americano. Em perfeito contraste com este político, o seu concorrente Olivier advoga o regresso pleno à N. A. T. O e ao sistema tradicional de alianças. Facilmente se compreende, perante estes dados da questão, o significado da consulta eleitoral que hoje termina no arquipélago, transformado em República, inteiramente libertado de todos os laços com a Grã-Bretanha em Dezembro de 1974, por obra e graça de Dom Mintoff.

Antigos ministros franquistas formarão um bloco de direita

. MADRID, 19 (F.P.) Quatro antigos ministros franquistas representando diferentes correntes, que vão da alta finança à Opus Dei, passando pela Democracia Cristã, vao muito em breve constituir um grande bloco de direita de ideologia não franquista — soube-se ontem em Madrid.

Trata-se do antigo ministro do Interior, Manuel Fraga Iribarne, que inspirara o projecto de reforma moderada do primeiro governo da monarquia, de Laureano Lopes Rodo, antigo ministro do Planeamento e dos Negócios Estrangeiros e considerado como o «homem forte» da Opus Dei no plano político, de Frederico Silva Muños, antigo ministro dos Trabalhos Públicos e dirigente do que se chama a Democracia Cristã «colaboracionaista», e de Cruz Martinez Esteruelas, antigo ministro da Educação, considerado um «duro» ligado à alta finança tradicional.

Nos meios políticos de Madrid, precisava-se ontem que quatro dos mais importantes bancos do país, dois deles nas mãos de dirigentes ligados à Opus Dei, tinham posto à disposição deste grupo a soma de dois milhões de pesetas (cerca de nove mil contos) para a realização de uma vasta operação política de reagrupamento da direita com vista às eleições do próximo ano.

A tendência mais à direita da Democracia Cristã, sob a direcção de Silva Muños e do actual vice-presidente do Governo, Alfonso Osorio, prepara-se assim para pôr em causa a orientação da Democracia Cristã homologada pela Internacional do mesmo nome, e que consiste em negociar com os socialistas e, indirectamente, com os comunistas, uma possível acção comum em resposta ao programa reformista do governo Suarez.

Certos observadores em Madrid compararam esta situação com aquela que resultou no Chile do confronto entre a ala direitista da Democracia Cristã dirigida por Eduardo Frei, e a ala moderada e progressista de Radomiro Romic. Nos mesmos meios políticos crê-se saber que o Vaticano se mostraria mais favorável à opção de direita se esta se verificar viável.

Segundo fontes dignas de crédito, uma sondagem em grande escala, realizada a título particular por um instituto de opinião espanhol a pedido de certos meios americanos, teria revelado a seguinte distribuição do eleitorado espanhol: 35 por cento favoráveis a uma tendência católica de centro direita, 26 por cento por uma corrente social-democrática, 9 por cento por uma orientação socialista marxista, cerca de 11 por cento pelos comunistas e à volta de 8 por cento favoráveis a uma ideologia liberal. Segundo esta sondagem, o franquismo autêntico passaria dificilmente dos dez por cento do eleitorado.

A personagem-chave desta operação de agrupamento da direita não franquista seria Manuel Fraga Iribarne, cujo «impacto» eleitoral continua a ser importante em vastos sectores do país, face à personalidade elegante e fria mas evidentemente impopular de Lopez Rodo. No que se refere a Silva Muños, a sua corrente, se bem que importante, seria o complemento, relativamente, à corrente mais forte dos homens vindos da Opus Dei.

NO FUNDO DO MAR DO NORTE

Avião secreto americano à espera de salvamento

LONDRES 18 (ANOP-FP-R) — De acordo com algumas informações chegadas à capital inglesa, as marinhas dos Estados Unidos e da União Soviética estariam empenhadas numa verdadeira corrida para a recuperação de um caça supersónico Tomcat F-14, da USAF, que caiu no mar do Norte durante as manobras da NATO em realização na zona.

Entretanto, o Departamento de Defesa norte-americano afirmou que nao existem indícios de que a União Soviética tentaria apoderar-se do avião, que é uma unidade ultramoderna, com importantes segredos no sistema de lançamento de mísseis teleguiados do tipo Phoenix e em mecanismo capazes de evitar contra-medidas, além de ser programado para atingir simultanemante seis alvos distintos. Todo este equipamento encontra-se intacto, a 600 metros de profundidade, pois a queda do F-14 não foi violenta: O avião, por uma avaria qualquer ainda não determinada, deslizou e caiu pela borda da pista do porta-avioes «John F. Kennedy». O Departamento de Defesa dos Estados Unidos acredita que não terá maiores dificuldades na recuperação do Tomcat uma vez que já conseguiu recuperar um avião do mesmo tipo que havia caído na costa ocidental do país, no ano passado, e que jazia a uma profundidade de 1.066 metros. A especulação criada em torno de uma possível «corrida» entre as armadas norte-americana e soviética deve-se ao facto do acidente ter ocorrido sob as vistas de um dos vasos de guerra soviéticos que, de longe, observam as manobras da NATO.

Como já foi noticiado, Portugal participa destas manobras da NATO, denominadas «Team Work 76», com um contratorpedeiro e um submarino. Ao todo, estão envolvidos nas manobras 80 000 homens e mulheres, mais de 200 navios e cerca de 900 aviões.

Caleidoscópio

. WASHINGTON, 18 (FP) — A Câmara dos Representantes decidiu reabrir os inquéritos aos assassínios do presidente John Kennedy e do grande dirigente negro Martin Luther King, na sexta-feira.

NAÇÕES UNIDAS (Nova York), 18 (ANOP) — Terminou ontem a quinta sessão da Conferência Internacional sobre o Direito Marítimo, sem que tenha havido grandes progressos para se conseguir uma nova convenção sobre o assunto.

Os delegados de cerca de 150 países voltarão a reunir-se em Maio e Junho de 1977, na sede da ONU em Nova Iorque, para a sexta sessão de negociações.

CHERBURGO, 18 (FP) — A justiça francesa ordenou a expulsão «imediata, com apelo, se necessário, à força pública», dos grevistas do centro nuclear de La Huague, que ocupam parcialmente as instalações desde quinta-feira.

ESTOCOLMO, 18 (ANOP) — Morreu Gunnar Lange, que tinha 67 anos e de 1955 a 1969 fora o ministro sueco do Comércio, havendo advogado a cooperação europeia e sido um dos arquitectos da EFTA.

HELSÍNQUIA, 18 (FP) — O presidente finlandês, Urho Kekkonen, aceitou oficialmente, ontem, a demissão do Governo de coligação de Martti Miettunen, e anunciou que as discussões para resolver a crise política começarão na próxima terça-feira.

CARACAS, 18 (ANOP) — Todos os aeroportos da Venezuela foram militarmente ocupados devido à greve dos pilotos, iniciada há três dias.

PUB

SINDICATO DOS TRANSPORTES RODOVIÁRIOS DO DISTRITO DE LISBOA

Avenida Visconde Valmor, 34-1.º — LISBOA-1

Telefones: 770274 - 763276 - 770066

CONVOCATÓRIA

Nos termos do art.º 34 dos Estatutos, convocam-se todos os associados deste Sindicato para reunir em Assembleia Geral Extraordinária, no dia 22 do corrente mês, pelas 21 horas, no Cinema Voz do Operário, sito na Rua Voz do Operário, n.º 9, em Lisboa, com a seguinte

ORDEM DOS TRABALHOS

1.º — Congresso dos Sindicatos

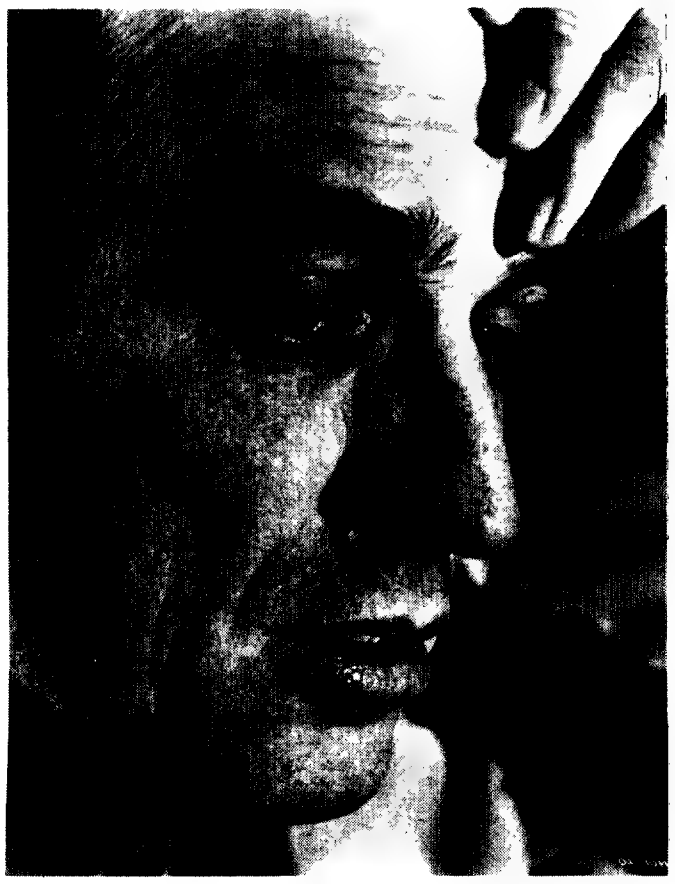
2.º — Tomada de posição em relação às contrapropostas apresentadas pelas Associações Patronais e pela Rodoviária Nacional.

Lisboa, 7 de Setembro de 1976

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral

José Nunes Mosteiro

Espectáculos



Ingmar Bergman, sueco agora fora da Suécia: «o amor abarca tudo, mesmo a própria morte», eis a chave que ele propõe no seu último filme

PARIS VÊ O NOVO FILME DE BERGMAN

"Frente a frente" (ou o amor e a morte)

Jacques Siclier

. Todos os filmes de Ingmar Bergman foram e são, fragmentos da sua vida. Todos eles falam das suas dúvidas, das suas interrogações perante o mistério da natureza humana. «Frente a frente» não é excepção. Pouco antes de iniciar as filmagens, Bergman escreveu uma longa carta aos membros da sua equipa. Eis alguns excertos sifnificativos:

. «Preparamo-nos para fazer um filme que, de certo modo, trata de uma tentativa de suicídio. Na verdade ele trata (como de costume, ia dizer da vida, do amor e da morte. Porque nada é mais importante do que esses três elementos. De preocupação. De felicidade. E assim sucessivamente. Há muito tempo que vivo na companhia de uma certa angústia que não tem a menor causa palpável. Depois de ter posto à minha angústia várias etiquetas, menos convincentes umas do que outras, acabei por resolver entregar-me a uma investigação minuciosa. Os problemas de outro ser angustiado ajudaram-me a compreender melhor os meus. Foi assim que a personagem principal do nosso filme começou a tomar forma.

Uma personagem feminina porque é, uma vez mais, através de uma mulher, que Bergman se interroga sobre a condição humana.

Uma mulher. Trinta e cinco anos talvez. Cabelos castanhos,olhos azuis, rosto liso. Veste roupa bege de vários tons, parece harmoniosa, equilibrada. Assim se apresenta a doutora Jenny Isaksson, psiquiatra, interpretada por Liv Ullmann, actriz que já interpretou outros filmes de Bergman como «Persona», «A hora do Lobo», «Uma paixão», «Gritos e murmúrios» e «Cenas da vida conjugal». O marido de Jenny, também psiquiatra, faz conferências no estrangeiro. A filha está num campo de férias. Jenny vai instalar-se em casa dos avós, enquanto não se muda para uma nova casa, e escuta as confidências da avó, que vive num mundo de recordações, com o avô, que declina.

Ouve uma das suas doentes, Maria, um caso dificil. Ouve o que se diz uma recepção mundana em casa da mulher do médico-chefe. As pessoas reparam então que Jenny, que parece tão equilibrada, não comunica com os outros. E depois ela tem uma espécie de visão: uma velha com um dos olhos glanco, aparece-lhe. É um filme de Bergman e reconhecemos a ideia da morte. Mas Jenny? Quem é Jenny?

. Tem um amante para passar o tempo, e continua a ver viver os outros. Algo tem, naturalmente, que estalar. E, na verdade, um telefonema atrai Jenny à sua nova casa vazia de móveis onde dois homens levaram a doente, Maria, que fugira do hospital. Jenny sofre uma tentativa de estupro, e eis que o retrato demasiado perfeito, em todo o caso demasiado liso dessa mulher que atravessa a vida dos outros, estala. Todos esses beges, todas essas linhas suaves vão dissipar-se. Jenny teve um choque que pôs em causa a sua frigidez a um tempo física e moral. Os medos que ela camuflava, surgem de repente.

Depois de um concerto Jenny acompanha o professor Thomas Jacobi a casa e toma soporíferos para dormir. Mas não dorme, e conta a Thomas a sua aventura uma espécie de crise de histeria. Depois, volta para casa dos avós. É aí que, um domingo de manhã, quando está só, tenta suicidar-se. Nesse momento do filme, em que o retrato de Jenny estala, Bergman recusa qualquer efeito dramático e no entanto, a emoção aperta-nos a garganta. Jenny está deitada numa cama, já não a vemos, só se vê a sua mão movendo-se lentamente sobre a parede, seguindo com um dos dedos os desenhos do papel pintado. Só essa mão e depois a câmara panorâmica sobre a parede, como que para um último olhar. A morte está ali.

Mas, bruscamente, surge uma mulher de vestido longo e boné vermelho. É Jenny entre a vida e a morte, é aqui que o filme oscila. Jenny sufocando na água lamacenta do inconsciente está a descobrir a sua verdade. Tudo o que reprimia dentro de si, sob aquela sua aparência bege, e lisa, vamos lê-lo no écran, porque essa segunda parte, dominada pelo pesadelo, é uma releitura, uma iluminação dos pormenores e dos sinais da primeira. Uma psicanálise em suma. Jenny regressa à vida num leito de hospital, depois mergulha de novo no pesadelo, acorda, acaba de se libertar daquilo que desde a infância a asfixia: a angústia da morte, o medo das relações com os outros, a obsessão dos pais desaparecidos, confiando-se, em gritos selvagens, a Tomas Jacobi, que está à sua cabeceira.

O método bergmaniano leva Liv Ulmann a identificar-se totalmente com a personagem e a transmitir-nos, ao mesmo tempo, todas as vibrações do cineasta que, através dela, se interroga. Isto não tem nada de impúdico. Pelo contrário, é comovedor. E quando Jenny comunica finalmente com Tomas é como se um elo se estabelecesse entre ela e os outros, entre ela e nós, espectadores. A depressão nervosa e a psicanálise — pelo menos as manifestações que o público conhece — substituem hoje as perturbações religiosas e os símbolos metafísicos do tempo em que Bergman se preocupava com a existência e o silêncio de Deus. Ele vai direito ao coração da mulher ao coração do ser humano, visto que a mulher dá a vida.

Este belo filme que ao mesmo tempo sentimos como uma ferida é um tranquilizante, termina numa cena de intimismo e serenidade. Curada do frente a frente consigo própria, guarda consigo a angústia de viver mas descobre aquilo que permite suportar essa angústia ao olhar para o avô (à morte), e para a avó, ternamente unidos.

De súbito, diz ela, e Bergman também comprende que o amor abarca tudo, mesmo a própria morte.»

© *LE MONDE*

Liv Ullmann, a protagonista: através do método bergmaniano identifica-se totalmente com a personagem

DISCOS NA EUROPA

Três primeiros lugares para os "Abba"

Três primeiros lugares, um segundo e um sexto em seis «top-ten» tal é o êxito espectacular do conjunto «Abba», esta semana na Europa.

Esta proeza, dificilmente igualável no mercado internacional do disco, deve-se, principalmente, à canção «Dancing Queen» que lhes valeu o primeiro lugar, na semana que passou, nos «tops» da Bélgica, Grã-Bretanha e Holanda. Por outro lado, o seu já mais conhecido «Fernando» (há por aí programas de rádio que o transmitem a toda a hora com muito sentimento e envolvência romântica!) está em segundo lugar na Espanha e em sexto na Itália.

«Smile», de Pussycat, é também segundo na Bélgica e na Holanda. Outras músicas em destaque: «Por que te vas» (Jeannette) é o n.º 1 em França e «Ein bett in Kornfeld», de Juergen Drews, ocupa idêntico posto na Alemanha Federal, tal como «Margherita» (Riccardo Cocciante), na Itália e Glória (Patti Smith), na Espanha.

Uma nota de certo interesse: o «velho» Johnny Halliday mantém-se em destaque no mundo do espectáculo com a canção «Derrière l'Amour», que é segundo, em França, depois de ter sido primeiro na semana anterior.

MODERNISMO E ARTE NEGRO-AFRICANA NO MUSEU DE ETNOLOGIA

EXPOSIÇÃO ORGANIZADA PELA SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA, MUSEU DE ETNOLOGIA, FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN COM A COLABORAÇÃO DO MINISTÉRIO DOS NEGÓCIOS ESTRANGEIROS

ABERTO DIARIAMENTE, DAS 16 ÀS 21 HORAS
AO SÁBADO ENCERRA ÀS 24 HORAS
FECHA À SEGUNDA-FEIRA
AV. ILHA DA MADEIRA — RESTELO

PIONEIROS DO MODERNISMO EM PORTUGAL NA SOCIEDADE NACIONAL DE BELAS ARTES

Exposição de obras de Santa Rita Pintor, Amadeu de Sousa Cardoso, Almada Negreiros e Eduardo Viana.

Patente na Sociedade Nacional de Belas-Artes
Rua Barata Salgueiro — Lisboa

Aberto diariamente das 14 às 20 horas

Com o patrocínio da Secretaria de Estado da Cultura e da Fundação Calouste Gulbenkian

FESTIVAL DA FIGUEIRA DA FOZ

Epílogo breve

Jorge Leitão Ramos

. Para lá dos filmes, fulcro de um festival mas não tudo, que sobrou desta 5.ª edição de um certame que anualmente se refaz?

Primeiramente, montra última, escaparate dos valores, «podium» olímpico, os prémios. Prémios que, este ano, não tiveram o aval da crítica especializada que recusou participar no júri (salvo o caso de Pedro Matos de «A Luta») e que assim distribuiu os galardões:

. GRANDE PRÉMIO: **ex-aequo** para **A viagem dos Artistas** de Theo Angelopoulos (Grécia) e **A colheita dos 3000 anos** de Haile Gerima (Etiópia); PLACAS DE PRATA: **Os embaixadores** de Naceur Ktari (Tunísia), **Jeanne Dielman** de Chantal Ackerman (Bélgica) e **Xala** de Sembene Oousmane (Senegal); MENÇÕES HONROSAS: **Criado para todo o serviço** de Thomar Koerfer (Suíça) e **Winstaley** de Kevin Brownlow e Andrew Mollo (Grã-Bretanha); PRÉMIO DO JÚRI: à obra de Dziga Vertov, pelo seu excepcional contributo ao desenvolvimento do cinema.

Prémios, como todos, discutíveis e que, portanto, nos abstemos de comentar; abrir-se-á uma excepção para afirmar do ridículo que é premiar-se num festival, o cineasta Dziga Vertov, de que foi apresentada na Secção Informativa uma retrospectiva. É como se um salão de arte resolvesse premiar El Greco ou Van Gogh. Pela primeira vez, desde que este festival se tornou competitivo, alguma coisa, para lá dos jurados, se deve ter passado.

Pequeno facto, miudinho, mas talvez indicativo de que algo que já se denotava se está a tornar a realidade total: a Figueira da Foz irá ser cada vez mais um palco para um festival à imagem e semelhança dos que por esse mundo pululam. Com alibis, é certo, mas apenas alibis [illegible] que se chamam debates, participantes, enquadramento cultural, extensão às aldeias, ou seja, breves acrescentos (de ano para ano cada vez mais descurados) que escamoteiem uma realidade. Afora juízos de valor ou combates quixotescos (há moinhos bem maiores a contestar) o importante é saber-se, a quem serve, o que propõe, onde se insere. Um festival pode ser desde «passerele» de **starlettes** a local de encontro para discutir cinema, de espaço de debtae a maratona de filmes, de mercado a mostra especializada. Não pode é querer conciliar o inconciliável, por um lado dar prémios (que aliás, aumentam em número) por outro ser cultura, por um lado ser seleccionado por outro provinciano, agora desejar a crítica para logo quase a hostilizar, hoje ser progressista e amanhã social-democrata. Não pode porque é materialmente impossível. Daí que a tal identidade que, no dizer lúcido do seu secretário-geral José Vieira Mrques, o Festival busca seja o fulcro da questão doravante. Identidade que passa, também, por uma definição cultural e política de quem organiza. E por uma reestruturação da organização que, de ano para ano, se evidencia ser pequena e demasiado improvisada para um certame com a envergadura e a projecção que este já atingiu. Envergadura e projecção que urge preservar. Com uma clara rota.

Só o que vive se discute. Este festival está vivo demais para se fechar sobre si mesmo; não faz de **zombie** porque lhe corre sangue verdadeiro nas estruturas. Agora que ele é uma realidade definitiva, tempo é de ser, também, contestado. Porque já não necessita da nossa indulgência; necessita da nossa solidariedade. Activa. isto é, combativa

Televisão

Canal da Crítica

Por MÁRIO CASTRIM

HAVIA SÓ UMA TERRA. JÁ NÃO HÁ

Quatro anos. Durante quatro anos um programa se manteve na primeira linha de esclarecimento do povo português. Durante quatro anos, um programa, com as armas da inteligência e da audácia, conseguiu não raras vezes ultrapassar as barreiras da censura e influir alguma vida num cadáver oficial chamado Televisão.

Merecia algum respeito, este programa. Merecia alguma atenção. E a maior seria deixarem-no prosseguir o seu combate contra o obscuratismo, as injustiças sociais, a degradação do meio ambiente.

Tal não acontece O programa em questão vai desaparecer. Anunciou-o ontem, singelamente, um dos elementos da equipa responsável, Luís Filipe Costa: *Há só uma Terra* desapareceu do mapa da programação...

A última emissão partiu em beleza: com a cinematização do poema «Invenção do Amor» — precisamente um grito contra a violência e a intolerância.

Contra a intolerância... Tivèsse Daniel Filipe conhecido a televisão dos nossos dias e certamente a incluiria entre as forças perseguidoras e opressoras.

Há só uma terra foi arredada. Digamos: foi saneada. O mal-estar vivido no M. E. I. C. vai projectar-se (se não se projectou já...) no sector da Comunicação Social?

O novo figurino da Televisão portuguesa não deixa de causar as maiores apreensões. Sem «Há só uma Terra» e sem os programas de António Vitorino de Almeida — para além doutros e certamente bem poucos outros há... — não há dúvida: o deserto avança no Lumiar...

É verdade: quando entra em funções o Miguel Araújo?

A VOLTA DA VOLTA

Momento Desportivo lembrou-se de pensar a Volta a Portugal em bicicleta. Para isso, e além de alguns corredores, entrevistou jornalistas conhecedores da matéria: o meu camarada de Redacção, Neves de Sousa, Homero Serpa, da «Bola», Carlos Soares, da «Luta», e Ribeiro Cardoso, de «O Diário».

António Manuel indicou uma deficiência da rubrica: as ausências de um sociólogo do desporto e do médico da prova. Correcto. Dado porém o pouco tempo concedido à função, a inclusão deles seria querer meter o Rossio na Rua da Betesga. Será de desejar, sim, um novo programa. A respeito da Volta a Portugal? Pois sim. Na realidade, a propósito disso se poderá ir muito mais longe.

Como não poderia deixar de ser, a confrontação amadorismo-profissionalismo esteve sempre na jogada.

Para Homero Serpa, o des*porto tem de avançar em termos de amadorismo. A afirmação surge alicerçada em termos seguros: à frente do atleta terá de se pôr sempre o homem* a significar isto a necessidade de resolver fundamentalmente os seus problemas de desenvolvimento social harmonioso do qual o desporto é uma parte e não um todo.

Neves de Sousa, por sua vez vincou a necessidade de dar a todos os praticantes de ciclismo um perfeito equilíbrio entre a sua situação de homem e de atleta. Correcto. Não se compreende muito bem, no entanto, como se enquadra nesse ponto de vista a defesa do profissionalismo, pelo menos de um certo tipo de profissionalismo, tão do agrado de Neves de Sousa.

O profissionalismo no desporto, ou um certo tipo de profissionalismo, tende a defraudar socialmente o desportista. Poder-se-á avançar teoria muito semelhante em muitas outras actividades numa sociedade capitalista. Mas a actividade desportiva será aquela onde a alienação e as consequências anti-sociais são mais visíveis por serem de evolução mais rápida: aos 30 anos um homem pode já ser um velho, um vencido, um não presta para nada, um trapo. Resolva-se um dia Neves de Sousa a contar-nos da sua grande experiência nesse campo e a sociologia desportiva em Portugal encontrará um grande campo de manobra.

SANEADO «A POSTERIORI»

Carlos Soares adianta a tese seguinte: nos tempos do falso profissionalismo, os atletas encontravam um mínimo de apoio e de preparação; agora, com o amadorismo, nem isso. Logo, ou a Volta a Portugal se realiza com o profissionalismo antigo, ou a manter-se este amadorismo não vale a pena, porque o ciclista amador não tem condições para praticar desporto.

Ribeiro Cardoso, de «O Diário», não escondeu as deficiências de uma volta organizada nestas condições. Mas sensatamente aponta para o amadorismo como uma solução para a qual, em termos de defesa do atleta, não existe alternativa.

Certamente, e dado o facto de Portugal, segundo a Constituição, seguir uma via socialista, não haverá mais problemas quando ao socialismo chegarmos — e isso ainda vai demorar uns tempos, acreditem. Manuel Gomes, um atleta cujo depoimento ontem escutamos, manifestou o seu desejo de ser aqui como na Bulgária: os trabalhadores encontram as melhores facilidades para se treinarem, para desenvolverem as suas qualidades em termos de alta competição. Lá chegaremos, Manuel, lá chegaremos.

Mas... e enquanto não chegarmos ao socialismo? Nesse caso, e como apontaram Ribeiro Cardoso e Homero Serpa, as firmas, as casas onde os atletas trabalham, terão um importante papel a desempenhar — até porque a fama do atleta serve de propaganda. De boa e justa propaganda, acrescente-se.

O Estado, claro, tem uma palavra a dizer. Silva Graça utilizou o seu poder em benefício dos atletas de melhor porte, cujo exemplo faz óptima propaganda do desporto em geral. Silva Graça: um nome saneado «a posteriori» da Televisão e outros órgãos informativos, os próprios beneficiados parece terem medo de pronunciar o seu nome. Assim vão os tempos...

Os grandes atletas, esses sim, poderão profissionalizar-se... depois de abandonar o desporto. A colectividade, na pessoa do Estado, deverá garantir a assistência aos jovens praticantes, por parte de Joaquim Agostinho, Fernando Mendes, etc. etc. Quem diz ciclismo, diz futebol, diz qualquer modalidade desportiva. Também assim acontece nos países socialistas. Seria inaceitável ver Alves Barbosa regressar a penates a Sangalhos a tratar de negócios ou pôr Agostinho novamente em Brejenjas a cavar terra.

Também isto entenderam Silva Graça e sua equipa. Ter-se-á, ao menos, aprendido a lição?

P. S. Em tempo: quem será aquele Pedro Cuelano que António Rafael nomeou com o sendo secretário das Pescas? Será que o Ministério foi modificado e não disseram nada à malta? Então isto faz-se? M. C.

Mário Soares na TV

Mário Soares será amanhã à noite entrevistado na TV por Joaquim Letria e Marcelo Rebelo de Sousa sobre diversos pontos do seu discurso do passado dia 9. A transmissão far-se-á após a segunda emissão do telejornal.

Segundo a ANOP, citando fontes bem informadas, este é o primeiro de uma série de encontros em que se visam focar as grandes questões da vida nacional.

GOMES & PEREIRA, LIMITADA

NOTARIADO PORTUGUÊS

Eu, abaixo assinado, ajudante do 20.º Cartório Notarial de Lisboa, sito na Avenida Almirante Reis, número 202 rés-do-chão, certifico para efeitos de publicação que, por escritura de 15-7-76, lavrada nas notas deste Cartório no livro G-68 de folhas 40 verso a folhas 42, Alberto Freire cedeu a quota do valor nominal de 25 000$00 que possuia na firma em epígrafe, sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, com sede em Odivelas, Loures a António dos Santos Rodrigues Rua. D. Belmira Madalena Marques cedeu a quota de 25 000$ que possuia na mesma firma a D. Gracinda Marques Martins. Foi alterado o artigo 5.º do pacto da referida sociedade, nos termos seguintes:

5.º Ambos os sócios são gerentes, com dispensa de caução, e para que a sociedade fique obrigada nos respectivos actos e documentos basta a assinatura de qualquer deles.

Para constar se passou a presente certidão de narrativa parcial e de teor parcial que vai conforme o original, no qual nada há em contrário ou além do que se certifica.

Lisboa, 26 de Julho de 1976

A ajudante — **Maria Antonieta dos Santos Carriço Estêvão.**

HOJE: às 20.30 e 22.00
Domingos — Matinées às 16 h.
4.ª FEIRA
Descanso da Companhia
(Não acons. MEN. 18 anos)

TEATRO ABERTO
P. de ESPANHA metro PALHAVÃ telef. 77 09 69
grupo 4 apresenta
O CIRCULO DE GIZ CAUCASIANO
bertolt brecht

(4.º MÊS em cena)
DE 3.ª A 6.ª FEIRA
ÀS 21 e 15 H.
SÁBADO ÀS 15.30 e 21.15
DOMINGO só às 16 h.

MARIONETAS DE SÃO LOURENÇO E O DIABO

DIAS 18 e 19
às 17 e 22.00 horas

Galeria Nacional de Arte Moderna
Av. Brasília — Belém

AS PEÇAS

PRANTO DA MARIA PARDA
CONDE DE ALEMANHA
GERINALDO O ATREVIDO

Esta iniciativa tem o apoio da Secretaria de Estado da Cultura.

Hoje

Brunilde Júdice intérprete de «Mulheres da Beira»

I PROGRAMA

14.00 Abertura e **Telejornal** — 1.ª edição
14.15: Hoje Pode Ver
14.25 Retrospectiva; 14.40 Culinária
15.05 Aconteceu, Acontece
15.30 «Jovens Rebeldes»
16.20 Fungagá da Bicharada
16.45 Cinema de Animação
17.45 Teatro Mirandês
18.05 Da Saúde e da Vida
19.15 Stop
20.00 «Gente do Amanhã»
20.30 Telejornal — 2.ª edição
21.05 Jogos Sem Fronteiras
22.45 Em Debate
23.40 Telejornal — 3.ª edição
00.00 Fecho

II PROGRAMA

20.00 Abertura e **Concerto** — pela Banda da Guarda Nacional Republicana
20.40 Clássicos do Cinema — «As Mulheres da Beira»
21.45 Telejornal
22.20 Fecho

Amanhã

I PROGRAMA

12.00: Abertura e Missa de Domingo; **12.40**: Da Vida e do Povo; **13.10**: No Jardim Zoológico; **13.35**: Desenhos Animados; **14.00**: Telejornal — 1.ª edição; **14.15**: Hoje Pode Ver; **14.30**: Corrida de Toiros; **15.15**: Focore; **15.45**: «Num Abrir e Fechar de Olhos»; **17.30**: Presença do Brasil; **18.00**: Hoje Há Palhaços; **19.00**: «Heidi»; **19.30** TV Rural; **20.00**: «Goodies»; **20.30**: Telejornal — 2.ª edição; **21.05**: Telefutebol; **21.45**: «Cayhanger — Vidas Perdidas»; **22.40**: A Música e o Silêncio; **23.00**: Telejornal — 3.ª edição.

II PROGRAMA

20.00: Abertura e foi êxito na TV — «Kung Fu» — «O Terceiro Homem»; **21.00**: Saravah; **22.30**: Telejornal; **23.00**: Cinema de Animação; **23.30**: Fecho

PARA REPARAÇÃO DO SEU **TV**
SOS - CLÍNICA DE TELEVISÃO
COM RADIO-TELEFONE PARA MAIOR RAPIDEZ E EFICIÊNCIA
DESLOCAÇÃO E ORÇAMENTO GRÁTIS — SERVIÇO PERMANENTE
Telefs. 722786-834271
Avenida S. João de Deus, 13-B - Rua Macau, 8

Desporto

Se o leitor benfiquista se habituou ao sabor dos grandes êxitos, ao paladar dos sucessos feitos (mesmo ao pé coxinho) pelo sr. Silva Ferreira, aos demolidores «sprints» do sr. Almeida, aos passes milimetricamente realistas do pequeno António, à coriácea resistência do sr. Esteves (que marcava todo o campo com a generosidade abnegada de uma total entrega à profissão), fique nesta que lhe conto: não temos Eusébio, não há mais José Augusto. Simões abalou para outras áreas e ninguém sabe onde o Coluna mora gora. Daí que o Benfica ao deixar envelhecer sem herdeiros toda uma fornada de «estrelas», seja agora obrigado a viver em outro calendário menos saudosista.

Benfica no tempo das vacas magras

NEVES DE SOUSA
nosso enviado especial a RDA

Pese (embora) à douta opinião de colegas de profissão que embandeiraram em arco com a actuação benfiquista frente ao forte mas pouco imaginoso futebol da RDA, a verdade teve outra face para muito boa gente: os campeões nacionais, apesar de se baterem com notável interesse e vasta aplicação, foram uma espécie de bombo de festa que o público de Dresden passou uma boa hora a assobiar pelo seu negativismo, pela ratice com que enrolavam a manta, pelo maquiavelismo patente em torrentes de «livres», em enchurradas de «cantos», em pontapés pela lateral, em tudo aquilo que os ingleses consideram como antijogo e, implicitamente, contrário à beleza que faz do futebol um atraente e sedutor espectáculo.

Com efeito, o Benfica usou e abusou de toda a vasta gama de truques que são fruto do pavor de perder por **goleada**: atirou-se para o chão simulando lesões, discutiu com o trio arbitral os locais para colocação de bola, meteu o **sarrafo** em doses industriais e, apesar disso tudo, apenas em três ocasiões (três, contadas pelos dedos) desceu até próximo do guarda-redes contrário que, se tivesse malmequeres ali à mão, podia ter colhido um belo ramo para oferecer à conversada. Numa banal definição: chegou a envergonhar este Benfica-76, que apareceu em Dresden tomado de pânico, somente pretendendo aliviar a casa de qualquer maneira, afastar a bola para onde estava virado, segurá-la mesmo em montanhas de passes para o guardião das suas redes embora o golpe, repetido minuto a minuto, desencadeasse apupos monstros do público local e, entre a dúzia de portugueses colocados fora das quatro linhas, um sentimento de vexame e mágoa, de vergonha e tristeza, que tão cedo não se afastará da recordação dos sofredores.

É tudo isto porquê?

A NU E CRU

Privado de duas unidades fundamentais do seu xadrez (Toni, por castigo; Vítor Martins, lesionado), sem poder contar com o recém-reforço Pietra (também ele sob alçada disciplinar da UEFA), obrigado a socorrer-se de homens que não tinham ainda jogado oficialmente esta temporada (Messias e Romeu), este Benfica do simpático Mortimore apareceu no pequeno estádio de Dresden com as orações na ponta da língua: perder por poucos era a ideia atafulhada no centro das meningas. Vai daí, tudo servia: **corte** nas canelas do parceiro, pontapé desregrado para a lua ou para a bancada, mergulho para o chão em voo picado (como se alguém tivesse sido subitamente fulminado), até aquele jeitinho muito peculiar aos «temas» de meia tijela que, precavidos pelo impacto com esquadrões poderosos, entram em campo só para servirem de cimento armado no caminho para o ataque contrário.

De facto, o medo de apanhar uma **tareia** levou o Benfica a não mostrar um único esquema ofensivo e, pelo contrário, a explanar (com todos os exemplos possíveis e imagináveis) como se destrói o bonito passatempo que é o futebol de bola corrida entre a defesa e o ataque, entre a parada e a resposta. A nu e cru: bater-se como leão, não dando ao sócio de outro emblema o menor trilho para as malhas. Só que, ao contrário do que magnificamente faziam a Académica ou o Vitória de Setúbal das boas épocas, o Benfica actual não sabe (ou não pode) rendilhar o desfeite às progressões contrárias, adormecer os adversários em trocas inebriantes de bola, com o verrinoso contra-ataque que ia colher de pasmo os fortalhaços que viviam pela frente.

SAUDADE VAI EMBORA

No moderno Benfica, não há mais personalidade de peso decisivo: foram-se os anéis, ficaram os dedos. Apanhada de barbas brancas, com o erro de não ter sido revigorada docemente, a turma da Luz deixou de ser grande cartaz internacional: mesmo cá por casa, já vai suando as estopinhas para se confrontar com grupos de menor capacidade financeira, logo de inferior possibilidade de captação de bons valores.

Acresce que, a avaliar pelo visto em três exames (Alvalade, frente ao Braga, 4.ª feira em Drasden) só fazendo das fraquezas força consegue andar a hora e meia em pé, parecendo-nos que a preparação física dada pelo técnico inglês ou pelo adjunto Rui Silva não serve (ou ainda não foi assimilada) pelos novos pupilos.

De resto, o Benfica terá de olhar seriamente pelo futuro, e não mais viver de contemplações ou saudosismos, de restelianas memórias de feitos que já se escoaram no tempo. Mesmo dando de barato que Toni pode ser o leme de meio campo e que Vítor Martins sabe ordenar jogo para a pontaria adiantada, não deve esconder-se que, tirando o tímido Nené dos repentes ou da passividade, não há mais nenhum chutador ao golo em todo o vasto «plantel» rubro, agora que Vítor Batista (**intragado** pela maioria dos companheiros com quem trocámos impressões a respeito...) acabou por assinar aquilo que pode ser a sua sentença final como jogador de futebol ao serviço do patrão **vermelho**.

Por outro lado, a defensiva do Benfica é muito oscilante, talvez porque Barros atravessa uma fase de temperamento beliscado e, ao mesmo tempo que Bastos Lopes não dá grande tranquilidade aos professores quando tem de enfrentar um extremo que entra pela frente de couro nos pés, temos que tanto Eurico como Messias vivem em latente estado de ebulição por não estar encontrada a fórmula ideal para a sua colaboração. Um quarteto que terá de ser férreo, baseia-se hoje apenas em Artur: e em Barros quando o antigo leixonense actua fora dos olhos da massa associativa da Luz...

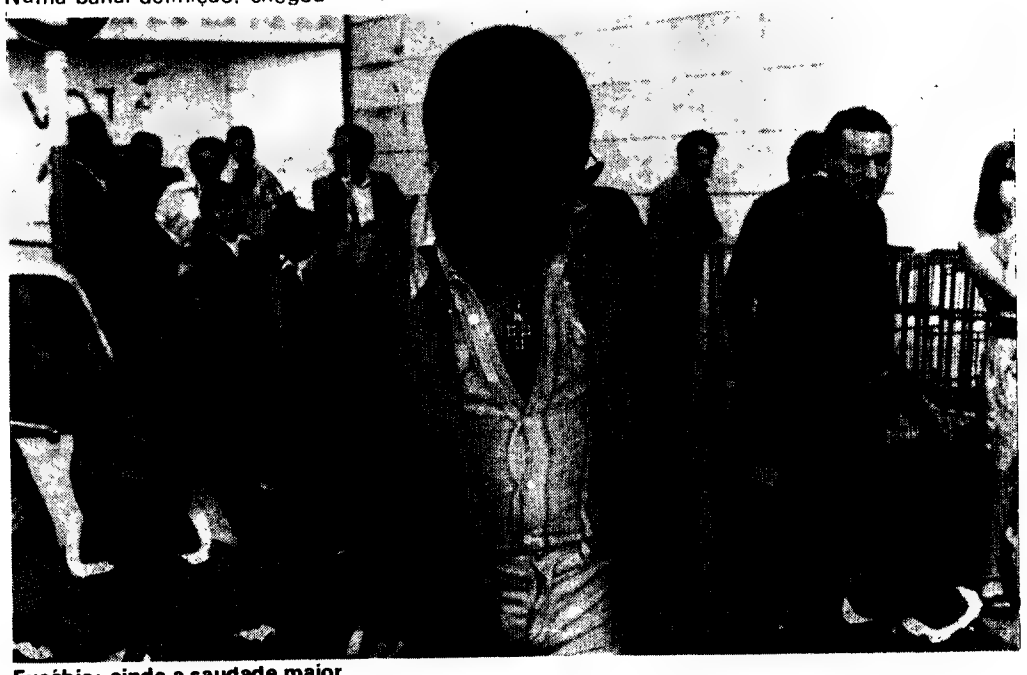
Verdade que o guarda-redes Bento está em forma que o credita como possível na selecção nacional: não haverá por aí, após a emigração de Damas, porteiro que se lhe equipare, mesmo considerando Melo e Botelho, Rui Paulino e Conhé. Mas se a pouca sorte bate à porta do Benfica antes de José Henriques estar recuperado, já se imaginou o que poderá ser o jovem Álvaro, sem qualquer experiência ou rodagem, perante um teste a sério e com todos os matadores?

No meio do terreno, Sheu anda com o lugar de pernas para o ar: nem remate, nem construção. Pietra perdeu a alegria com que buscava o remate mortífero, a infiltração dilacerante. Quanto ao frágil Romeu (que tem a favor o nunca virar a cara à luta, empenhando-se por igual contra amigos ou antagonistas...) como ao quase anónimo José Domingos, nada de marcante, embora para alguns entendidos o antigo vimaranense como o ex-cufista possuam madeira capaz de bem ser burilado. Por seu turno, Moinhos, sugere o pensamento de estar a léguas-luz dos seus melhores pergaminhos, quem sabe se por andar agora acorrentado ao meio-campo e raramente ter ensejo de disparar a alça em condições e clima de calma.

Em contrapartida, para amenizar um pouco o panorama da desolação, saem do banco de suplentes dois rapazes de gabarito: Chalana, o pequeno genial; José Luís, o médio que bate à porta e pede passagem. De um bloco já a roçar a veterania ou o conformismo (Malta da Silva, Diamantino) emerge a esperança para a grande sucessão do **bloco de ouro**.

Em Dresden, Chalana desfilou o perfume de uma classe sem paralelo em qualquer benfiquista desde 1976, enquanto José Luís mostrou que não é improdutiva a safra de Angelo no seu afanoso trabalho. E aqui está como se desejaria ver, mais dia menos dia, Angelo colocado em degrau de maior responsabilidade: tal e qual como se acredita que, neste tempo de vacas magras, o racional Benfica de Borges Coutinho tenha de lavrar a horta com o arado de madeira. Na hora de pausa para meditação, há que entender o Benfica como espelho da austeridade que se pretende no comportamento de todo um País: sem lhe atirar pedras, passar uma esponja sobre as decepções e confiar que melhor tempo virá quando, de braço dado com Chalana, aparecerem de camisola vermelha outros pequenos reis para o futebol português.

Chalana: o pequeno genial que vai marcar o rumo do novo Benfica



Eusébio: ainda a saudade maior

Nacional de futebol: ronda número três

A ronda número três do calendário de jogos correspondentes aos principais escalões futebolísticos divide-se, como na semana finda e na jornada de abertura, por hoje e amanhã. Hoje, sábado com sol de Norte a Sul, há três embates da divisão maior antecipados: Varzim-Montijo, às 16 horas; Atlético-Leixões, às 17; e Sporting-Portimonense, às 21 e 30. Na II Divisão: Riopele-Famalicão (Zona Norte), às 17 horas; Feirense-Mrinhense (Zona Centro), às 21 e 30, no Estádio Marcolino Castro; e, na III do Nacional secundário, em Ponte de Lima, os «Limianos» com o Bairro Latino, da série A, às 16 horas.

Para amanhã «a folha oficial» indica, no respeitante à I Divisão, os seguintes confrontos (todos às 16 horas): V. Setúbal-Boavista; Académico-Belenenses; Estoril-Benfica; Braga-V. Guimarães; Porto-Beira-Mar.

Na 2.ª Divisão (Zonas Norte, Centro e Sul): Paços de Ferreira-Espinho; Vila Real-Salgueiros: Fafe-Penafiel; Paredes-Gil Vicente; Tirsense-União de Lamas; Chaves-Régua; Lourosa-Vilanovense; Caldas-Torriense; Acad. Viseu-Portalegrense; Covilhã-Alba; U. Leiria-Sanjoanense; Estrela-Tomar; U. Santarém-U. Coimbra; Torres Novas-Peniche; Alcochetense-Sesimbra; U. Montemor-Lusitano; Farense-Barreirense; Oriental-Odivelas; CUF-Olhanense; Juventude-Sintrense; VascodaGama-Almada; e Esperança-Marítimo.

Quanto à 3.ª Divisão (Séries A, B, C, D, E e F), eis a «maqueta»:

Aves-Vianense, Mondinense-Bragança, Cabeceirense-Tandim, Monção-Joane, Esposende-Maria da Fonte, Forjães-Mirandela, Mogadourense-RioAve; Trancoso-Vildemoinhos, Lamego-Leça, Cucujães-Infesta, Aliados-Leverense, Freamunde-Oliveirense, Avintes-P. Brandão, P. Castelo-Viseu Benfica. Arrifanense-Valecambrense; Vilanovense-Mangualde, Esperança-Marialvas; Anadia-Ala-Arriba, Tabuense-Covilhã Benfica; Febres-Oliveira do Bairro; Ançã-Tondela, Naval-Gouveia, Águeda-Guarda; Bombarralense-Almeirim, Lousanense-Cartaxo, Alcobaça-Batalha; Eléctrico-Marrazes; Pombal-Alferrarede; Niza Benfica-Alcanenense; Vieirense-Benfica e Castelo Branco, Matrena-Campomaiorense; Nacional-Alhandra, Cova Piedade-Trafaria; Olivais-Benavente; Loures-Olivais; Casa Pia-Bucelense; Vilafranquense-Elvenses; Alverca-Estrela, Elvas-Sacavenense; Beja-Sant. Cacém, Quarteirense-Reguengos; Paio Pires-Rosairense; Silves-Moura; Luso-Lusitano V. Real; Costa Caparica-Seixal; Odemirense-Sambrazense; Amora-Aljustrelense.

Todos estes jogos se efectuam amanhã, às 16 horas, nos campos dos clubes indicados em primeiro lugar.

PORTUGAL

PRAGA E PARIS

Já estão em Praga os três atletas que, escolhidos pela Federação Portuguesa de Atletismo, participam hoje, e amanhã, em provas internacionais promovidas pela federação checa. Amanhã, a prova em que tomam parte denomina-se «Cross do Rude Pravo», edição XXII realizada sob a égide daquele jornal da Checoslováquia.

Os mesmos atletas encarnados estarão, no dia 21 do corrente, em Paris, na pista do Jablonec Nad Nisou, onde Anacleto Pinto correrá os 5000 metros, enquanto que Tavares da Silva participará nos 3000 mil. José Abreu acompanhará Anacleto nos cinco mil.

AEROMODELISMO

Esta tarde e amanhã (de manhã e à tarde), na pista da Portela de Sacavém, o Clube de Aeromodelismo de Lisboa promove a realização do V Grande Prémio de Portugal daquela modalidade, competição aberta às classes F e A (velocidade), F 2 B (acrobacia), F 2 C (corridas FAI), F 2 D (combate), corridas Goodyear, semimaquetas (St. Off) e maquetas, que terão classificação individual e colectiva, sendo atribuídos prémios classificados. As incrições encerram hoje, às 23 horas, sendo o seu custo de 30$00, independentemente do número de modalidades em que o concorrente se inscrever, devendo ser pagas antes

Continua na pág. 17

Desporto

Provas de interesse público

Foram considejadas de interesse público nacional as seguintes provas desportivas internacionais: Jogos Olímpicos, Campeonato do Mundo e Campeonatos da Europa, no que respeita a participação de seleções nacionais ou representantes desportivos do País, e Taça dos Clubes Vencedores das Taças e Taça Inter-Toto (futebol), em caso de participação de clubes — segundo despacho do Ministro da Educação e Investigação Científica.

O mesmo despacho determina que «quaisquer outras provas internacionais, não previstas no despacho, serão objectivo de apreciação casuística.»

Talvez por lapso, e cabe-no-lo referir, não é feita qualquer referência à Taça UEFA. Recorde-se, e o despacho tinha obrigação de não o esquecer, que naquela importante prova europeia estão, presentemente, duas equipas portuguesas: o F.C. Porto e o Belenenses, que empataram, singularmente, nos jogos que as opuseram, respectivamente, ao Schalke 04 e ao Barcelona.

PORTUGAL

Continuação da pág. 16

de iniciar a prova, no local próprio, tornando-se também necessária a apresentação da licença FAI.

O júri de decisão é constituído por Carlos Bastos (director), Carlos Costa e Guizo Lopes (juizes) e Viriato Carvalho (comissário).

Também no dia 26 na Base Aérea 1, em Sintra, se realiza a Taça Outono-76, aberta às classes de planadores A1, planadores A2, moto-modelos e «walkfield». Para estas provas a inscrição encerra no dia 22.

PRÉMIOS

É esta tarde, pelas 15 horas, que se efectua no campo do Boa Hora o festival de encerramento do Torneio de Futebol Amador organizado pelo Grupos Desportivo dos «Arcos». O programa foi elaborado do seguinte modo: 15 horas: Cabos Ávila-Império do Cruzeiro; 17: apresentação das escolas do Cruzeirense e do Império do Cruzeiro; às 18: Leões de Alfornel-Cruzeirense.

No final do jogo entre os Cabos Ávila e o Império do Cruzeiro será feita a entrega da Taça «Record» aos Cabos Ávila, 2.º classificado do torneio.

TÉNIS

Hoje e amanhã, no anfiteatro da Casa do Desporto, no Porto, a Federação Portuguesa de Ténis de Mesa leva a efeito um congresso extraordinário, para o qual foram convocadas todas as associações filiadas, cuja ordem de trabalhos é a seguinte: Pontos prévios na primeira meia hora da reunião, apreciação dos estatutos e calendário de provas e, finalmente, o caso do direitor técnico da Direcção-Geral dos Desportos.

Trata-se, pois, de uma reunião importante que se estende por dois dias, sendo bem esclarecedora a ordem dos trabalhos enunciados, da qual se espera não se divorciem muitas associações, dado o local onde se reúne o congresso.

CICLISMO

Troféu "Dinis Silva" e Circuito da Malveira

A Associação de Ciclismo do Sul e o Sport Lisboa e Benfica não se esqueceram de Dinis Silva, o malogrado ciclista tão prematuramente roubado ao seio dos vivos, há dois anos, em pleno apogeu das suas qualidades de velocipedista de eleição e promessa-quase-certeza da modalidade. Natural de S. João de Ver (Vila da Feira), Dinis Silva revelara-se na Ambar e, após uma meteórica e ascensional carreira em amadores populares, juniores e seniores, passou a profissional.

Jovem e poderoso, transferiu-se da Ambar para o Benfica, operação que muita tinta fez correr na altura, e a poucos dias da Volta a Portugal de há dois anos, autorizado a participar na prova, fê-lo com a consciência de quem sabia poder aspirar a um lugar cimeiro. E assim aconteceu: vieram as primeiras etapas, Dinis foi-se aguentando e na subida para a Torre, e após uma tentativa quase desesperada do José Martins e de Joaquim Andrade, que durante muito tempo mantiveram os espectadores interessados no duelo, quase nos derradeiros quilómetros, o «miúdo» Dinis Silva, em excelente andamento, passou por eles e, ante a expectativa e surpresa geral, sagrou-se vencedor no sítio mais alto de Portugal.

Tempos depois, o C. N. I. D. atribuiu-lhe e muito justamente, o prémio da «Revelação da Época». No jantar de distribuição dos prémios ficamos sentados a seu lado. Inevitavelmente, ter-se-ia que falar da «Volta». E Dinis, dentro da modéstia que sempre lhe conhecemos ante as perguntas dos camaradas que compartilhavam da mesma mesa, acabaria, a determinada altura, por afirmar:

— Poderia, é certo, ter ganho a «Volta», mas a verdade é que não era justo pois Mendes era o meu chefe de equipa e merecia um prémio daqueles. Eu tenho muitos anos à minha frente para poder conquistar aquilo que é a máxima ambição de qualquer ciclista.

Tempos passados, fomos surpreendidos com a desagradável notícia de que o ciclista estava condenado por uma daquelas doenças que não perdoam. Dentro daquela ingenuidade e sentido de renúncia que todos temos ante a mais atroz realidade que é a morte, recusamo-nos a acreditar.

Esta tarde, às 15 e 30, será decerrada uma lápide de Dinis Silva na sala de troféus da secção de ciclismo do Benfica, antes da partida da prova levada a cabo como homenagem póstuma.

MALVEIRA

Entretanto, hoje e amanhã, decorrerão o I Circuito Internacional de Viseu, que compreende uma corrida em linha na distância de 38 quilómetros e um contra-relógio individual, um outro por equipas e uma prova de eliminação, e (amanhã) o tradicional circuito da Malveira, no qual participam os nossos principais estradistas, salvo o trio internacional formado por Agostinho, Mendes e Martins.

O Circuito da Malveira conta este ano com a presença das equipas representativas do Benfica, Safina, Sangalhos, União de Coimbra, Costa do Sol, Coelima, F. C. do Porto, Lousa e Pinheiro de Loures, equipas que como (Lousa e Pinheiro de Loures), por representarem terras que circundam a Malveira despertarão um interesse muito especial. Entre os ciclistas que já garantiram a sua presença na prova contam-se Andrade, Firmino Bernardino, José e Joaquim Sousa Santos, Marco Chagas, Venceslau e António Fernandes, M. Oliveira, A. Coelho, José Madeira, Alexandre Ruas, Raul Carvalho, António Valente e Alfredo Gouveia entre outros.

A prova, que terá a distância de 60 quilómetros, consta de 35 voltas ao circuito e terá início pelas 13 horas. Pelas 15 horas realizar-se-ão na pista Túlio Pereira as competições «Compensação» e «Honra».

Recordamos, entretanto os vencedores a partir de 1960: Alves Barbosa (Sangalhos), José Anastácio Santos (Benfica), Henrique Castro (Benfica), João Brito (Alpiarça), João Centeio (Alpiarça), Albino Alves (F. C. Porto), António Acúrsio (Benfica), Emiliano Dionísio (Sporting) José Vieira (Sporting), Fernando Mendes (Benfica), e José Amaro.

ATÉ DE MADRUGADA

Momento "encarnado" em debate na Luz

Durante quase duas horas, Romão Martins, chefe do departamento de futebol do Benfica, analisou o actual momento do seu sector, em exposição que, pela sua extensão, terá transcendido a abordagem do «caso Barros», do eventual retorno de Eusébio, e da possibilidade de Alhinho, presentemente no Betis, onde não pode alinhar por não ter sido possível regularizar a situação de Ladinsky, se transferir, mesmo por empréstimo, para a Luz.

Para além destes «casos», nomeadamente inquérito disciplinar a Barros e processo contra Vítor Baptista, que outros foram discutidos?

As informações que ontem nos foram veiculadas apresentam-se contraditórias, admitindo-se em círculos ligados aos dirigentes encarnados que os três pontos já perdidos pelo Benfica na temporada há duas semanas começada tenha também sido motivo de exaustiva apreciação e discussão, assim como, para além dos próprios desaires (dois), as suas últimas actuações. Mas não vá especular-se com isto e, como se impõe na circunstância, importará dizer que o lugar de Mortimore não está em causa.

Eram duas horas da madrugada, mais minuto menos minuto, quando a reunião terminou (começou às 22 horas). Os dirigentes que nela participaram terão determinado a reaceitação de Eusébio, que pode voltar à Luz, treinar-se e, se estiver em boas condições e Mortimore assim o entender, voltar a envergar em campo as camisolas do Benfica.

Quanto a Barros e Vítor Baptista foi-lhes respectivamente, instaurado inquérito disciplinar e aberto processo para conhecer as razões porque não esteve, esta semana, presente nos treinos da equipa. Atenção: ainda não se fala em rescisão.

E, por último, foi debatido, conforme noticia um matutino de hoje, a questão relacionada com Alhinho, ficando assente que os dirigentes encarnados deverão contactar os responsáveis portistas para obter o acordo entre as três partes interessadas, ou então, resolver o problema através de empréstimo.

Lá fora

KUBALA

O seleccionador da equipa nacional espanhola de futebol, Ladislao Kubala, revelou a primeira lista de jogadores que vão começar a preparação com vista ao encontro com a Jugoslávia, a contar para as eliminatórias do Mundial da Argentina de 1978. Kubala designou 18 jogadores que pertencem ao Real Madrid, Atlético de Madrid, Barcelona e Atlético de Bilbao. Os jogadores são os seguintes: Atlético de Bilbao: Iribar, Villar Rojo I, Churruca e Dani; Barcelona: Ramos, Migueli e Asensi; Real Madrid: Miguel Angel, Sol Benito, Camacho, Del Bosque, Pirri, Santillana e Roberto Martinez; Atlético de Madrid: Capón e Leal.

O encontro Espanha-Jugoslávia disputar-se-á no próximo dia 10 de Outubro, em Sevilha.

PUB

SINDICATO DOS TRABALHADORES DAS INDÚSTRIAS DE PANIFICAÇÃO E PRODUTOS ALIMENTARES AFINS DO DISTRITO DE LISBOA

Sede: Av. António Augusto de Aguiar, 25 - Cave — LISBOA 1

MOÇÃO

GESTÃO DEMOCRÁTICA DA PREVIDÊNCIA

Os Sindicatos presentes na Reunião Geral de Sindicatos, no Instituto Superior Técnico, em 4.9.76.

CONSIDERANDO:

— Que os trabalhadores descontam dos seus salários para a Previdência muitos milhões de contos por ano (34 milhões é a previsão para 1976);

— Que, apesar desta fabulosa verba, a Previdência e a Saúde que lhes têm sido proporcionada é a que mantêm os reformados com pensões de miséria e Portugal como país da Europa com maior mortalidade infantil;

— Que, apesar dos esforços dos representantes do Movimento Sindical na gestão das Caixas, ainda não se conseguiu reestruturar a Previdência em termos democráticos, mantendo-se no essencial a estrutura fascista, devido aos boicotes do Ministério dos Assuntos Sociais;

— A linguagem tecnicista do Programa de Segurança Social e Saúde do Governo constitucional que revela uma concepção tecnocrática da gestão da Previdência que repudiam;

— Que a gestão da Previdência, com a efectiva prticipação dos trabalhadores a todos os níveis — conforme a Constituição reconhece — será eficaz, se for democratizada, com economia de muitos milhões de contos;

DECIDEM:

1.º Manifestar ao Governo que nunca aceitarão o afastamento dos representantes do Movimento Sindical da gestãos das Caixas, em troca de qualquer falsa representação ou qualquer organismo-fantasma sem nenhuma intervenção efectiva, apenas para que se dê a aparência de respeitar a Constituição;

2.º Reivindicar a presença de representantes do Movimento Sindical no Instituto de Gestão Financeira da Previdência, o qual parece estar a ser constituido nas costas dos trabalhadores, bem como nos centros distritais e regionais de segurança social, de que fala o Programa do Governo;

3.º Reivindicar uma progressiva reestruturação orgânica e funcional da Previdência que vise a sua descentralização ao nível das empresas, com participação dos Delegados Sindicais à Previdência, cujas funções devem ser reconhecidas legalmente, com vista a:

a) Pagamento nos locais de trabalho e sem atrasos — dos abonos de familia e subsídios de doença, de nascimento, etc.;

b) Aumento e pontual pagamento das pensões de reforma e viuvez;

c) Criação do Serviço Nacional de Saúde, gratuito e eficaz, com participação e mobilização das populações para as tarefas sanitárias.

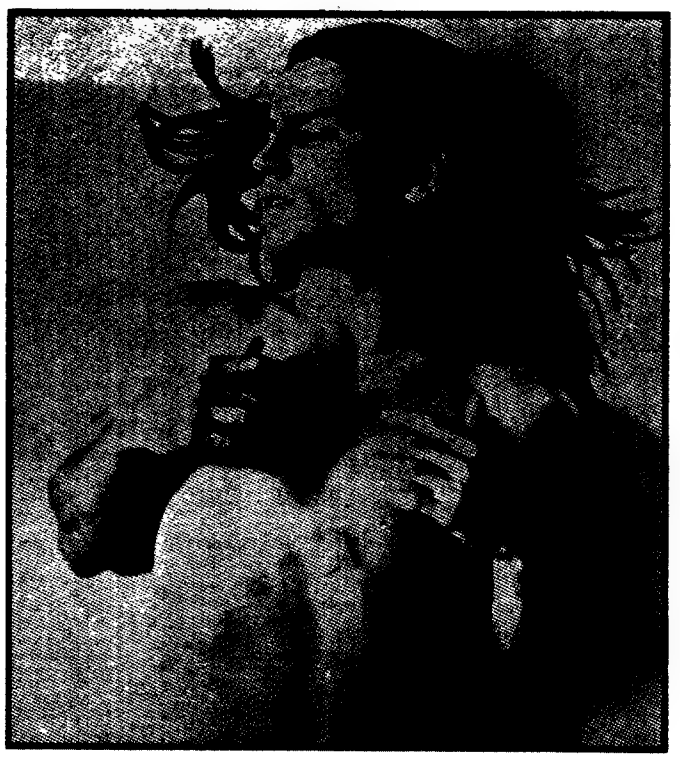
4.º Apelar aos trabalhadores da Previdência para que cooperem nestes objectivos a favor da saúde e da segurança social do Povo Português.

(Aprovado por unanimidade e aclamação)

Lisboa, 4 de Setembro de 1976

universal

ANDY WARHOL



HEAT O CIO 15.30 h.

FLESH O PROSTITUTO

TRASH O VICIO 18.30 h. 21.30 h.

HOJE, 0.30 h. — O VÍCIO

Nacional

Louvor e licença para um guarda da P.S.P. de Viana

. Um louvor público e cinco dias de licença acabam de ser concedidos pelo Comando-Geral da P.S.P. ao guarda M.F. da Silva, do Comando Distrital de Viana do Castelo, pelo seu «valioso contributo para o prestigio» da corporação.

Os factos: no dia 22 de Agosto findo, às 5 horas da madrugada, o guarda Silva encontrava-se de patrulha no Largo João Tomás da Costa, de Viana, quando se apercebeu de que circulava por ali um carro com pedido de apreensão. Empunhando a pistola, obrigou o condutor a parar e a sair, assim como quatro outros indivíduos que o acompanhavam. Era uma quadrilha com largo cadastro.

Não tendo hipótese de levar os detidos sozinho para a esquadra, o guarda Silva pediu a um civil que transmitisse a notícia e aguardou os competentes reforços. Já nas instalações policiais foi descoberto um revólver 32 longo no bolso de um dos quadrilheiros.

Cuidados anti-rábicos

. Um aviso da Direcção-Geral dos Serviços Pecuários insta com os donos ou responsáveis dos animais da espécie canina para que os submetam anualmente à vacinação anti-rábica, evitando ainda a deambulação e o abandono de cães e gatos na via pública, «por ser prática altamente perigosa».

Desde 1960 que Portugal tem estado livre da raiva — informou por outro lado aquela Direcção-Geral. Assim, cuidados são também pedidos a todas as pessoas que entram no País: devem apresentar os seus cães, gatos e outros animais de estimação ao exame médico-veterinário na fronteira ou no local de desembarque.

Lisnave constrói comporta

. A construção pela Lisnave de uma comporta gigante para o estaleiro da Barhein, na Arábia Saudita, irá representar para Portugal uma entrada de divisas no valor de 30 mil contos.

O prazo de entrega da comporta, com as dimensões de 77 metros de comprimento, 6,62 metros de largura e 14 metros de altura, está previsto para Maio de 1977.

No final de 1975, o volume das vendas portuguesas para aquele estaleiro, em construção no golfo arábico, ultrapassava já 1 milhão de contos.

BARES · BOITES
RESTAURANTES TÍPICOS
DANCINGS

NINA — Dancing com atracções. Rua Paiva de Andrade, 7-13 Telef. 364859°368197. Rosy Striptease sousa

CASINO ESTORIL — Jogo autorizado. Variedades internacionais. T. 261461/164526/264586/264621/264945

Embuçados roubam 800 contos em Santo Tirso

PORTO, 18 — Armados de dividuos assaltaram uma residência em Santo Tirso, e depois de terem amordaçado e manietado o seu locatário, Gabriel Cardoso, de 70 anos, que vive só, apoderaram-se de 800 contos.

Apesar das diligências já efectuadas pela Polícia Judiciária e pela G. N. R. local, nada de concreto foi apurado até agora sobre a identidade e o paradeiro dos assaltantes.

tempo

Situação do tempo 09.00 H.

O céu estava geralmente limpo. O vento era fraco e havia neblina no litoral a norte do Cabo Carvoeiro.

TEMPERATURAS EXTREMAS

ALVALADE

Máxima ..... 26,4°

PENHAS DA SAUDDE

Mínima ..... 4,4°

PREVISÃO GERAL ATE ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Céu geralmente pouco nublado. Vento fraco. Neblina ou nevoeiro matinal no litoral a norte do Cabo Carvoeiro.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H

Porto	13°
COIMBRA	13°
PORTALEGRE	19°
LISBOA	17°
FARO	20°
FUNCHAL	22°

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
11.37	3,3 m	4.42	1,9 m
		17.32	1,8 m
Dia 19			
0.16	3,3 m	5.57	1,8 m
12.43	3,5 m	18.36	1,6 m
Dia 20			
1.14	3,5 m	6.54	1,5 m
13.36	3,7 m	19.26	1,3 m

AMANHÃ

NASCER AS 7.21
OCASO AS 19.38

DIA 23 DIA 30 DIA 8 DIA 16

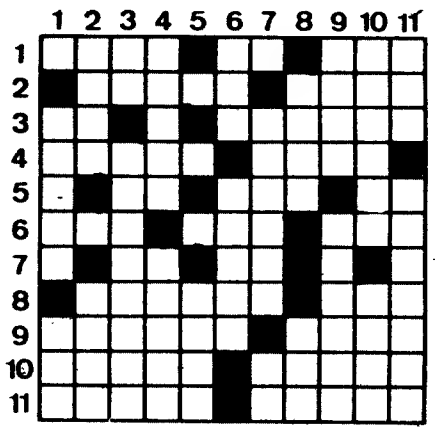
palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO

PROBLEMA N.º 11474

HORIZONTAIS

1 Aquele que. Centiare. Preposição.
2 Torno pior. Chão.
3 Nota musical. Terceiro estômago das aves.
4 Freguesia do concelho da Covilhã. Acreditar.
5 Quinhentos e um em romano. Vende a crédito. Prefixo de negação.
6 Saia frequentemente à rua. Prefixo que designa terra. Freguesia do concelho de Esposende.
7 Nota musical. Reis.
8 Morrera. Curso de água natural e abundante.
9 Reconquisto. Piedosas.
10 Árvore medicinal do Alto Amazonas (Bras.). Árvore de madeira aromática cultivada em Portugal.
11 Rio de Itália. Plantas têxteis do Ceará.



VERTICAIS

1 Áncora. Freguesia do concelho de Penafiel.
2 Dar upas (a acavalgadura). Ofende (fig.).
3 Hospedaria oficial na China (inv.). Adivinhosquedescendiam dos Mouros e faziam profissão da arte de adivinhar pelo voo e pelo canto das aves.
4 Critiquei (fig.). O macho do tracajá (Bras.).
5 Bisnaga.
6 Preposição. Fateixa.
7 Vadia. Duzentos em romano.
8 Estará. Preposição.
9 Pegue. Magoado.
10 Fábrica de louça de barro. Palmeira da Amazónia.
11 Freguesia do concelho de Torre de Moncorvo. Lentos.

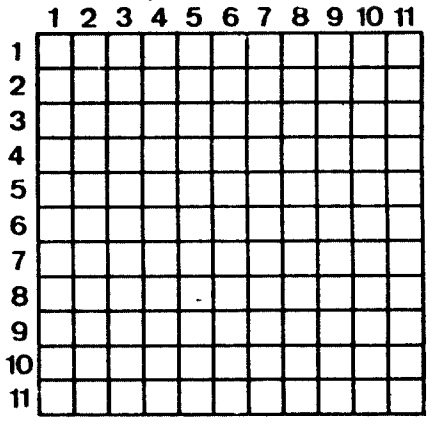
Resolveu completamente este problema? Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 7634

HORIZONTAIS

1 Cidade da Palestina. Lavrava.
2 Afio. Simples.
3 Freguesia do concelho de Mondim de Basto. Capas sem mangas.
4 Tornes querido.
5 Campeão. Cobres de iodo. Aqui.
6 Costumes. Curas.
7 Isolado. Ósmio (s.q.).
8 Apelido. Graça.
9 Artigo definido. Equipas. Moderato.
10 Cidade de Itália. Tiras de fígado temperadas e fritas.
11 Causas amuo a. Nome de peixe.



VERTICAIS

1 Bário (s.q.). Caminho (abrev.). Cobertura.
2 Ave pernalta. Isolados. Figura que simboliza o povo americano.
3 Porção de peixe que se vende em leilão. Faz doação de. Estrépito de desmoronamento.
4 Poesia de assunto triste ou lutuoso. Uma das incarnações de Vixnú, na mitologia hindu.
5 Sarracenos. Caminharás.
6 Preposição latina que designa movimento.
7 Querida. Vais para fora.
8 Torna a pesar. Tosta.
9 Lavras. Lista. Crónio (s.q.).
10 Fúteis. Cabelos brancos. Madeira.
11 Artigo definido. Ruins. Nome de flor.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 11473

HORIZONTAIS:

1 Vã. SOMOS. Ar.
2 Ema. Pio. CMI.
3 Zaro. DUAS.
4 Ermos. Palco.
5 Sra. Oco. Tas.
6 Adiaremos.
7 As. És.
8 Ré. Amais. Pi.
9 Alar. Aves.
10 Mão. Aca. Ira.
11 Assomaria.

VERTICAIS

1 VEZES. Brama.
2 Amarra. Elas.
3 Armada. Aos.
4 Oó. Isar.
5 Op. Soa. Am.
6 Mio. CRIANÇA.
7 Oo. Põe. Ar.
8 Dá. Mesa.
9 Cultos. Via.
10 Amaças. Per.
11 Risos. Visam.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 7633

HORIZONTAIS:

1 Aar. Apã. Eva.
2 Ru. Argão. Em.
3 Aba. Sim.
4 Orto. Sair.
5 Seu. Imo. Sra.
6 Airas. Nasal.
7 Saco. Elas.
8 Releras.
9 Iu. Rasar. Al.
10 Arcar. Ivone.
11 Marrã. Sésia.

VERTICAIS

1 Areosa. Ciam.
2 Au. Reis. Ura.
3 Aturar. Cr.
4 Abo. Acerar.
5 Ara. Isolara.
6 Pg. Mm. Ês.
7 Ass. Onerais.
8 Ois. Alarve.
9 Massas. Os.
10 Vê. Irás.
11 Amaral. Álea.

PROVERBIO: SOMOS DUAS VEZES CRIANÇAS

CONVOCATÓRIA

Convocam-se todos os beneficiários da **Caixa dos Tipógrafos, Litógrafos e Ofícios Correlativos do Distrito de Lisboa**, a tomar parte activa nestas assembleias, segundo os locais apontados no Calendário exposto.

Nestas assembleias tratar-se-ão dos seguintes assuntos:

— Previdência, Outras informações Sindicais (em especial o Contrato Vertical).

DIA	LOCAL	LOCALIDADES ABRANGIDAS
21 de Setembro	AMADORA **Liceu Nacional da Amadora**	Amadora, Venda Nova, Buraca, Damaia, Queluz, etc.
21 de Setembro	ALMADA **Incrível Almadense**	Cacilhas, Cova da Piedade, Charneca da Caparica, Costa da Caparica, Laranjeiro, Cruz de Pau, Seixal, Paio Pires e a restante Zona ao Sul do Rio Tejo que abranja todos os beneficiários da Caixa dos Tipógrafos.
24 de Setembro	TORRES VEDRAS **União Sindical de Torres Vedras** Rua Tenente Valadim	Torres Vedras, Merceana, etc.
28 de Setembro	CACÉM **Escola Técnica Ferreira Dias** (Junto à Estação)	Cacém, Algueirão, Sintra, Rio de Mouro, Mem Martins, Albarraque e Barcarena.
28 de Setembro	VILA FRANCA DE XIRA **Delegação do Sindicato dos Metalúrgicos** R. Serpa Pinto, 136, 2.º (L. da Estação)	Vila Franca de Xira, Alenquer, Alhandra, Alverca, Alverca do Ribatejo, Carregado, etc.
1 de Outubro	LOURES **Bombeiros Voluntários de Loures**	Loures, Santo António dos Cavaleiros, Frielas, etc.
1 de Outubro	OEIRAS **União Musical Escolar de Oeiras**	Oeiras, Paço de Arcos, Parede, Carcavelos.
8 de Outubro	MAFRA **Bombeiros Voluntários de Mafra**	Mafra e Malveira.
8 de Outubro	ESTORIL **Salão dos Salesianos**	Estoril e Cascais.
12 de Outubro	ALGÉS **Bombeiros Voluntários do Dafundo**	Algés, Cruz Quebrada, Linda-a-Velha, Alferrarede e Carnaxide.
12 de Outubro	SACAVÉM **Delegação do Sindicato dos Metalúrgicos** Praça da República, 66-A	Sacavém, Camarate, Póvoa de Santo Adrião, Póvoa de Santa Iria e Moscavide.

Os beneficiários escolherão dentro deste calendário a localidade que mais lhes convenha. Chama-se a atenção dos beneficiários desta Caixa para a importância de que se revestem estes esclarecimentos, por isso não faltes.

A PREVIDÊNCIA NAS MÃOS DOS TRABALHADORES!
NEM MAIS UM TOSTÃO PARA FORA DA PREVIDÊNCIA!
EM FRENTE PELO CONTROLO OPERÁRIO!
VIVA A JUSTA LUTA DOS TRABALHADORES!
REVOGAÇÃO IMEDIATA DO DECRETO-LEI N.º 784/75!
A LUTA CONTINUA!

A COMISSÃO DE LUTA DOS BENEFICIÁRIOS DA CAIXA DOS TIPÓGRAFOS

farmácias de serviço

LISBOA

TURNO P-1

ATÉ ÀS 22 HORAS

AJUDA
Dilena, Rua Aliança Operária, 49-A/B (tel. 636620)
ALVALADE
Mestorápia, Campo Grande, 138 (tel. 774682); Estados Unidos, Avenida Estados Unidos da América 16-B (tel 725859)
AMOREIRAS
Pátria, Caiçada dos Mestres, 30-A (tel 680627)
ANJOS
Góis, Rua dos Anjos, 12-C (antiga Rua Registo Civil) (tel 840101)
AVENIDAS NOVAS
Fátima, Avenida 5 de Outubro, 147-A (à Av Barbosa du Bocage) (tel 763107)
BENFICA
Lavinha, Rua Eng Paulo de Barros, 28-A (à Rua do Casquinho) (tel 708242)
CAMPO DE OURIQUE
Condestável, Rua Coelho da Rocha, (tel. 666206)
CARNIDE
Leal de Matos, Rua Neves Costa, 33 (tel 780181)
CASTELO
Zifer, Rua S. Tomé, 54 (tel. 862835)
LAPA
Alfa, Rua de Santana à Lapa, 156 (tel. 663562)
LUMIAR
S. Tomé, Estrada do Desvio, lote 12-C (tel. 790704)
PICHELEIRA
Marlux, Calçada da Pichelaira 140-B (tels. 720703 728395)
SÃO PAULO
Açoreana, Largo Conde Barão, 2 (tel. 661330)
SÃO SEBASTIÃO DA PEDREIRA
Novais, Av Luís Bivar, 11 (tel 44324)

TURNO P-2

TODA A NOITE

ALCÂNTARA
Probidade, Rua de Alcântara, 15-C (tel. 638589)
ALTO DE SÃO JOÃO
Nova Luz, Rua D Domingos Jardo, 28-A (à Av D Afonso III) (tel 843439)
ALVALADE
Paris, Rua Reinaldo Ferreira, 5-A/B (ao Pote de Água) (tel 710131)
ARCO DO CEGO
Palma, Av Duque d'Avila, 25-31 (tel. 47088)
AREEIRO
Vera Cruz, Praça Afrânio Peixoto, 2-B (à Av S João de Deus) (te. 724941)
BAIRRO ACTORES
Esperança, 101-B (tel 722868)
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO
Zira, P.ª Casas Novas, lote 66 (tel. 310172)
BAIXA
Morão, Rua da Assunção, 1 (tel. 321289)
BENFICA
Sousa, Estrada de Benfica, 429 (tel. 780027)
CAMPO DE OURIQUE
Ivone, Rua Silva Carvalho, 232-C (tel. 650760)
LUMIAR
Matos Viegas, Avenida Rainha D. Amélia, 34-B (Quinta das Mouras) (tel 79174)

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Melo, P D João I, 9-B (T 932756); Central, Av Cardoso Lopes, 25 (T 932210); Igreja, P.da Igreja, 22-A (T 937740); Jardim, Av Conde de Oeiras, 120, Reboleira (T.938424)
DAMAIA
D João V, Av Gurgel do Amaral, 2-A (T 970461)
QUELUZ
Gil, Av Miguel Bombarda, 28 (T.950117)
CACÉM
Rodrigues Garcia, Av. dos Bons Amigos, lote 5-D
MEM MARTINS
Química, E.de Mem Martins 285 (T.2910012)
S.PEDRO DE SINTRA
Valentim (T 980456)
SINTRA
Marrazes, Vila (T 2930155)
COLARES
Abreja (T 299088)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Não, Av C.G.Guerra, 64 (T.2112070)
CAXIAS
Nova, R Bernardim Ribeiro, 1-A (T.242839)
PAÇO DE ARCOS
Trindade Brás, R.Costa Pinto, 184 (T.2432034)
OEIRAS
Godinho, R.Cândido dos Reis, 98 (T.2430090); Central, R Conde Ferreira, 29 (T 2430058)
NOVA OEIRAS
Leal
PAREDE
Aisir, Av Gago Coutinho, B.das Caixas de Previdência (T.2472948)
AMOREIRA
Amoreira (T.262313/267314)
ESTORIL
Parque, Arcadas do Parque, 3 (T 260191)
MONTE ESTORIL
Godinho da Silveira, Av Sabóia, 29-B (T.260085)
CASCAIS
Cascais, R Conde de Monte Real, B.das Caixas (T 282407); Misericórdia, R Regimento 19, 41 (T.280141)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Gameiro, R António dos Santos Jorge, 15 (T.234100)
ALHOS VEDROS
Portugal, Av da Bela Rosa, 8 (T 204250)
ALMADA
Galeno, R Capitão Leitão, 85 (T 2760565)
BAIXA DA BANHEIRA
Nova Fátima, E.Nacional, 244-A (T 2040141)
BARREIRO
Higiene, R.D.Manuel I, 178 (T 2073017); Moderna, R D Henriqueta Gomes de Araújo, 12 (T 2073443)
COVA DA PIEDADE
Cerqueira Afonso, P 5 de Outubro, 18 (T 2750254)
MOITA
Silva Rocha, P.da República, 16 (T 239029)
MONTIJO
Higiene, R.José Joaquim Marques, 142 (T 2310370)
SESIMBRA
Lopes, R Cândido dos Reis, 21 (T 2233028)
SETÚBAL
Normal do Sul, P do Bocage (T.22216)
SEIXAL
Godinho, L. da Loreia, 51 (T.2218580)

PORTO

TURNO 25

ATÉ ÁS 22 HORAS

Foz, R.Senhora da Luz, 380. Foz Alírio de Barros, R.de Costa Cabral, 240; Magalhães, R.de Serralves, 566 Nova de Monsanto, R.de Monsanto, 148; Correia, P.Mousinho de Albuquerque, 78 Corujeira, R.d S.Roque da Lameira, 1473. Couto, L.de S.Domingos, 106 Luso-Francesa, R.Sá da Bandeira, 140

TODA A NOITE

Lapa, R Antero de Quental, 211 Gomes Carneiro, R.de Cedofeita, 348 Central, R.de Santo Antonio, 203

COIMBRA

(das 9 horas às 9 do dia seguinte)

Nazaré, Rua Ferreira Borges, 135 (tel. 22605); Santa Isabel, Av Sá da Bandeira, 28 (tel 24916); Solum, Rua Carolina Michaelis, 20 (tel 72120)

outros espectáculos

LISBOA/Teatros

LAURA ALVES
20.30 22.45 (18 anos)
«Vamos trocar de Mulheres»
MONUMENTAL
21.15 (13 anos)
«As Coisas que o Padre faz»
TEATRO ABERTO
21.15 (13 anos)
«O Círculo de Giz Caucasiano»
TEATRO VASCO SANTANA
21.30 (13 anos)
«Fanshen»
TEATRO ADOQUE
20.30 e 22.30 (18 anos)
«A Grande Cegada»
MARIA MATOS
21.30 (13 anos)
«O Director da Ópera»

LISBOA/Cinemas

CINEBOLSO
21.30 e 24.00 (18 anos)
«Salão Elizabeth» e Casamento por procuração»
SATÉLITE
19.00 e 21.15 (13 anos)
Foram os Deuses Astronautas?»
EUROPA
21.30 (6 anos)
«O que Faz Mudar um Homem»
PARIS
21.15 (13 anos)
«Para nós é canja»
PROMOTORA
21.15 (13 anos)
«O Canto do Rubi Vermelho»
OLÍMPIA
21.00 (14 anos)
«O Regresso de Tarzan»
JARDIM
21.15 (13 anos)
«Com Jeito vai na Farra»
LUMIAR
21.15 (13 anos)
«A Mais Bela Noite da Minha Vida»
IDEAL
21.15 (10 anos)
«A Nova viagem de Sinbad»
CINEARTE
21.15 (13 anos)
«Aeroporto 1975»
CALEIDOSCÓPIO
21.00 (6 anos)
«A Fuga de Tarzan»
RESTELO
21.00 (18 anos)
«A esposa Virgem»

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Lido
21.15 (18 anos)
«A Mulher Polícia faz Carreira»

AMADORA
Cinestúdio
21.30 (13 anos)
«E Tudo o Banco Levou»

AMADORA
Recreios Desportivos
21.15 (18 anos)
«O Marquês de Sade»

MEM MARTINS — **Cine Chaby**
21.15 (14 anos)
«Uma Pistola da Mão do Diabo»

SINTRA
Carlos Manuel
21.15 (18 anos)
«Loucura Sexual»

LINHA DE CASCAIS

PAREDE
Royal-Cine
21.15 (18 anos)
«Quando os Deuses Têm Sede»
ESTORIL
Palácio
21.15 (18 anos)
«Delícias Turcas»
CASCAIS
Oxford
16.00 e 21.15 (18 anos)
«Amores Sem Freio»
CASCAIS
S.José
21.15 (18 anos)
«Aventura é Aventura»

OUTRA BANDA

PASSOS MANUEL
21.30 (13 anos)
«Nunca ao Domingo»
ALMADA
Incrível
21.15 (18 anos)
«O Rally das Gozonas»
TRAFARIA
Paritório Jardim
21.15 (18 anos)
«O Professor Erotomaníaco»
SÁ DA BANDEIRA
22.30
«Garganta Funda»

PORTO/Cinemas

PASSOS MANUEL
21.30 (13 anos)
«Nunca ao Domingo»
SÁ DA BANDEIRA
22.30 (18 anos)
«Garganta Funda»
ÁGUIA DE OURO
21.15 (13 anos)
«Passado Inesquecível»
S. JOÃO
21.15 (18 anos)
«História d'O»
RIVOLI
21.15 (13 anos)
«O Último Adeus»
TRINDADE
21.15 (10 anos)
«Lawrence da Arábia»
BATALHA BEBÉ
21.30 (13 anos)
«Amor em Tom Erótico»
COLISEU
21.30 (13 anos)
«Bobby»
ESTÚDIO FOCO
21.15 (18 anos)
«Chove em Santiago»
ESTÚDIO
21.15 (13 anos)
«Chitty Chitty Bang Bang»
BATALHA
21.15 (18 anos)
«Convém Fazer Bem o Amor»
CARLOS ALBERTO
21.15 (18 anos)
«Os 120 Dias de Sodoma»
OLÍMPIA
21.15 (6 anos)
«Os Barbeiros da Sicília»
JÚLIO DINIS
21.15 (6 anos)
«Herbie um Carocha do Diabo»

VALE FORMOSO
21.15 (10 anos)
«Os Dez Mandamentos»

COIMBRA

TIVOLI
21.15 (18 anos)
«Noite Louca do Hotel Lua-de-Mel»
AVENIDA
21.15 (18 anos)
«Mr Majestyk»
S. TEOTÓNIO
21.15 (18 anos)
«Jeremy o Primeiro Amor»
GIL VICENTE
21.15 (13 anos)
«Último ano em Maviembad»

cinemas • cinemas • cinemas

CASTIL
Tel.630194 — 15, 17, 19 e 21.15

Não acons. men. 18 anos
AMOR VIOLENTO
(La Preda)
Realiz de Domenico Paolella
Com Zeudi Araya — Micheline Presle
Hoje às 24 h antestreia
Interdito a menores de 18 anos
FELICIA
Este filme contém cenas eventualmente chocantes

IMPÉRIO
Tel. 555134/5 — 15.15, 18.30 e 21.15

Grupo B 10 anos
A GRANDE CORRIDA À VOLTA DO MUNDO
Tony Curtis, Jack Lemmon, Nathalie Wood
A mais divertida comédia de todos os tempos de Beake Edwards
70mm/M. écran gigante

POLITEAMA
Tel.323805 — 14.15, 16.30, 19, 21.30

Interdito a men. 18 anos
6.ª Semana de êxito total
ÊXTASE SEXUAL DE MACUMBA
ESTE FILME PODE SER CONSIDERADO PORNOGRÁFICO

ROMA
Tel.727778 — 15.30, 18.30, 21.15

Int. men. 18 anos
Um filme de Marx Pecas
LUXÚRIA
Este filme contém cenas event. chocantes

MUNDIAL
Tel.538743 — 15.15, 18.30, 21.15

Interdito men. 18 anos
SALÓ OU OS 120 DIAS DE SODOMA
Contém cenas eventualmente chocantes

CARLOS MANUEL — SINTRA
Tel.2930304 — 21.15

Não acons. a menores 13 anos
TRINITÁ, COW-BOY INSOLENTE

CALEIDOSCÓPIO
Tel.795093 — 14.00, 16.30, 19.00, 2115

Para todos
Festival Tarzan
com Johnny Weissmuller
A FUGA DE TARZAN
Amanhã o mesmo programa

EDEN
Tel 320768 — 14, 16,30 19 e 21.15

Int men. 18 anos
Uma farsa de partir as costelas e não só!
DENTISTA NA CAMA
Com Birthe Tove, Ole Sollof, Anne Birgit Garde

ODEON
Tel.326283 — 15.15, 18.15, 21.15

Maiores de 14 anos
6.ª Semana de enchentes
O DIREITO DE NASCER
A odisseia das mães solteiras

APOLO 70
Tel.76311 — 14, 16.30, 19 e 21.15

Não acons. men. 18 anos
YAKUZA
6.ª Semana
Hoje às 24 h (Grupo D m/18 anos)
A VOLTA DE JESSE JAMES
de Philip Kaufman

CASINO ESTORIL
Tel.264521/264996 — 17 e 21.15

Para todos M/6 anos
MEU IRRESISTÍVEL SELVAGEM
c/ Yves Montand

S. JORGE
Tel.554153 — 15.15, 18.15 e 21.15

Não acons. men. 18 anos
A MULHER, O AMOR E O ÓDIO
Philippe Noiret, Romy Schneider
3 Oscares do cinema francês!

RESTELO
Tel.610376 — 21.00

Interdito a men 18 anos
A ESPOSA VIRGEM
c/ Carrol Baker e Ray Lovelock

AVIS
Tel.47163 — 15.15, 18.15, 21.15

Não acons. men. 13 anos
19.ª Semana
BOBBY
A projecção do filme começa 5 minutos após os horários

ESTÚDIO
Tel. 535134 — 15.00,17.00, 19.00, 21.15

Não acons men. 13 anos
3.ª Semana
A INTENTONA
(O 6 de Julho)
Um grande documento histórico

ESTÚDIO 444
Tel.779095 — 15.30, 18.30 e 21.15

Não acons. men. 13 anos
CHAMADA PARA A MORTE
2.ª Semana
Hoje às 24 h Int. m. 18 anos
LUXÚRIA

D. JOÃO V — DAMAIA
Tel.971794 — 21.15

Não acons. men. 18 anos
ESTRANHA FORMA DE AMOR

UNIVERSAL
Tel.774402

15.30 **O CIO** de Andy Warhol
18.30 **O PROSTITUTO** de A. Warhol
21.30 **O VÍCIO** de Andy Warhol
Estes espectáculos são interditos a menores de 18 anos

CONDES
Tel.322523 — 14, 16.30 18.45 e 21.15

Não acons. men 18 anos
A MULHER POLÍCIA FAZ CARREIRA
Com Mário Carotenuto

BERNA
Tel.776098 — 15.15, 18.15, 21.15

Não acons. men 13 anos
Treine-os! Excite-os! Arme-os! Largue-os em território nazi!
DOZE INDOMÁVEIS PATIFES
Um filme de Robert Aldrich
5.ª Semana

LONDRES
Tel.801313 — 14,16.30,18.45 e 21.15

Não acons. men. 18 anos
O PORTEIRO DA NOITE
c/ Cires Bogarde e Charlotte Rampling
Hoje às 24 h (Para todos)
A MOSTARDA SOBE-ME AO NARIZ

ROXY
Tel.48550 — 15, 18 e 21.15

Para Todos
A alegria entra-lhe no coração
A CANÇÃO DA NORUEGA
c/ Torlav Maurstad
Christina Schollin

TIVOLI
Tel.570595 — 15.15, 18.30, 21.15

Interdito men. 18 anos
7.ª Semana
HISTÓRIA D'O
Com Corinne Clery, Udo Kier, Anthony Steel

ALVALADE
Tel.897480 — 15, 18 e 21.15

Grupo B m/10 anos
O melhor filme para oferecer aos seus filhos
OS GLORIOSOS MALUCOS DAS MÁQUINAS VOADORAS

PATHÉ
Tel.821933

14.15, 16.30, 18.45, 21.15, 24
Interdito men. 18 anos
O amor para além dos corpos
HISTÓRIA D'O
7.ª Semana
Com Corinne Clery Udo Kier, Anthony Steel, Jean Gaven

NIMAS
Tel.574313/574313

14.15, 16.30, 18.45, 21.15
Não acons. men. 18 anos
CHOVE EM SANTIAGO
12.ª Semana de lotações esgotadas
O Chile de Allende a Pinochet

1.º Programa

16.00: Música variada; **17.00:** Conjuntos; **18.00:** Música portuguesa; **19.00:** Cantorias; **19.30:** Música variada; **20.00:** Jornal da noite; **20.30:** Orquestras; **21.00:** Contraponto — editorial e Maratona do Espectáculo — apontamentos de reportagem; **23.05:** Rádio revista, por Luís Pereira de Sousa; **24.00:** Fecho.

2.º Programa

16.05: Transmissão integral das «Suites Inglesas», de Bach; **16.40:** Quinteto em fá maior, de Bruckner; **17.25:** Um poema sinfónico; **17.53:** Sonata para dois pianos e percussão, de Bartok; **18.21:** Pequenas obras de grandes compositores; **18.30:** Concerto sinfónico; **20.00:** Walter Gieseking, interpreta Oito Prelúdios de Debussy; **20.30:** Trio em dó menor, para piano, violino e violoncelo, de Mendelssohn; **21.00:** Ciclo de melodias; **21.35:** A orquestra de câmara «Capella Academica de Viena»; **22.00:** Conjuntos instrumentais; **22.30:** Música de bailado; **23.00:** Solos de cravo; **23.20:** Intercâmbio musical; **23.35:** Música sinfónica; **00.30:** Serenata em sol maior; **01.00:** Fecho

3.º Programa
Nacional e Regional (294 m)

16.00: Variante; **16.15:** Casos ao acaso, por Orlando Dias Agudo (repetição); **16.40:** Disco... rendo, por Bernardo Brito e Cunha; **17.15:** Vamos ao médico, pelo dr. José Matildes; **17.30:** Cinema em variante, por Carlos Pina; **18.00:** Contacto; **20.50:** Portugal-Holanda; **21.15:** Hora luterana; **21.30:** Quando o telefone toca; **23.00:** Nocturno; **02.00:** Fecho

3.º Programa
Local (187,5 m)

16.00: Emissão nacional; **18.00:** Entardecer — ver, ouvir e comentar; **19.00:** Entardecer; **19.30:** O diálogo de sábado; **21.00:** Fecho

4.º Programa

16.00: Música variada; **17.00:** Canções; **18.00:** Apenas música; **19.00:** Em órbita; **20.00:** Orquestras; **21.00:** Concerto; **22.00:** Auditório; **24.00:** Prisma; **02.00:** Fecho.

RÁDIO RENASCENÇA

16.05: Sequência da tarde; **18.05:** Música seleccionada; **18.15:** Igreja é notícia — palavra do dia; **18.30:** Transmissão do terço; **19.00:** Programa da Liga dos Amigos de Rádio Renascença; **20.00:** Objectivo; **21.05:** Pentagrama; **22.00:** Quando o telefone toca; **22.30:** Temas vivos; **23.05:** Trifónico; **23.30:** Dicionário político; **00.00:** Meditando; **02.00:** Fecho.

Em ABRANTES o DIARIO DE LISBOA vende-se na firma Casaca Martins, Lda. Praça Visconde de Abrançalha

DL

RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.
ADMINISTRAÇÃO-GERAL
RUA CASTILHO, 185, 1.º, 2.º
TELEF. 654531/2/3/4
REDACÇÃO, SERVIÇOS TECNICOS E PUBLICIDADE
RUA LUZ SORIANO, 44
TELEF. 321154/5, 320271/2/3
RUA DA ROSA, 75
END. TEL. DIBOA TELEX 12363
LISBOA PORTUGAL

Esta manhã em Belém

Sá Carneiro agressivo

. «Reputamos a situação geral extremamente séria e recordamos que os portugueses devem estar preparados para ser chamados a defender a liberdade contra as «amplas liberdades» que nos querem impor» — declarou esta manhã o secretário-geral do PPD, dr. Sá Carneiro, aos jornalistas que o entrevistavam em Belém, onde fora convocado pelo Chefe do Estado à testa de uma delegação do seu partido.

Estas afirmações vieram na sequência de críticas à distribuição da presidência das comissões parlamentares, efectuada pelo PS, e que na opinião do dr. Sá Carneiro teria aberto «uma crise».

O secretário-geral do PPD enumerou depois as várias comissões e concluiu:

. «E há também uma Comissão Constitucional presidida pelo major Melo Antunes»...

Todos estes problemas foram expostos ao Presidente Eanes. Ainda Sá Carneiro:

. «Ouvimos o Presidente da República falar sobre aspectos militares, e nós, falámos sobre aspectos políticos mostrando a nossa preocupação pela deterioração da situação política nacional após a tomada de posse do Governo».

O n.º 1 do PPD criticou por fim, vivamente, a falta de medidas concretas» do Governo, mas negou que o seu partido tivesse qualquer intenção de «provocar a queda» do gabinete, concuindo:

. «O Governo PS governará enquanto o Presidente da República lhe mantiver a sua confiança».

A audiência do PPD prolongou-se até cerca do meio-dia (uma hora mais do que o previsto), o que fez esperar a delegação do PS, composta por Jaime Gama e António Reis.

MISTÉRIO NA VIA NORTE

Três carrinhas incendiadas tinham disfarce militar

. PORTO, 18 — A Polícia Judiciária do Porto e a GNR da Maia efectuam diligências que permitam esclarecer o que está por detrás do incêndio de três carrinhas «Volkswagen», as quais, regadas com gasolina, ficaram totalmente destruídas numa mata próximo da Via Norte, junto à bifurcação da Maia. Segundo se suspeita, as viaturas, que inicialmente tinham cor branca, foram «camufladas» com a cor das viaturas militares e destinavam-se à efectivação de um assalto. Suspeita-se, por outro lado, que o alvo do assalto fosse a delegação do Banco de Portugal no Porto, uma vez que, funcionários seus se viram inesperadamente «protegidos» por indivíduos fardados com uniforme da Polícia do Exército, que apareceram em suas casas na mesma noite em que as viaturas foram incendiadas na mata da Via Norte.

Ignora-se ainda, de acordo com informações recolhidas esta manhã, quem teria pegado fogo às três viaturas, e por que motivo tal se verificou. As três carrinhas foram pintadas numa oficina pertencente ao retornado Manuel Arriaga, pessoa já com mais de 60 anos, que já foi posto em liberdade, depois de ter estado no posto da GNR da Maia a prestar declarações. Assim, as viaturas que arderam foram as mesmas que foram pintadas na sua oficina, onde apareceram dois indivíduos que disseram ser militares encomendando o serviço, já munidos com latas de tinta, ao fim da tarde do dia 15. Diziam ter pressa, e que no dia seguinte tinham que seguir para os Açores, pelo que o dono da oficina se limitou a fazer o serviço com a maior urgência. As viaturas foram levantadas cerca da meia-noite do mesmo dia 15, e o trabalho pago. Cerca de duas horas depois de levantadas pelos mesmos que encomendaram a pintura, já estavam a arder na mata da Via Norte, comparecendo os bombeiros após aviso feito por pessoa que se apercebeu do fogo ao passar no local.

Por outro lado, a encomenda havia sido inicialmente feita na oficina de Artur dos Santos, também retornado, estabelecido na Areosa, que não pôde fazer o serviço e se limitou a recomendar aos «militares» à oficina de Manuel Arriaga, onde vieram a ser pintadas. De acordo com informações prestadas por pessoal desta última oficina, os «militares» teriam idades na casa dos 20/30 anos.

Apesar do fogo ter sido violento ainda restaram vestígios de tinta com a cor das viaturas militares numa delas. As matrículas, todavia, haviam desaparecido. Acrescente-se ainda que as viaturas haviam sido entregues, já na passada semana na oficina da Areosa, e não tendo sido possível efectuar a pintura na data prevista, seguiram então para a Maia, conforme já dissemos.

As suspeitas de que este caso está relacionado com assaltos de novas características avolumam-se, não só pela já referida «vigilância» que se teria pretendido fazer a funcionários do Banco de Portugal, como pelo facto de outros assaltos praticados por indivíduos que se fazem passar por autoridades policiais ou militares, terem sido já efectuados. Segundo uma outra fonte, haveria suspeitas de que as viaturas «camufladas» à pressa poderiam estar ligadas a qualquer plano com outros objectivos em vista, nomeadamente a cadeia de Custóias, onde se encontram presos indivíduos ligados á rede bombista, recentemente transferidos de Caxias.

O caso dos funcionários do Banco de Portugal, na mesma noite em que arderam as viaturas, na Maia, é de molde a suscitar alguma preocupação numa altura em que altos responsáveis do País afirmam a sua determinação em avançar contra a criminalidade e o terrorismo. Um daqueles funcionários, com efeito, viu-se em casa com quatro indivíduos fardados de Polícia do Exército, que afirmavam ter a missão de o proteger por haver informações de que se preparava um assalto ao Banco de Portugal

. Entretanto deixaram ficar um dos quatro em casa daquele funcionário, dirigindo-se os três restantes para casa de um vigilante daquele banco, também com o objectivo de o «protegerem». Mais tarde o «soldado» deixajo em casa do primeiro funcionário foi mandado retirar por ordem do «senhor capitão», ordem vinda de uma viatura com matrícula estrangeira que, cerca das 4 horas, na mesma madrugada em que as viaturas arderam na Maia, surgiu diante da casa do mesmo funcionário «protegido». Este contactou o Quartel-General, onde lhe foi dito desconhecer-se que missão seria a dos quatro «militares» desconhecidos.

Recorde-se, a propósito, que anteontem foi levado a cabo com audácia um assalto em Santo Tirso por indivíduos que se apresentaram como elementos da Polícia Judiciária com a missão de busca por «suspeita de droga». A vítima foi um homem de 65 anos, Gabriel Cardoso Fânzeres, que já no dia 25 de Agosto último havia sido visitado pelos mesmos «agentes», altura em que foi passada a busca à casa. Anteontem voltaram apenas para ser assinado o documento necessário ao arquivo do processo. Embora o sr. Gabriel Fânzeres tivesse entretanto sido informado pelas autoridades de que nada havia sido determinado contra si, a verdade é que abriu de novo as portas da casa aos referidos «agentes», que o expoliaram de dinheiro e ouro no montante de quase mil contos e o deixaram amarrado num cubículo da casa, donde foi libertado mais tarde por uma criada que ouviu pancadas atrás da porta.

Segundo informação colhida esta manhã junto do Quartel-General da R.M.N., uma das viaturas incendiadas na Maia havia sido furtada na Figueira da Foz e o seu proprietário já apareceu a reclamá-la. Por outro lado afirmaram-nos que os «militares» que mandaram pintar as viaturas falavam com um sotaque que não é próprio das regiões do Norte. O informador do Quartel-General acrescentou também que a tinta utilizada é do mesmo tipo da das viaturas militares.

nota

O «TOSCO»

Os leitores recordam-se do assalto efectuado recentemente à «boite» «Tosco» por elementos, depois, identificados como pertencendo ao Regimento de Comandos. Como foi noticiado, houve agressões, destruição e tiros.

Ora, segundo apurámos, a investigação dos factos ocorridos está, ao contrário do que seria normal, a ser feita pelo próprio Regimento da Amadora, sem qualquer interferência da P.S.P. ou da P.J.M.E. de tal modo que algumas das vítimas que ali têm sido interrogadas duvidam já se passaram de queixosos a réus, pois, além das perguntas a que são submetidos, têm sido alvo da chacota de elementos da unidade quando ali se deslocam. Será isto admissível?

CONTINUAM?

Generaliza-se em meios relacionados com o ensino o receio de que esteja para muito breve a substituição dos reitores das universidades. Parece que a primeira a sair da forja seria a substituição do prof. dr. Teixeira Ribeiro...

O dr. Sottomayor Cardia, que nos tempos de èstudante sempre se bateu pela autonomia da Universidade e que depois do 25 de Abril tanto tem atacado a possibilidade da existência de um «Estado Patrão» — será que ele vai agora pôr em prática aquilo que sempre combateu? Além disso, e dado que estamos em férias, não consta que hajam sido consultadas as estruturas de professores e alunos.

M.E.I.C. suspende formação de educadoras de infância

. A possibilidade de opção entre o ensino pré-primário e o primário, nas Escolas do Magistério, foi suspensa pelo Despacho do MEIC 283/76, segundo o qual o ano lectivo de 1976/77 formará apenas professores para o ensino primário.

Estava previsto que os alunos de algumas escolas do Magistério Primário pudessem optar, no final do segundo ano, pela profissionalização como professores primários ou como professores infantis. De acordo com o presente diploma, a suspensão justifica-se porque não foram «estudadas as formas adequadas para a diferenciação, tardia, entre os dois ramos, o que, no plano pedagógico, é perfeitamente inadiável».

As escolas do Magistério Primário passam a dirigir-se exclusivamente à formação de professores para o ensino primário, e de acordo com o despacho do MEIC «outros estabelecimentos de ensino serão, logo que possível, criados para a formação de educadores de infância.

ENTRE CARTAZES DE "AZANIA"

Morte de Kissinger não passou de boato

. «Kissinger morreu! Kissinger foi vítima de um atentado!» — estas duas exclamações, entre outras, eram proferidas ontem em Nova York e em certas capitais africanas. Mas não era verdade. Um boato e nada mais. Um boato certamente nascido do descontentamento que a visita de Kissinger à África do Sul desencadeou na população negra, de Joanesburgo a Durban. O secretário de Estado norte-americano encontra-se ali para conversações com John Vorster, depois de ter trocado impressões com Julius Nyérere (Tanzânia) e Kenneth Kaunda (Zâmbia).

O «telex» da Anop/Efe/Ap afirma, no entanto, que são grandes as medidas de segurança, uma vez que irrompeu de novo a violência em Soweto. No decurso das manifestações, foram abatidos mais dez negros. Em quase todas as escolas dos bairros de negros ou de mestiços foram colocados cartazes convidando Kissinger a regressar ao seu país e a não se imiscuir nos problemas sul-africanos. Nesses cartazes aparece com insistência o nome indígena da África do Sul: **Azania.**

Relativamente aos dez negros mortos (todos em Joanesburgo), seis eram alunos de escolas primárias. Palavras do director da Escola Primária de Sekano Ntoane, de Soweto de nome G.J. Tabane:

. «A Polícia arrombou o portão da escola e as crianças começaram a fugir em todas as direcções quando apareceram três furgonetas com polícias brancos fortemente armados. Foi nessa altura que começaram os tiros. Algumas crianças foram atingidas por estilhaços. A confusão era generalizada e por toda a parte as crianças gritavam de dor. Foi vergonhoso. Nunca tinha visto antes nada de semelhante».

Neste pano de fundo nada tranquilizador, os dois estadistas começaram (melhor: recomeçaram) as suas conversações. Agenda: os temas da agenda do encontro de Zurique. É provável que Vorster e Kissinger conversem hoje ou amanhã com Ian Smith, «nomeadamente (como é óbvio) sobre os problemas da Rodésia».

TRANSKEI

Tornou-se hoje oficialmente independente o Transkei, o maior bantostão da África do Sul.

Jorge de Sena em Lisboa

. A fim de participar em Grado (Itália) num Encontro Internacional de Escritores, encontra-se de passagem por Lisboa Jorge de Sena, poeta, ensaísta e novelista, actualmente professor catedrático nos Estados Unidos.

P.A.I.G.C. assinala vinte anos com ampla amnistia

. BISSAU, 18 — (pelo nosso enviado especial Daniel Reis) — Uma ampla amnistia que abrange praticamente todos os indivíduos presos ou com processos em curso sobre questões políticas foi anunciada pelo presidente Luís Cabral num dos bairros populares de Bissau, criando-se assim um clima de abertura política que certamente vai contribuir para que o XX aniversário do PAIGC seja comemorado ainda com mais alegria e empenhamento militante.

A lei reguladora da aplicação da amnistia só será hoje publicada, mas sabe-se já que para os indivíduos condenados por crimes políticos e comuns as disposições principais prevêem a comutação da pena de morte em 10 anos de trabalho obrigatório. As de trabalho obrigatorio serão reduzidas em 50 por cento e os condenados que já cumpriram fois terços da pena serão imediatamente postos em liberdade. Os indivíduos com processos pendentes por crimes políticos (colaboração com o inimigo durante a luta de libertação, agentes da PIDE, dirigentes de grupos oportunistas formados no pós-25 de Abril e que persistiram na sua campanha antipatriótica após o início das negociações com o Governo Português, dirigentes da ANOP, fascistas, etc. etc.) verão arquivados os respectivos processos. São postos em liberdade os que porventura tenham sido presos no período de transição pelos representantes portugueses ou pelas estruturas clandestinas do partido em Bissau.

Segundo afirmou Luís Cabral estas decisões (aliás anunciadas genericamente em entrevista que o presidente concedeu ao «DL» no início de Maio) vão ao encontro da linha do PAIGC que confiou sempre na possibilidade de reabilitação do homem e na vontade do povo da Guiné-Bissau em voltar a página negra na dominação colonial.

NYÈRERE CHEGA HOJE

O programa das festividades comemorativas do XX aniversário do PAIGC está a decorrer desde quinta-feira com actividades culturais e musicais.

Ainda ontem, tal como na véspera, a prioridade foi para as actuações de grupos de cada região do país. Actuou também a cantora Myrian Makeba. Mas hoje, com a chegada de Julius Nyérere, presidente da Tanzânia, o programa atinge o apogeu.

O presidente da Tanzânia, amigo particular de Amílcar Cabral, chega hoje ao aeroporto de Bissau cerca das duas horas da tarde. E hoje mesmo assistirá a uma peça de teatro e a uma exibição de folclore na Praça dos Heróis Nacionais. Amanhã de manhã, a partir das nove, os três presidentes (Nyérere, Luís Cabral e Aristides Pereira) assistirão ao desfile popular e à parada militar das Forças Armadas Revolucionários do povo serão condecorados, soldados que combateram em Angola ao lado do MPLA e os amigos do PAIGC que mais apoiaram a luta armada. De tarde: exibições de ginástica, sessões políticas, uma recepção na Presidência e um novo espectáculo de Myrian Makeba.

Nyérere deixa Bissau às nove horas de segunda-feira para se encontrar com Kissinger na terça. Até ao dia 24 continuarão as festividades, especialmente com peças de teatro, exibições musicais e danças populares. Ontem chegaram a Bissau várias delegações entre as quais a do Partido Comunista Português (Ângelo Veloso) e o professor Henrique de Barros em representação do PS. Ambos manifestaram o apoio dos seus partidos ao esforço do PAIGC, tendo Henrique de Barros recordado, com particular emoção, o seu contacto com Amílcar Cabral, no Instituto de Agronomia de Lisboa e a sua vinda a Guiné vai para 25 anos.

TIRAGEM MÉDIA DIÁRIA NO MÊS ANTERIOR: 46.796 EXS.

AQUI NAO SE ACEITAM
TITULOS

18 DE SETEMBRO
DE 1976

sete PONTO sete

AGENDA SEMANAL DL DOS TEMPOS LIVRES
ARTE, ESPECTÁCULO, PASSATEMPO & DIVERSOS

suplemento semanal

Diário de Lisboa

sete PONTO sete

cinema
jorge leitão ramos 10

5 livros

teatro
carlos porto 8

Música:
5 mário vieira de carvalho

televisão 12

Lisboa, de 18 a 24 de 1976
Orientação gráfica de Rodil Garcia

teatro do bairro alto
R. Tenente Raúl Cascais 1-A (ao Rato)
Tel. 66 15 15. 66 92 05

Teatro da Cornucópia
Tambores na Noite de Bertolt Brecht

ESTREIA DIA 22
«CURTA CARREIRA»
Todos os dias às 21.30h
Dom. às 18h
Descanso à 2.ª-feira (M./13)
A bilheteira abre dia 21

CP — CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES

INFORMAÇÃO

Electrificação do Ramal de Tomar

Com vista à exploração eléctrica do Ramal de Tomar, efectuam-se a partir do próximo dia 20 de Setembro os testes necessários à entrada em vigor — a partir de 26 de Setembro — do novo sistema implantado naquele ramal.

A electrificação do Ramal de Tomar permitirá o estabelecimento de algumas circulações directas entre Lisboa e Tomar. Por outro lado, e em complementaridade, também se efectuaram trabalhos de renovação integral da via bem como de beneficiação geral de instalações para os passageiros.

Como consequência deste empreendimento, a C. P. apela para as populações daquela zona no sentido de tomarem consciência da existência de cabos de alta tensão que, embora de difícil acesso, podem causar graves incidentes se não forem respeitados os tradicionais avisos existentes ao longo da linha.

O QUE NÃO VAI POR AQUI

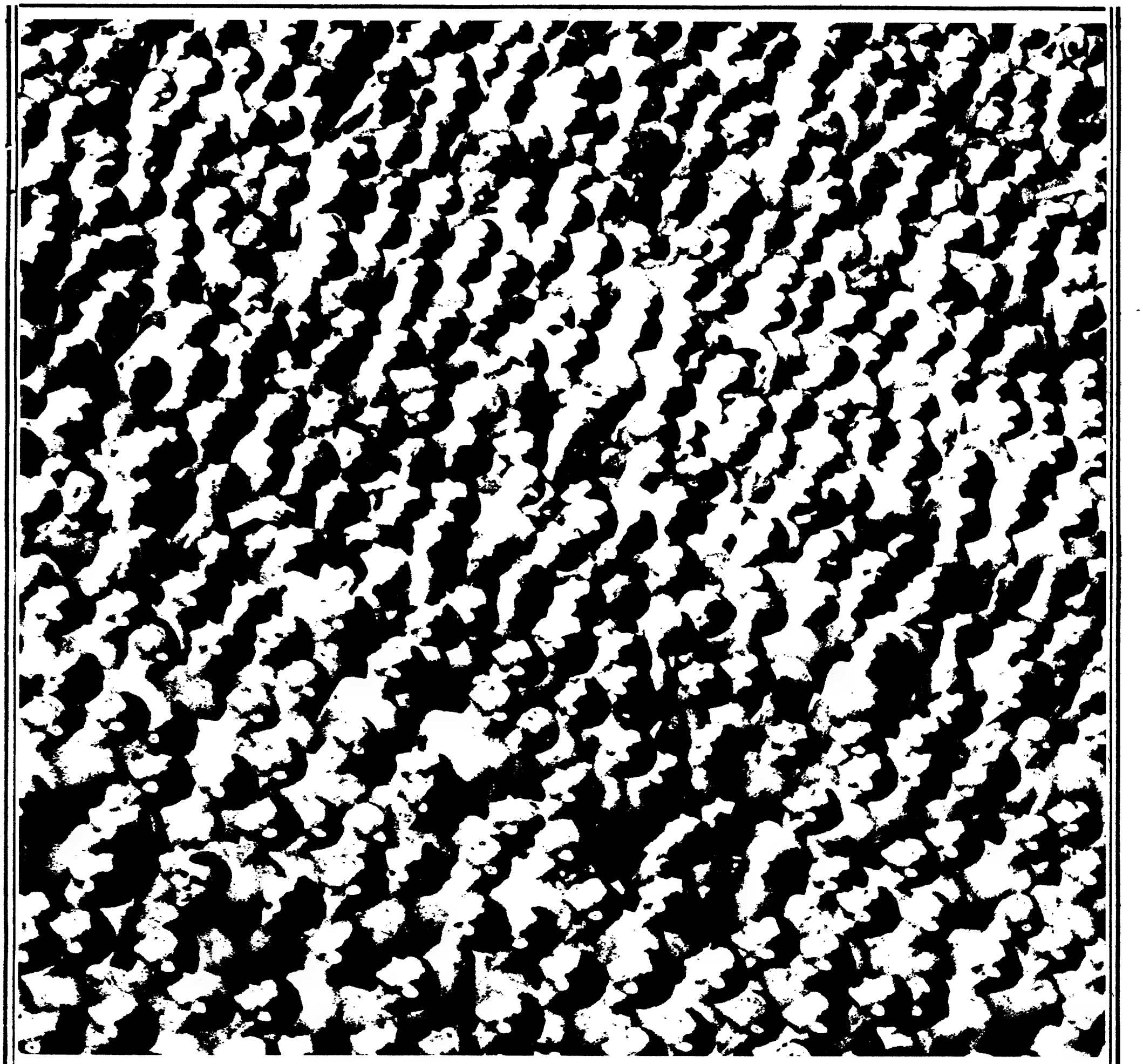
A última editorial deste suplemento — se é que se pode designar por editorial a nota com que abrimos semanalmente — intitulava-se O QUE VAI POR AQUI. A deste intitula-se, muito justamente, O QUE NÃO VAI POR AQUI, já que este suplemento é mais ou menos dedicado ao que não há. E não há muita coisa, senhores e senhoras, tanto no domínio do essencial, como no domínio do supérfluo. Isto se entendermos justo classificar de supérfluo o divertimento, o passatempo, o jogo, a música, o cinema e o teatro a que este suplemento se dedica, conforme anunciamos na sua primeira página. No campo do essencial falta bacalhau, carne barata, batata e outras coisas que fazem uma falta danada mas que não têm nada a ver com este suplemento. No campo do supérfluo, que a partir deste momento passamos a classificar de «essencialíssimo», porque o disco é tão importante como a batata, começa a sentir-se a falta de muita coisa.

Não há, por exemplo, câmaras-de-ar, e toda a gente sabe que é difícil andar de automóvel sem câmaras-de-ar, a menos que se usem pneus especiais. Infelizmente, porém, os pneus especiais que dispensam as câmaras-de-ar também desapareceram do mercado e, já que estamos a falar de pneus, podemos dizer que mesmo os pneus normais fugiram do País. Para quê andar de automóvel, dirão os leitores do País. sisudos, quando nos falta gasolina? Porque não se dedicam os leitores automobilistas a outra coisa como, por exemplo, à pesca ou à fotografia? A resposta, estimados e sisudos leitores, é que o peixe desapareceu no Tejo por causa da poluição e que, sem automóvel, é difícil um cidadão dedicar-se à pesca num ponto distante da costa. E a fotografia? Estimados e sisudos leitores, isso da fotografia, hoje em dia, é para milionários. Um rolo de película que custava há bem pouco tempo cerca de 20$00 custa, agora, 60$00 e uma caixa de papel que custava cerca de 130$00 custa, agora, 670$0... O leitor saberá, por exemplo, que uma câmara que se vende no Japão por cerca de 7 000$00 custa aqui mais de 20 000$00? é claro que há outras coisas como, por exemplo, o jogo das damas. Um homem pode, efectivamente, dedicar as suas horas de ócio ao jogo das damas. O problema é que as damas, hoje em dia, fumam e bebem tanto como os homens e actualmente um maço de cigarros custa 14$50, e um modesto «gin and tonic» fabricado em Portugal custa, num barsito modesto, entre 20 e 25$00. Ou um homem joga às damas com umas damas muito linfáticas que não comam, nem bebam, nem gostem de ir ao cinema, nem queiram ir a boates, ou pode encomendar a alma a Deus.

Mas... se as damas escolhidas para o jogo são linfáticas, anémicas e chatas, valerá apena jogar com elas?

Atendendo a que existe o jogo das damas, mas que não existe um jogo intitulado «jogo dos cavalheiros», não sabemos ao certo que passatempo recomendar às nossas leitoras.

O jogo da pulga?



PORTUGUESES (QUE PODIAM ESTAR A TRABALHAR) ENTRETIDOS A VER SUBIR O CUSTO DA VIDA

Não há dúvida de que em Portugal tudo está a subir. O povo, com a gasolina pelo preço que está, sobe a pé as calçadas da cidade.

Atendendo a que toda a gente esteve privada de energia uma data de horas por dia, toda a gente subiu as escadas dos prédios sem utilizar os elevadores. O orgulho nacional, por outro lado, sobe todos os dias no coração de todos os bons portugueses (o nível do orgulho nos corações dos maus portugueses é como nível das águas nas albufeiras: quando não chove, desde.). Sobe o nível cultural do País de hora a hora.
E sobem os preços.
E sobem os preços.
E sobem os preços.

O carapau que hoje se compra a vinte compra-se amanhã a trinta e, depois de amanhã, a quarenta. O café subiu tanto que se transformou num produto exótico bebido no estrangeiro. O automóvel nem subiu — fugiu. A pescada congelada congela o coração de quem lhe vê o preço. Os bifinhos dos supermercados estão cada vez mais inhos. A batata está a 7$50 e já se propõe que comamos marmelada em vez de puré de batata (uma delícia, um filetesinho de bacalhau com marmelada...). Até as palavras subiram como se depreende do preço dos livros e dos jornais e quando a palavra falta a um português, com que diabo é que ele vai expor as suas teoriasinhas? E quanto um português não tem teoriasinhas, em que diabo é que tem fé? E quando um português não tem fé em qualquer coisa, terá o direito de se intitular português?
Afirma-se que trabalhamos pouco, que produzimos pouco, que somos pouco rentáveis e até á possível que tudo isso seja verdade, mas a culpa não é nossa.
Toda a gente sabe que para que um homem se concentre, é necessário que não tenha nada que o distraia.
Toda a gente sabe que basta aparecer algo de estranho no ambiente normal de um homem para que ele se distraia.
Perguntamos: como é que nos podemos concentrar se somos permanentemente distraídos pela subida dos preços?

O QUE NÃO VAI POR AQUI

Sem que ninguém soubesse, sem notícias de Imprensa ou relatos radiofónicos, realizou-se numa sala de um hotel da cidade de Lisboa o «1.º Congresso Nacional dos Futuristas Portugueses».
«Sete-ponto-sete» esteve presente, como não podia deixar de ser, e registou esta profecia do presidente da mesa: **dentro de um ano vai haver duas espécies de estabelecimentos: os que têm à venda bacalhau, azeite, arroz e batatas, mas que não aceitam títulos da dívida pública em pagamento desses géneros e os que não têm nada à venda, mas que aceitam títulos da dívida pública em pagamento da mercadoria que não têm para vender**

SUGESTÕES PARA USO FUTURO.

Quando receber metade da sua gratificação de Natal em títulos, não desespere, não deite as mãos à cabeça e não os ofereça à primeira pessoa que encontrar na rua. Tudo tem aplicação e não há nada sobre a face da Terra que não possa ser utilizado pelo homem. Mesmo as coisas mais pequeninas e humildes têm a sua utilidade.

Já pensou, por exemplo, que pode forrar a parece da sua sala com títulos?

E que tal um «abat-jour» feito com um título ... é ou não é, uma ideia aristocrática?

Quantas vezes é que lamentou não ter forrado um livro cuja capa estragou? Os títulos, que serão certamente impressos em bom papel, farão capas lindas para livros...

Ainda sabe fazer barcos de papel? Não lhe sorri a ideia de passar um dia inteiro na margem de um lago, fazendo navegar barquinhos de papel? Com a sua gratificação, poderá fazer autênticas armadas de barcos de papel...

Se tem filhos sabe como eles «comem» meias solas e sabe, também, quanto é que custa, actualmente, mandar pôr meias solas num par de sapatos. De recortar cuidadosamente um título de forma a ficar com uma «palmilha» de papel pode introduzi-la nos sapatos esburacados dos seus filhos evitando que eles se constipem, no Inverno, ou que fiquem imediatamente com os pés sujos no Verão. A «palmilha» não dura muito mas, em terra de sapatos esburacados, quem tem meias solas (mesmo de papel) é rei.

O BACALHAU

Diálogo ouvido num eléctrico:
— Pai, o que é um bacalhau?
— E uma coisa que havia antigamente nas lojas e que, agora, está armazenado
— Para que serve?
— Serve para... para... olha, filho, para te dizer a verdade, já não me lembro.

Esta senhora recebeu a sua gratificação em dinheiro.

Esta senhora recebeu a sua gratificação em títulos do tesouro.

RECORDAR É VIVER OUTRA VEZ.

Publicamos esta fotografia com dois objectivos: reavivar a memória dos pais e fornecer-lhe material didáctico susceptível de ser utilizado na educação dos filhos. Se tem filhos, recorde esta fotografia e cole-a, em sua casa, num local bem visível. Contribuirá, dessa forma, para a sua cultura.

ENQUANTO HOUVER COORDENADORES A REVOLUÇÃO CONTINUA

Faltava-nos um «Grupo Coordenador para a Cooperação» mas, felizmente, já temos um. Agora, o que nos falta é um «Grupo Cooperador para a Coordenação». O problema é tanto mais grave quanto é certo que este grupo nos faz muita falta. Esperamos que o Governo tome previdências imediatas. E que lhes pague o ordenado com títulos.

MAIS VALE PREVENIR QUE REMEDIAR.

Um fotógrafo do «Sete-ponto-sete» que andava em serviço na Baixa tirou esta fotografia, que não hesitamos em classificar de insólita, no interior de um estabelecimento. Convidados a explicar o que estavam a fazer, os fotografados não tiveram papas na língua: **estamos a preparar esconderijos para guardarmos os títulos da gratificação. Com os assaltos que há agora, é um perigo tê-los à vista...**

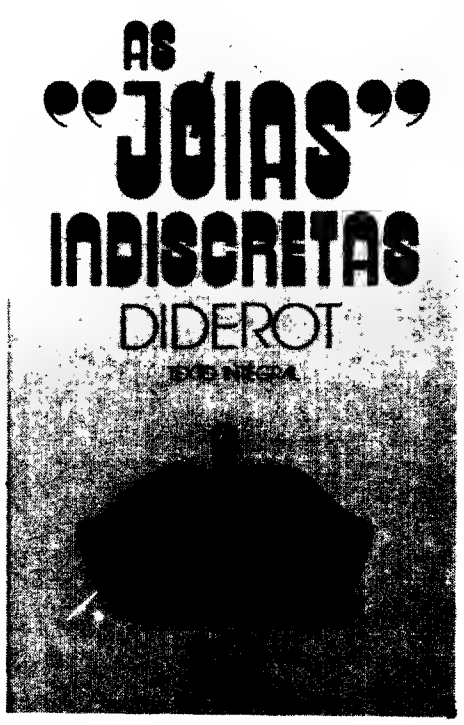
a PONTO e virgula

OTELO

«Otelo A Força da Unidade Popular». O livro reúne documentos da campanha eleitoral de Otelo Saraiva de Carvalho em Junho último. Andavam os textos dispersos pelas páginas dos jornais (dos jornais que os publicaram, entenda-se), pelas folhas a «stencial» (que as mais das vezes os mais dos órgãos de informação omitiram, silenciaram). Não estão aqui os documentos todos, é claro — isso daria um dossier de dimensões incalculáveis. Mas estarão aqui as peças fundamentais de uma campanha, algumas, pelo menos. «Trata-se de documentos de formação ideológica, que deverão ser uma base de discussão mais profunda sobre os órgãos de vontade popular, tendo em conta as directrizes nelas apontadas para uma efectiva aliança de todas as forças progressistas e os caminhos e formas de luta a considerar para uma verdadeira proposta de *unidade popular* — Otelo foi realmente a *força* impulsionadora dessa «unidade popular». Cabe agora a todos os homens de esquerda, com ou sem partido, saber participar nessa corrente, sem quaisquer preconceitos ideológicos ou de classe. É o que diz Serafim Ferreira, num prefácio. Ele é ainda o responsável pela coordenação, pela edição toda. Chancelado por Editorial Fronteira, saltou há poucos dias para as livrarias, e custa 70$00 — informação sempre útil para o leitor sem grandes capacidades de compra (partindo do princípio que há quem, sem grande capacidade de compra, adquira livros).

UM DOSSIER

Um dossier, este volume de mais de 400 páginas, «Governo Soares — O Exame de S. Bento». O Programa de Governo apresentado pelo P. S. à Assembleia da República ocupa quase metade do volume. O que sobra é ocupado pelo debate parlamentar, ponto por ponto, até ao discurso final de Mário Soares. Quem fez o trabalho de coordenação foi o jornalista Miguel Reis. «Que vai ser do Governo Soares? Governo de Salvação Nacional («Vencer a Crise, Salvar a Revolução») como proclamam os socialistas, ou o VII Governo Provisório como classifica Acácio Barreiros? » — pergunta o jornalista nunca nota que antecede todo o conjunto de textos. E ele ainda: — «As posições que recolhemos neste dossier ajudarão a perspectivar esta questão. Aqui deixamos as promessas de Soares, as acusações e as defesas do seu programa, os pontos mais altos do debate morno de cinco dias em S. Bento. Um documento que marca afinal o princípio difícil do período constitucional da II República.» É um dossier e o seu interesse consiste precisamente nisso. Entretanto, há uma anotação a fazer. O livro custa 80$00 nas livrarias. Para as proporções que tem é um preço extremamente baixo. Trata-se de uma edição da Agência Portuguesa de Revista, que deve ter calculado antecipadamente um grande êxito no mercado para fazer uma edição numerosa e colocá-la no mercado a um preço relativamente acessível. Pela altura a que estão os preços de tipografia, pode-se dizer que um livro assim, em edição vulgar de três mil ou cinco mil exemplares é vendido a tal preço, daria incalculáveis prejuízos. Mas o livro deve estar fadado para os top's nacionais. Foi, evidentemente, concebido e executado para isso. E, acrescente-se, sempre é melhor estar nos top's um livro assim do que as grandes mixórdias editoriais que por lá vão andando ainda.



DIDEROT E ANATOLE FRANCE

Ainda nos Livros de Bolso da Europa América, duas edições recentes: «As Jóias Indiscretas», de Diderot e «Os Deuses têm Sede», de Anatole France. Dois títulos e dois autores de selecção — mas gostaríamos de recomendar sobretudo «As Jóias», de Diderot. Gide apreciava muito o livro. Gide era um apreciador de coisas apreciáveis. Aliás, tal como Diderot, esse transgressor, esse subversivo.

CARDOSO PIRES

Para breve: um novo original de José Cardoso Pires. Trata-se de um livro sobre a censura, qualquer coisa como (pensamos no título, mas o título provavelmente não será assim) «Técnica do Golpe de Censura». Entretanto, reedições: as sextas, para dentro em pouco, dos títulos «O Anjo Ancorado» e «Cartilha do Marialva».

NAMORA

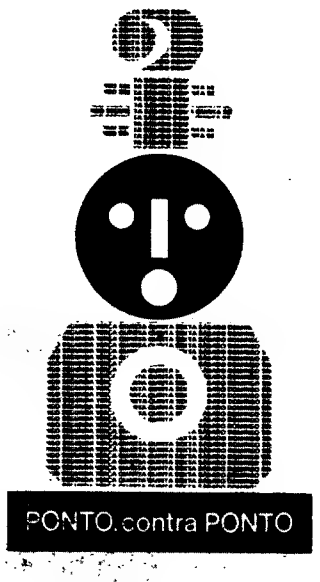
«Retalhos da Vida de um Médico»: vai na sexta edição a segunda série. O livro continua a merecer a procura do público. Aliás, qualquer Namora se vende sempre bem.

NERUDA

Já que falámos da Agência Portuguesa de Revistas: vimos um dia destes numa livraria exemplares de uma edição daquela casa: «Incitamento ao Nixonicídio e Louvor da Revolução Chilena», nada menos do que o último livro de poemas de Pablo Neruda. Não é uma novidade, trata-se de uma edição de há um ano, ou mais. E se aqui se refere ainda hoje, não é, evidentemente, para publicitar a edição da A. P. R. (casa mais afeita a outro tipo de edições do que esta, tradução em português do poeta Alexandre O'Neil); é porque se trata de um livro importante (passe a vulgaridade do qualificativo). Mas aqui terá havido um erro de cálculo: aqueles a quem o livro poderia interessar nem são aos milhares nem estão todos à espera da edição portuguesa: já a têm no original há algum tempo, por vezes desde o seu lançamento primeiro. Entretanto, o livro mereceria melhor sorte do que o esquecimento nas estantes das livrarias ou no pó dos depósitos: «Incitamento ao Nixonicídio e Louvor da Revolução Chilena» não será certamente o melhor de Neruda, mas é um trabalho (um texto violentíssimo) de Neruda. (Ainda: não é tradução de qualquer, mas de Alexandre O'Neil, e custa 50 escudos).

KAFKA

Quem nunca leu «O Processo» pode fazê-lo agora, oportunidade de uma edição nos Livros de Bolso da Europa América. Não é aqui lugar nem há aqui espaço para falar de Kafka nem do livro, que é um dos textos fundamentais do nosso século XX. Kafka, aliás, tem quase toda a sua obra, e há muito, traduzida em português (e o que não haverá em Portugal pode encontrar-se em edição brasileira). Casas como Livros do Brasil e Inquérito, por exemplo, já editaram, as peças fundamentais da sua obra: «O Castelo», «Metamorfose», «América», «O Covil», etc., e «O Processo», que a primeira daquelas casas ainda tem em «stock» — e diga-se que a um preço muito pouco mais alto do que a edição de Bolsa da Europa América, que custa na livraria 35$00.



MARATONA MUSICAL NA FIL

O único acontecimento musical da próxima semana está compreendido no conjunto de iniciativas anunciadas para a **Festa do Avante**, que decorrerá na Feira das Indústrias de Lisboa, nos dias 24, 25 e 26.
Lopes-Graça, à frente do Coro da Academia de Amadores de Música, inaugurará, com as **canções heróicas**, o Festival da Canção Política, dirigindo ainda um programa de canções regionais portuguesas.
Outro dos aspectos mais salientes consiste na presença, entre nós, do grande compositor italiano Luigi Nono, que desde sempre se tem colocado na vanguarda da criação musical e na vanguarda da militância política (Luigi Nono pertence, actualmente, ao Comité Central do Partido Comunista Italianao).
Munido dos «slides» e da fita magnética, que documentam uma das suas mais recentes obras **Al gran sole carico d'amore** estreada no Scala de Milão no ano passado, numa iniciativa dos sindicatos italianos dedicada aos trabalhadores, Luigi Novno apresentá-la-á e conversará sobre ela, no Cinema da FIL.
No dia 24, pelas 21 horas, também no cinema ea FIL, os Jograis de Lisboa, o Grupo de Música Contemporânea de Lisboa, o Convivium Musicum e um grupo de instrumentistas dirigido por Álvaro Salazar interpretam o seguinte programa, concebido em termos de panorâmica histórica da música europeia, e no qual os autores portugueses estão amplamente representados:

Anónimo (Séc. XVI):
«Toda a noite e todo o dia»
(conjunto dos três grupos)

Ghirardello da Firenze (Séc. XVI):
«Tosto che l'alba»
(Segréis de Lisboa)

Jorge Peixinho:
«Elegia»
(Grupo de Música Contemporânea de Lisboa)

Schumann:
«Duas canções de amor espanholas»,
da colecção op. 138.
(Convivium Musicum)

Filipe Pires:
«Diálogos»
Clotilde Rosa:
«Encontros»
(Grupo de Música Contemporânea de Lisboa)

Anónimo (Séc. XVI):
«Propiñan del melyor»

Anónimo (Séc. XVI):
«Greensleeves»

Anónimo (Séc. XVI):
«Puestos estan frente a frente»
(Segréis de Lisboa)

Constança Capdoville:
«Momento I»
(Grupo de Música Contemporânea de Lisboa)

F. Lopes-Graça:
«Duas Canções Heróicas»
1. Firzema (J.J. Cochofel)
2. Exaltação (Miguel Torga)
(Convivium Musicum)

Mozart:
«Musikaliches Würfelspiel»
(conjunto dos três grupos)

Artur Santos:
«Duas Canções Populares Portuguesas»
1. «Oh, que calma...»
2. «Chula».

Croner de Vasconcelos:
«Canção popular portuguesa: O alandroeiro».
Barítono: Orlando Worm
Piano: Constança Capdeville

Lopes-Graça:
«Quatro Canções»
1. «Juramento».
2. «Poema para uma mulher que trabalh de sol a sol»
3. «Epserança»
4. «Canção de Catarina»

Barítono: Orlando Worm
Piano: Constança Capdeville

Lpes-Graça:
«Cantigas de Amigo»
(versão integral)
Tenor: Fernando Serafim.
Conjunto de Câmara
Direcção: Álvaro Salazar.

Nos dias 25 e 26, haverá, no mesmo local. música de câmara com a participação de elementos do Grupo de Música Contemporânea de Lisboa e da pianista Maria Regina de Vasconcelos, além de uma demonstração de improvisão e criação colectiva de um Grupo de Alunos de Composição do Conservatório de Lisboa (classe de Constança Capdeville).
Anuncia-se ainda a presença da pianista polaca Elzbieta Tarnavska, laureada do Concurso Chopin, de Varsóvia.
Se gosta de música, encaminhe-se, portanto, para a FIL nos dias 24, 25 e 26. Mas, atenção, a sala do cinema onde decorrerá a maior parte do programa acima pormenorizado tem uma capacidade limitada: assegure o bilhete de acesso com antecedência...

COM O SOL EM FOGO EMBRIAGADO DE AMOR

— a ópera revolucionária de Luigi Nono

Al gran sole carico d'amore (Com o Sol em fogo embriagado de amor ★), ópera composta por Luigi Nono em 1975, apresentar agora a Lisboa, é uma acção cénica em dois actos, nascida de um intenso trabalho de equipa realizado durante dois anos pelo próprio Luigi Nono e por Jurij Ljubimov e David Borovsky, respectivamente director e cenógrafo do Teatro «Taganka» de Moscovo. Esta acção cénica constitui, por assim dizer, o ponto de convergência da experiência musical e teatral de Nono, desenvolvida sob o signo de um empenhamento moral e cívico que levou o compositor a um constante confronto crítico com as conquistas linguísticas da vanguarda musical ocidental, e das aquisições amadurecidas no âmbito do prestigioso teatro moscovita a partir do desenvolvimento dos elementos próprios do teatro revolucionário de Meyerhold e da sua fusão com a lição do teatro épico e gbrecht.

A actividade do teatro «Taganka» desenvolve-se desde há dez anos em três direcções complementares: em primeiro lugar a do teatro popular (com espectáculos de Brecht, Gorki, Reed, Tchernichevsky, etc); em segundo lugar, a das livres montagens dramáticas de documentos, textos literários, poesias, centrados na figura de Lenine, Puchkine, Maiakovsky, Essenine, Evtuschenko, Tvardovsky (um espectáculo sobre poesia deste último foi levado à cena no «Taganka» em Janeiro de 1975, com música de Luigi Nono), etc.; finalmente, a actividade daquele teatro de Moscovo compreende a tradição clássica de Molière, Shakespeare, Ostrovsky, etc. Foi com base na fusão destas complexas componentes culturais que Luigi Nono e Ljubimov conceberam a acção cénica **Com o Sol em fogo embriagado de amor** segundo o ritmo de um grande **mural** construído a partir da colagem de documentos e testemunhos diversos, gravitando em

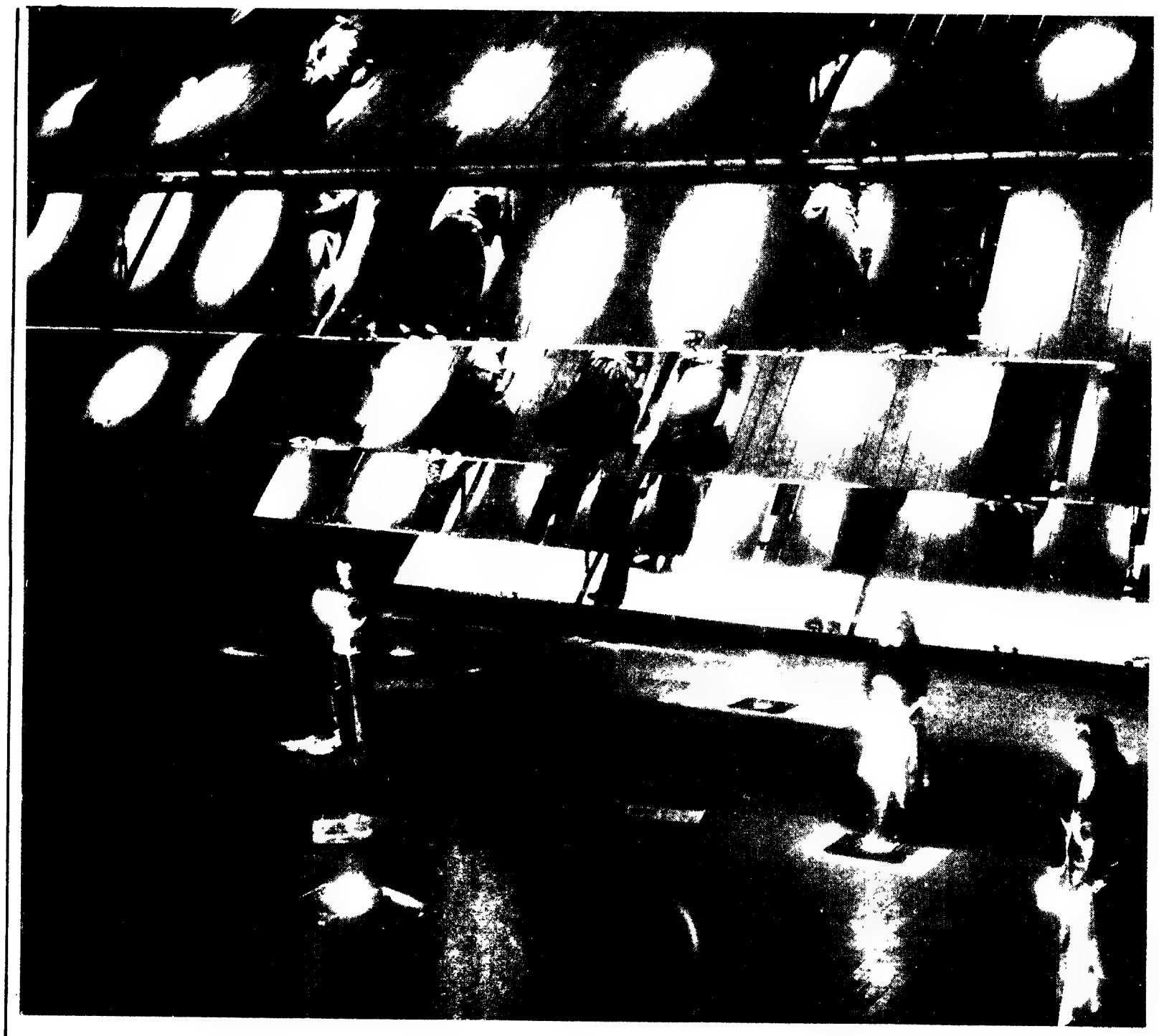
torno do tema condutor da Comuna de Paris; este tema ganha, no contexto da obra, uma dimensão emblemática e exemplar e é projectado noutros lugares e situações históricas: as revoluções soviéticas de 1905 e 1917, as revoltas operárias em Turim em 1943, as lutas de libertação da América Latina e do Vietnam.

Os textos utilizados na obra são de Brecht, Gorki, Marx, Lenine, Louise Michel, Tania Bunke, C. Pavese, Ljubimov, Julia Dobrovolskaia, Haydée Santamaria, Celia Sanchez, Gramsci, Dimitrov e Fidel Castro, além de cantos de luta e depoimentos diversos. O título é extraído de um poema de A. Rimbaud (Les Mains de Jeanne-Marie) dedicado a uma protagonista dos motins da Comuna.

A parte musical exige uma grande complexidade de meios, que vão desde o canto solístico ao coro, à orquestra e aos meios electrónicos. Foi concebida desde o início, por Luigi Nono, como um **momento** da linguagem dramática que encontra o seu natural complemento na cenografia e nos figurinos de Borovsky, na coreografia de Leonid Jakobson, coreógrafo do Teatro Kirov e director do **Teatro das Miniaturas** de Leninegrado, bem como na articulação geral do espaço cénico ideada por Ljubimov.

A partitura é dedicada a dois grandes músicos italianos, também conhecidos pelas suas posições progressistas: o chefe de orquestra Claudio Abbado e o pianista Maurizio Pollini.

★ tradução sugerida por Ricarte Dácio e Virgílio Martinho



Cronologia das obras de Luigi Nono

1960/61
Intolleranza 1960, acção cénica em dois actos (sobre textos de A. M. Ripellino, Henri Alleg, Brecht, A. Césaire, Paul Eluard, Maiakovsky, Fucik e Jean-Paul Sartre).
Desta obra foi extraída uma suite de concerto.

1962
Canti di vita e d'amore: Sul ponte di Hiroshima, para soprano, tenor e orquestra (textos de G. Anders, J.L. Pacheco e C. Pavese).
Per Djamila Boupachà para soprano solo (texto de J.L Pacheco), peça extraída da composição precedente.

1962/63
Canciones a Guiomar, para soprano, coro feminino e instrumentos (texto de A. Machado).

1964
La fabbrica illuminata, para voz e fita magnética (textos de G. Scabia e C. Pavese).

1965
Musiche per «Die Ermittlung» di Peter Weiss, para fita magnética.

1966
Ricorda cosa ti hanno fatto in Auschwitz, para fita magnética.
A floresta é jovem e cheia de vida, para vozes, clarinete, fitas magnéticas, sobre textos revolucionários. O título provém do poema de um guerrilheiro do MPLA.

1967
Per Bastiana Tai-Yang Cheng (O Oriente é vermelho), para fita magnética e três grupos de instrumentos.

1968
Contrappunto dialettico alla mente (sobre textos de S. Sanchez, N. Balestrini, manifestos do movimento das mulheres do Partido Progressista do Trabalho de Harlem), para fita magnética.

1968/69
Música manifesto n.º 1: un volto del mare, para vozes e fita magnética (textos de C. Pavese)
Non consumiamo Marx, para vozes e fita magnética (textos do Maio de 68 em Paris).

1969/70
Yentonces compreendió, para fita magnética, seis vozes femininas e coro (textos de C. Franqui).

1971
Ein Gespenst geht um in der Welt, para soprano, coro e orquestra (textos de Marx, C. Sanchez, H. Santamaria).

1971/72
Como una ola de fuerza y luz, para soprano, piano forte, orquestra e fita magnética (textos de J. Huasi).

1972/75
Al gran sole carico d'amore / Au grande soleil d'amour changé, acção cénica em dois actos.

1973
Canto per il Vietnam, para coro misto.

1974
Für Paul Dessau (fita magnética).

1950
Variazoni canoniche su una serie di Schönberg, para orquestra de câmara.

1951
Polifonica-Monodia-Ritmica, para seis instrumentos e percussão.
Composizione per orchestra n.º 1.

1951/53
Epitaffio per Federico Garcia Lorca
1. España en el corazón, três estudos para soprano, barítono, coro misto e instrumentos (sobre textos de F. G. Lorca e P. Neruda). 2. Y su sangre ya viene cantando, para flauta e pequena orquestra. 3. **Memento, Romance de la guardia civil española**, para recitante, coro falado e orquestra.

1953
Due espressioni per orchestra

1954
Der rote Mantel, bailado de Tatiana Gsovslay sobre F.G. Lorca (deste bailado foi extraída uma **suite** de concerto).
La victoire de Guernica, para coro misto e orquestra (textos de Paul Eluard).
Liebeslied, para coro misto e instrumentos (textos do próprio Nono).

1954/55
Cantiper 13, para treze instrumentos.

1955
Incontri, para 24 instrumentos.

1955/56
Il canto sospeso, para soprano, contralto, tenor, coro misto e orquestra (sobre textos de condenados à morte da resistência europeia).

1957
Varianti, música para violino solo, arcos e madeiras.

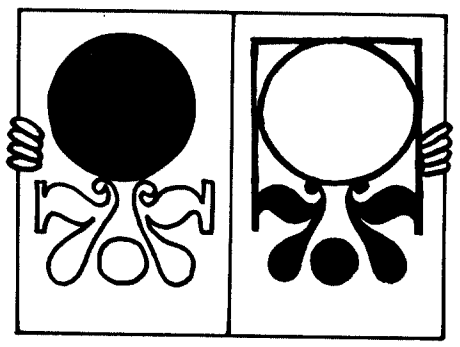
La terra e la compagna, canções de Cesare Pavere para soprano e tenor, coro e instrumentos.

1958
Coro di Didone, para coro e percussão (sobre textos de **La terra promessa** de G. Ungaretti).

1958/59
Composizione per orchestra n.º 2: Diário Polacco'58

1960
Será dolce tacere, canto para oito solistas (de **La terra e la morte** de C. Pavese).

«Ha venido», Canções para Silvia, para soprano e coro de seis sopranos (texto de A. Machado).
Omaggio a Emilio Vedova, música electrónica.



caixa do PONTO

Tartufo

Antes de iniciar uma digressão pelo distrito o Teatro de Animação de Setúbal continua a apresentar nesta cidade o seu terceiro espectáculo: «Tartufo» de Molière. De quinta-feira 16 a domingo 19 o T.A.s. apresentará este espectáculo no Salão de Festas do Inatel pelas 21.30 h.

São intérpretes: António Assunção, António Banha, Carlos César, Carlos Daniel, Clara Joana (do Centro Cultural de Évora), Clara Rocha, Francisco Costa, Gonzaga, Natércia, João Manuel, João Vítor, Maria Simões, Mário Anjos, e Valdemar Sousa. Encenação de Carlos César, tradução de Carlos Wallenstein.

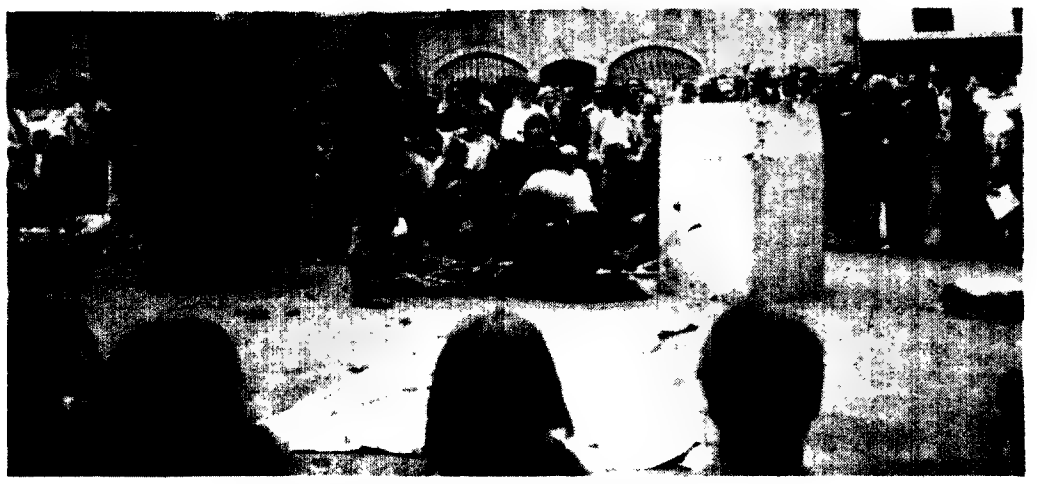
O T.A.S. estará presente na grande maratona do espectáculo no próximo domingo 19 no Coliseu dos Recreios pelas 18.30 h, para apresentar algumas cenas do seu segundo espectáculo destatemporada: «O destino morreu de repente» de Alves Redol.

Tambores na noite

Na próxima quarta-feira, dia 22, o «Teatro da Cornucópia» estreia a peça «Tambores na noite» de Bertolt Brecht.
Escrita em 1918 e revista em 1922, data em que passou a ser classificada de «comédia», esta peça foi representada, pela primeira vez no Munich Kammerspiele, no dia 30 de Setembro de 1922 numa encenação de Otto Falckenberg e foi editada, também pela primeira vez, pela Dreimasken-Verlag, de Munique, em 1923.
O novo espectáculo de «Teatro da Cornucópia» estará em cena no Teatro do Bairro Alto apenas durante três semanas com espectáculos às 21.30 h de terça-feira e sábado e, aos domingos, às 18 horas.

Fogo

O grupo português Comuna foi pela segunda vez a Nancy.
Podemos garantir que a apresentação do espectáculo «Fogo!» foi um êxito. A afluência do público, os aplausos que este manifestou não só no final como no decorrer do espectáculo, os comentários que ouvimos (incluindo os de Augusto Boal) são prova de que uma vez mais a Comuna obteve o consenso dos «festivaleiros». Esse êxito não nos surpreende porque consideramos não só aquele grupo como outros grupos independentes do teatro português dignos de figurar num Festival com o nível do de Nancy. E apesar da barreira da língua, os nossos espectáculos funcionam. O pequeno comentário publicado por um diária de Nancy — o Tamanho era idêntico ao de outros comentários reflecte o entusiasmo com que «Fogo!» foi recebido em Nancy: «Quando acabaremos de rir e de nos emocionar? Não certamente com a Comuna, esses portugueses de Lisboa, saídos do fascismo, mal subsidiados, e divertidos, tão divertidos. Fazem-nos participar da sua maquilhagem, das suas mudanças de cenário, da sua vida. O português, língua gutural e extremamente difícil, não constitui de maneira nenhuma, um obstáculo entre eles e nós. Os actores disfarçam-se, um em dona de casa, outro em pai de família unicamente interessado por um desafio de futebol transmitido pelo seu transistor de pacotilha, um outro em filho único débil mental e incubado por uma mãe possessiva. O número é fascinante e único». («L'Est Républicain»).
Além de «Fogo!», a Comuna apresentou ao ar livre algumas sessões com «Bão».



Mini entrevista com Rogério Paulo

Toda a gente sabe quem é o Rogério Paulo, de forma que apresentá-lo seria perder tempo — o tempo dos leitores e o nosso. O que nem toda a gente sabe é que Rogério Paulo depois de ter andado afastado do teatro quase dois anos, voltou ontem à cena integrado na companhia do Teatro Experimental de Cascais, na peça «Despedimento sem justa causa».
«Sete-ponto-sete» cumpriu o seu (agradável) dever de o ir ouvir.
DL — No decorrer dos dois últimos anos, estiveste no Inatel e quase não trabalhaste no teatro, que é, quer tu queiras, quer não, a tua profissão.
RP — Sem sombra de dúvida.
DL — Porque é que tu saíste do Inatel?
RP — Precisamente porque a minha profissão é o teatro. Aceitei ir para o Inatel por entender que era meu dever fazê-lo, mas disse logo que só estaria um ano. Como sabes houve um inquérito às actividades do Inatel e eu entendi que tinha de esperar pelos resultados antes de sair, por motivos evidentes. Assim que os resultados foram tornados públicos e que nos passaram, oficialmente, um atestado de honradês, pedi para ser substituído. É o que tu dizes — a minha vida é o teatro...
DL — Nestes dois últimos anos...
RP — Nestes dois últimos anos, artisticamente, fiz duas peças na Televisão e comecei um filme que não acabou — «A Recompensa». Não piso o palco desde Novembro de 1974, que foi a data em que saiu de cena a peça «Português, escritor, 45 anos», do Bernardo Santareno. Quero que isto fique bem claro: saí do Inatel única e exclusivamente porque quero voltar à minha profissão.
DL — Qual é a tua posição no Teatro Experimental de Cascais?
RP — Fui contratado para encenar a peça e para representar um papel.
DL — Fala-nos da peça...
RP — É uma peça argentina, chamada «Despedimiento corriente», a que demos o título de «Despedimento sem justa causa», por entendermos que esse título correspondia, em português, à ideia do autor, um argentino chamado Júlio Maurício. Quando o Teatro Experimental de Cascais, que agora é uma cooperativa, me convidou para encenar uma peça, indiquei três — uma delas era portuguesa — e a companhia escolheu esta por lutar com grandes dificuldades financeiras que esta encenação não iria agravar. Trata-se duma peça facilmente posta em cena em qualquer sítio, que envolve poucos actores.
DL — É, portanto, uma peça naturalista.
RP — É uma peça realista, o que não é bem a mesma coisa.
DL — Como é que te chegou às mãos?
RP — Quando fui membro do júri da Casa das Américas, em 1972, em Havana, demos o prémio à peça «João Palmieri» e três menções honrosas a três outras das quais esta é uma.
DL — Mas nunca a puseste em cena cá...
RP — Isto passou-se em 1972 e, nessa altura, era impensável fazê-lo.
DL — Estás, portanto, contente...
RP — Sem sombra de dúvida.
DL — Quem mais entra na peça?
RP — A Maria Albergaria e a Isabel de Castro, o Santos Manuel, o António Marques, o João Vasco, o António Feio, o Fernando Gomes, o Franklin e o Carlos Moura.
DL — Quantos espectáculos dão vocês no Barreiro?
RP — Três, um na sexta, outro no sábado e o último no domingo. Depois vamos à Siderurgia, a Almada, ao Seixal e vários outros sítios. Vamos, inclusivamente, a Alpiarça no dia 5 de Outubro.
DL — E depois?
RP — Depois teremos uma curta paragem e voltamos a Cascais onde não apresentamos a peça imediatamente porque há um problema de obras no teatro.
DL — Oue vais fazer depois desta peça?
RP — Temos a peça colocada até ao dia 8 de Outubro. Depois disso vou colaborar com o José Viana, em Almada. Está a organizar-se uma companhia profissional em Almada e tenciono ficar por lá a colaborar com o José Viana. Isto não quer dizer que não faça outras coisas. A partir de agora quero colaborar com companhias independentes — não quero fixar-me numa só.

NANCY-76: LUZES E SOMBRAS DE UM FESTIVAL DIFERENTE

Para um espectador português que, por razões óbvias, não é frequentador assíduo dos inúmeros festivais de teatro que ao longo deo ano se realizam em vários pontos do Mundo, o juízo sobre um encontro como o de Nancy não pode deixar de ser marcado por um maior subjectivismo. Pesarão nele, de forma mais evidente, tanto aquilo a que o crítico está habituado a ver (no nosso caso, o teatro da casa) como aquilo que lhe chega apenas através da leitura (os vários «Travail Théatral» que vai consultando). Daí a tendência, talvez inevitável, para sobrevalorizar umas coisas e subvalorizar outras; daí um maior interesse por umas do que por outras coisas. Confronto de experiências, feita de exibicionismos, encruzilhada de lugares-comuns e de novidades — este Festival Mundial de Teatro foi para nós ao mesmo tempo rico e decepcionante. Rico porque nos permitiu ver ao vivo — que é a única maneira decente de conhecer — artistas e trabalhos de cuja importância só de ouvido sabíamos. Citaremos apenas dois exemplos: o Teatro El Campesino (Califórnia — U.S.A.) e Dairo Fo (Itália). Decepcionante por razões várias: pelo facto de alguns dos espectáculos não nos parecerem dignos de um festival destes; pelo falhanço da organização; pela pobreza dos colóquios; pela ausência de um público popular e pelo comportamento de parte do público habitual.

Tentaremos deslindar com a possível paciência os fios um bocado emaranhados desta malha complicada que foi o Festival, mas antes disso referiremos rapidamente alguns espectáculos a que assistimos e que não incluímos nas três crónicas publicadas no «DL».

DO SIMPLES AO COMPLEXO

Um dos espectáculos mais curiosos do Festival — pelos contrastes nele estabelecidos — foi apresentado no auditório ao ar livre do «Parque de la Pipinière». A 1.ª parte estava a cargo de um grupo francês, Blaquebolle, cujo trabalho principal é o de animação feita nos lugares mais diversos mas principalmente na rua. Os actores (oito rapazes e uma rapariga) são ao mesmo tempo músicos e «clowns». Trabalham num espaço criado simplesmente por um tapete quadrado rodeado pelo público. Antes do início do espectáculo, o grupo percorre as imediações tocando e chamando a atenção dos transeuntes. E invergando fatos espalhafatosos e com uma maquilhagem muito colorida, o grupo executa números simples nos quais existe uma grande margem de improvisação, números constantemente entrecortados por trechos musicais alegres, por vezes revolucionários (de salientar os trechos de Nino Rota, do filme de Fellini «A Estrada»). Utilizando formas lineares, o espectáculo do Blaquebolle parece dirigir-se mais às crianças do que aos adultos. Os intérpretes espalham-se por entre o público, dialogam com ele (observámos diálogos com crianças que ripostavam com um humor que nada ficava a dever ao dos artistas), lutam, brincam, criando, aparentemente com grande espontaneidade, jogos divertidos mas dos quais não está ausente o sentido crítico (relações cidadão-polícia, por exemplo). Sem ir muito longe nas suas propostas de invenção cénica e de intervenção crítica, este espectáculo não deixou de ter algum interesse.

A 2.ª parte foi constituída pela intervenção de um grupo italiano — Teatro di Ventura — que apresentou um espectáculo sem palavras que ao contrário do francês era de uma grande complexidade de formas e resultava de uma investigação em profundidade da expressão corporal e musical. «Baraballo — o breviário dos saltimbancos» é bastante mais sofisticado do que o título pode dar a entender como se pode verificar pela apresentação do espectáculo feita pelo grupo: «Um grupo de actores dança a história das invenções e das descobertas que realizou no início de uma reflexão sobre a sua identidade social, profissional e humana. Os saltimbancos, mimos, actores, «clowns», cómicos e dançarinos são vagabundos que vão de praça em praça, de festa em festa, dançando o seu próprio breviário, procurando encontrar, ou por vezes recreando, uma possibilidade de comunicação com o mundo dos espectadores, quer dizer o mundo socio-histórico de que eles próprios se encontram banidos.

O destino dos saltimbancos é com efeito serem marginalizados embora defendendo, e para todos, a necessidade, que está longe de ser primária e dança, da música, do jogo. A dança conserva as características da origem: o ritual da acção do corpo sobre o Mundo, o valor de uma linguagem física, contemporânea, das coisas; liberta da necessidade de se exprimir pela palavra, é o signo de uma libertação mais geral de uma sociedade baseada na troca verbal».

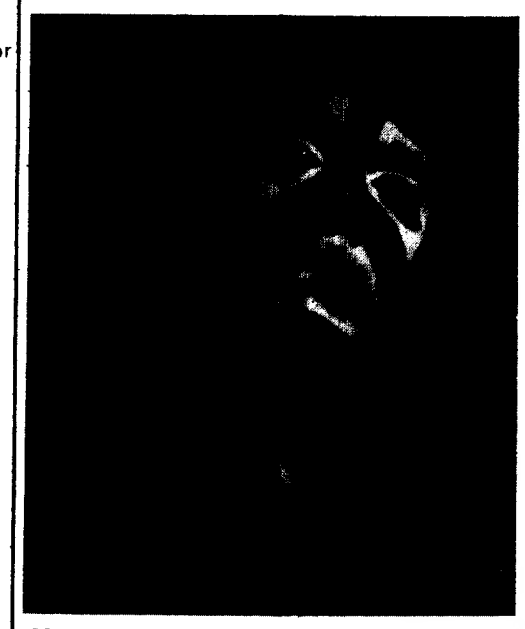
Mais do que um espectáculo — embora também o seja, e de qualidade — Baraballo é constituído por material para um espectáculo possível que aproveitando os signos criados — de uma grande riqueza cénica — os transforme num sistema coerente e significativo. Atrás deste grupo estão algumas experiências importantes, a principal das quais será a do Teatro Odin que un discípulo de Grotowski, Eugénio Barba, dirige na Dinamarca. Com efeito, o encenador foi, por sua vez, discípulo de Barba com quem o grupo mantém ligações estreitas tendo até sido convidado a participar no laboratório internacional dirigido por Eugénio Barba, integrado no Festival do Teatro das Nações e que decorre actualmente em Belgrado.

As experiências do grupo situam-se, a julgar por este espectáculo, a três níveis: nível musical, o que leva o grupo a dispor de um impressionante painel de instrumentos, alguns tradicionais e outros certamente inventados pelo grupo; a nível de dança, mímica e expressão corporal, em que todos os elementos do grupo demonstram grandes capacidades tanto no que se refere ao movimento e ao ritmo como à criação de uma escrita coreográfica original; a nível do jogo em que utilizam por vezes o próprio corpo, e outras vezes os instrumentos musicais ou outros objectos (panos, facas ou penas), ou ainda objectos mimados. O espectáculo é constituído por uma série de números em que um ou mais actores vão criando sucessivamente através da música, da dança, da mímica, da expressão corporal, da voz, formas abstractas por vezes de grande beleza, por vezes de grande impacto físico, quase sempre com grande intensidade dramática (e quando esta falhava, o espectáculo falhava também). A utilização de máscaras, os aspectos mágicos de que por vezes o espectáculo se revestia, a música, evocavam, em alguns momentos, o teatro japonês e, noutros, aspectos de rituais africanos.

Dançarinos, «jongleurs», mimos, actores,

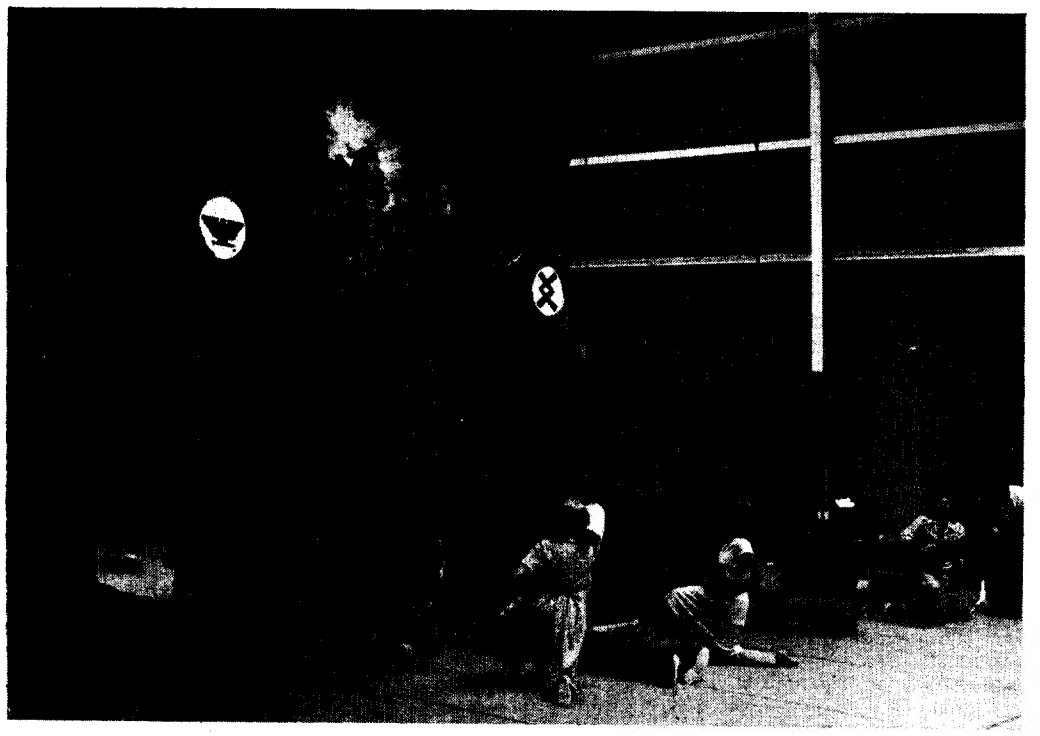
Continua na pág. 10

Hans Schwab; o «clown» suíço.



Maclona: o «clown» francês»

Dario Fo: um artista na sociedade



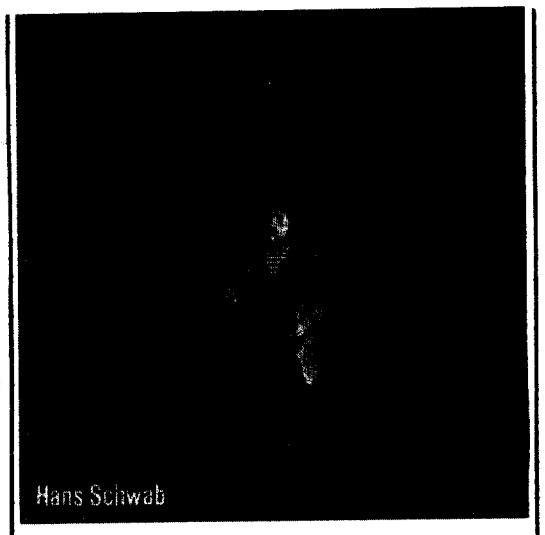
Teatro El Campesino: uma função estética e social

Continuação da pág. 9

músicos, os artistas italianos realizam qualquer coisa que tem a ver com o teatro e, de certo modo, o ultrapassa. Os impressionantes domínios técnico das capacidades de expressão corporal (incluindo a voz), a capacidade de invenção fazem o resto: um espectáculo que por vezes nos pareceu excessivamente lento mas nos deixou fascinados (com os perigos que a palavra comporta!).

A SOLIDÃO DO TRAVESTI

Leopold Mastelloni é napolitano. O seu espectáculo situa-se no espaço da total ambiguidade: mudando de registos vocais e físicos com motável facilidade, L.M. passa à frente do público e instantameamente do personagem masculino ao travesti e deste a qualquer doisa de andrógino. Essa multiplicidade de expressões implica um grande domínio não apenas técnico mas também psíquico do processo dramático. O espectáculo deste actor tem dois elementos que são fundamentais para o nível atingido no sem jogo (e que são muitus vezes desprezados neste tipo de teatro): a luz e a música. A hábil utilização destes dois elementos (a banda sonora é extremamente rica, apoiando-se muito na música de Kurt Weill que L.M. canta sem utilizar o versos de Brecht) ajuda o actor a criar metamorfosas que já referimos. Um outro elemento a acrescentar: o guarda-roupa. O actor passa desse modo da grande dama da prostituição à mulher que vende o corpo para pagar o pão, tendo como pano de fundo o quadro social de um país que caminha para o fascismo. Espectáculo político, «Le Pierrot Dissolu» é-o não apenas pelos elementos directamente políticos que contém (referências à Igreja e ao Estado) mas também pela tremenda carga de solidão que a personagem — complexo de muitas personagens — carrega aos ombros. Essa solidão explode silenciosamente no final, num momento de teatro de que só um grande actor seria capaz.


Hans Schwab

Teatro Libero: À maneira de Ponconi.

VIAGEM DO COMBOIO FANTASMA

A primeira ideia que nos surgiu perante o espactáculo apresentado pelo grupo «4 Litres 12 » foi a de que a coisa não podia ser francesa. Tratava-se na verdade de um espectáculo demasiado louco, inventivo e insólito para ser conciliável com as regras de bom comportamento a que o teatro francês cartesianamente obedece. O grupo (que até é de Nancy) é dirigido por Michel Marré que trabalhou durante dois anos com Grotowski, criou no Gabão um grupo de investigação teatral e foi assistente de Jan-Marie Seareau, e tem apresentado alguns textos importantes do teatro contemporâneo.
Devemos dizer que por detrás do humor e do fantástico deste espectáculo está o texto de um dos maiores dramaturgos do século: o polaco S.I. Witkiewicz. Sendo certo que a peça — intitulada «Uma Locomotiva Louca» — foi sujeita a uma forte adaptação nem por isso o espírito do autor deixou de estar presente — e de que maneira!
Devemos dizer que estes espectáculo não se descreve: trata-se de uma viagem fantástica e fantasmática de um comboio em que os maquinistas são deuses suicidas que transformam os passageiros — representantes típicos da pequena e da média buruguesia — surgiam subvertidos até às últimas consequências. Pesadelo burlesco, eis como o espectáculo se apresenta. Pesadelo de uma sobriedade irremediavelmente perdida, atacada naquilo que tem de mais frágil: o cómico das suas convicções (falsas) e das suas crenças) fingidas). No final, tudo se esboroa: a queda do cenário é o fim daquele mundo de «clowns». Lamente-se que esse final não tivesse resultado como o encenador desejaria por dificuldades técnicas no que se referiu à construção — ou melhor, destruição — do cenário. De qualquer maneira: um espectáculo estrondoso (é o termo).

O CADÁVER E AS LÁGRIMAS

No palco, à frente de uma máquina de escrever, uma mulher chora. Escreve à máquina e chora. À esquerda dela, um caixão. Atrás, montes de caixas de papelão. Sob a mesa uma garrafa (aguardente?); uma ou duas cadeiras. A mulher dactilografa um longo, infindável romance cujo original o misterioso autor lhe envia pelo correio (de vez em quando uma caixa cai no palco). No caixão, está o cadáver do marido. mulher prometera-lhe trabalhar até conseguir arranjar dinheiro para lhe pagar um funeral «como deve ser». A mulher está apaixonada pelo cadáver do marido; está apaixonada pelo romance; está apaixonada pelo autor do romance. Ao longo do espectáculo, assistiremos ao desmoronar implacável das suas ilusões: o cadáver do marido cheira mal (até uma vizinha se queixa); o romance é um amontoado de lugares-comuns; o misterioso autor é um imbecil que se recusa a pagar o dinheiro de que ela necessita desesperadamente. Na última cena, ouvimos o autor a bater com violência à porta, e vimos a mulher à sua espera empunha do uma faca num gesto implacável.
A peça — «La Frappe», de Vicor Haim — com o cheiro a Ionesco e a Kafka não vai muito longe. A intérprete — Stéphanie Loik — vai bastante longe. A sua criação chega a comover-nos, de tal forma e com uma tão grande simplicidade de processos consegue tornar plausível uma personagem pouco interessante sob o ponto de vista humano que vive um conflito demasiado limitado e situações teatralmente convencionais.

O PEQUENO CIRCO, O GRANDE ALFREDO

Falava-se à boca pequena: já tens bilhetes para o Circo Alfredo? Poucos eram os felizardos em relação aqueles que queriam ver o Circo Alfredo. Por isso, o demasiado pequeno circo checo, instalado no «Parque de la Pipinière», tinha o dobro de espectadores que deveria conter (uns 200 lugares sentados). Um êxito total. Um espectáculo empolgante. Apenas três artistas e um técnico, além de alguns ajudantes. Que artistas e que técnicos! Se os leitores quiserem um paralelo aproximativo, falar-lhes-emos dos irmãos Marx: o tipo de humor utilizado pelos artistas checos identifica-se, no que se refere ao grão de loucura que marca alguns dos seus «gagas», com os geniais «clowns» do cinema. Dois dos números apresentados exigiam uma colaboração técnica perfeita para resultar: por isso, colocámos o técnico de luz e som ao lado dos «clowns». Tratava-se de números baseados na luz e no som, respectivamente. A partir de um halo de luz e de um ruído, os palhaços estabeleciam os jogos mais espantosos. Mas o número principal do Circo Alfredo tem como base um grande rolo de papel que atravessa a cena e está colocado talvez a dois metros do solo. Com esse enorme rolo, os palhaços checos inventam coisas que não lembram ao diabo. Esse número é uma sucessão que parece inesgotável de «gagas», cada um deles mais cómico e surpreendete: o papel é avião, aparelho de televisão, árvore de Natal, bola de futebol, lençóis, despertador, alteres, pincel da barba, capa de toureiro, granada, metralhadora, cortina de boca, ramo de flores, toalha, piscina, mar, gôndola, foguetão, luz, e por aí fora. Aqui está um espectáculo que era preciso trazer a Portugal.

TEATRO E PROVOCAÇÃO

Veio da RFA o mais provocatório dos espectáculos apresentados em Nancy (onde foram numerosas as provações ao público): o «Freies Theater», de Munique, que apresentou o «O Nosso Valentin», referência ao célebre artista Karl Valentin de quem Brecht foi, como se sabe, grande admirador. Aproveitando e recriando «sketches» escritos pelo próprio Valentin e criando outros, dentro do mesmo espírito, o «Freies Theater» criou um espectáculo de grande poder corrosivo, cheio de imagens fortes (por vezes demasiado fortes para os nosso hábitos), saudavelmente irrespeitosos, de uma constante inventividade. Com este espectáculo, o grupo conseguiu de facto incomodar os espectadores, coisa que muitos pretendem mas não conseguem, pelo contrário. A utilização de personagens agigantadas, disformes (autênticos ubus), o tremendo poder de comunicação de um espectáculo cujo texto, certamente importante, nos escapa, a constante provocação do espectador (os actores têm atitudes fisicamente agressivas, e numa cena um deles passeia-se completamente nu entre o público pelo qual exige ser tocado), os sinais críticos utilizados (um dos números parece ser a desmontagem paródica de Joana d'Arc, e as instituições sagradas como a Igreja, as forças militares, a burguesia, são frequentemente atacadas) fazem deste espectáculo uma experiência importante.
A qualidade dos intérpretes, a cuidada elaboração do discurso cénico, a passagem do paródico ao emocional são elementos definidores de um grande espectáculo de «cabaret». No final, depois da sala ter sido invadida por nuvens e nuvens de fumo espesso, uma planta e um quadrado minúsculo de terra. Essa desmistificação do espectáculo é um dos seus momentos mais belos. Sobre ondas gigantescas os actores aguardam em cena que o público se retire o que este só faz depois de longos aplausos.

BALANÇO PROVISÓRIO

Muito fica por dizer de um festival quantitativo e qualitativamente importante. Vimos ainda dois espectáculos («À Procura de Arlequim», pela Cooperativa di Teatro Populare, e «As Aventuras de Tabarin», pelo «Théâtre Mobile», de Genebra) que de momento deixaremos de lado; vimos exposições de máscaras, e de gravuras de Jacques Callot; assistimos a colóquios pouco interessantes, vimos exercícios muito mais interessantes dirigidos por Augusto Boal e Luís Valdez, sem falar de uma demonstração do teatro de Bali. Tudo isto foi o Festival de Teatro Cómico Popular de Nancy.
Não se pode dizer que o Sol tenha brilhado em todo o seu esplendor em Nancy mas podemos dizer que brilhou o suficiente para dissipar as sombras mais espessas.
A organização deixou muito a desejar: e de tal maneira que a directora artística que assumira pela primeira vez a função deixou já o cargo; o Festival, como já demos a entender, não foi nem tão cómico nem tão popular como prometia; e sobretudo não atingiu o público que devia atingir. No entanto, e de uma maneira geral, os «cómicos» que foram a Nancy cumpriram o seu dever.
Durante uma semana pudemos contactar com formas diferentes de espectáculo as quais ampliaram as nossas perspectivas e ajudaram-nos a conhecer melhor a extensão da nossa ignorância.
E, por alguns momentos, divertimo-nos muito a sério: nos tempos que correm já não é nada mau.

CINE/PONTO

Esta semana, no Caleidoscópio, Tarzan regressa do jardim do nosso passado nevoento para o presente da nossa (ainda) possível disponibilidade e fascinação. Tarzan mas, claro, o verdadeiro, o do Johnny Weissmuller (que hoje, pelos setenta de idade, se passeia, gordão e mais canastrão que nunca, pelos festivais e pelas últimas luzes dos projectores). Os filmes a passar serão: «A Fuga de Tarzan» de Richard Thorpe (1936), «O Tesouro de Tarzan» de Rhicard Thorpe (1941), «Tarzan em Nova Iorque» de Richard Thorpe (1942), «Tarzan e as amazonas» de Kurt Newman (1945) e «Tarzan e a mulher leopardo» de Kurt Newman (1945). Os três primeiros têm a Maureen O'Sullivan na Jane («me Jane you Tarzan») enquanto os dois restantes apresentam uma substituta que não ficou na mitologia nem na memória, Brenda Joyce.
Para quem julgue que os anos 30/40 e estes filmes têm o rosto da inocência sempre se adiantará que a figura de Tarzan não é tão inocente como isso e que, entre o bom selvagem e a prova da superioridade do branco em negro continente, a segunda hipótese parece ser a que melhor se adequa.
Além disso basta olhar para a fotografia acima para se demonstrar, cabalmente, um potencial erótico neste cinema, que nem os elefantes conseguem disfarçar. Um aspecto da questão que, por cá, ninguém ainda ousou abordar.
O leitor, esta semana, pode tentá-lo com cinco bons exemplos para exercitar a atenção e o poder de análise. Como diria um nosso camarada da crítica, vá e estabeleça uma relação libidinal com o «écran». Sem segundas intenções.

SALÒ OU OS 120 DIAS DE SODOMA
de Pier Paolo Pasolini
(Itália - França - 1975)

Estar por ou contra este filme é mais fácil que tentar compreendê-lo. Preenchido pelos fantasmas mais abjectos do nosso ódio, **Salò** é talvez o filme mais violento que a burguesia teve de encaixar desde que o cinema é cinema. Porque de violência, de desordem, de caos se trata (supremo retrato de todo o Poder), Pasolini busca aqui um milimétrico rigor onde o seu olhar

glacial assume por vezes o carácter insuportável da punição. Onde senhores e vítimas se confundem porque duas faces indissociàveis de uma mesma instituição.
CINEMA MUNDIAL
(interdito a men. 18 a.)

A GRANDE CORRIDA À VOLTA DO MUNDO de Blake Edwards
(USA - 1965)

Na esteira das reposições em 70 m/m que o Império está a promover (diz-se que na tentativa de reconquistar um público que, na esteira da mediocridade reinante, se tem afastado daquela sala e até dos espectáculos cinematográficos) cabe agora a vez desta película de Blake Edwards. Numa comédia que fez carreira, com um Jack Lemmon num dos melhores momentos da sua filmografia, muitos gags hoje célebres (um deles é, curiosamente, retomado pelo Grupo 4 no «Círculo de Giz Caucasiano) e uma forte dose de espctáculo visual.
CINEMA IMPÉRIO
(Grupo B - 10 anos)

DOZE INDOMÁVEIS PATIFES de RObert Aldrich (USA - 1967)

Representar a violência e mostrar que todas as formas de violência são igualmente sujas é um propósito que, para lá de um vaguíssimo pacifismo, denota um evidente processo de assimilação das diversas motivações dessa violência a um único conceito abstracto e universalmente. Mal talvez menor de uma película cujo único fito é a representação de um conceito cujas únicas **nuances** estão na diferenciação da violência institucional daqueloutra que nasce da simples (?) raiva, frontal, demolidora. Treze actores memoráveis para uma obra onde alguns observam um declarado pendor militarista; questão para nós em aberto.
CINEMA BERNA
(não ac. men. 13 a.)

YAKUZA de Sydney Pollack
(USA - 1974)

É possível, e até fácil, compôr sobre este filme um discurso com tonalidades de pequena esquerda, e afirmar na passada que o que aqui está em jogo é o choque de duas civilizações , dois códigos de honra e aí por diante.
Possível também é porém tentar proceder a uma análise dos materiais que o fromam e procurar preenchê-los do seu hipotético significado e da sua função narrativa. Peque-se por onde se pegar o resultado é o progressivo esvaziamento de um filme onde tudo serve para dar a ilusão que mexe mas nada mexe verdadeiramente.
CINEMA APOLO 70
(não ac. men. 18 a.)

OS GLORIOSOS MALUCOS DAS MÁQUINAS VOADORAS de K en Annakin
(USA - 1965)

Um certo chauvinismo, aliás bem elaborado, em que o bom é o americano e os restantes um pouco ridículos, para um argumento que vive dos tiques de cada nacionalidade e de alguns **gags** sobretudo visuais. Uma comédia superproduzida a merecer um pouco de atenção; mas não demasiada.
CINEMA ALVALADE
(Grupo B - 10 anos)

CHAMADA PARA A MORTE de Alfred Hichcock
(USA - 1953)

Ver ou rever um filme de Alfred Hitchcock, uma das mais velhas e sabidas raposas do cinema, não é oportunidade que se perca.
Sobretudo esta história de um crime quase perfeito com uma Grace Kelly antes de princesa. Sobretudo quando o panorama dos filmes em primeira mão é mais que desanimador.
CINEMA ESTÚDIO 444
(não ac. men. 13 a.)

MASH de Robert Altman
(USA - 1970)

Em pleno vulcão vietnamita, um filme que tenta demonstrar que a guerra pode ser divertida se levada pouco a sério. Entre dois tiros e um massacre nada como uma boa gargalhada... Para resumir, eis um filme rigorosamente sinistro.
CINEMA QUARTETO - SALA 3
(não ac. men. 13 a.)

QUEM TEM MEDO DE VIGINIA WOOLF? de Mike Nichols
(USA - 1966)

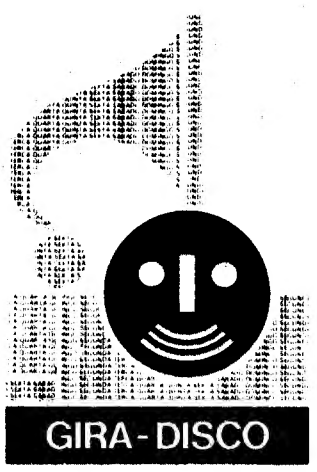
Numa sociedade matriarcal, em desagregação que só é moral para quem não veja que se trata antes de um desmoronar de mitologias, sustentáculo de um quotidiano que não tem, por si, alicerces que sirvam. O teatro americano, de Tenesse Williams a Miller ou, no presente caso, Edward Albee, sempre deu dessa desagregação uma expressão correctíssima que, aqui, encontrou em Nichols um realizador à altura e deu a quatro actores uma oportunidade que eles não deprezaram.
CINEMA QUARTETO - SALA 2
(não ac. men. 18 a.)

POUCO A POUCO de J ean Rouch
(França - 1970)

Sabe-se, antecipadamente, os nomes feios que se irão chamar a Rouch, o menor dos quais será talvez o de racista. Para um filme que, por uma vez, olha a sociedade francesa e os seus tentáculos ideologicos neocoloniais com um humor desarmante e uma incomparável lucidez, epítetos apressados serão, seguramente, um dos méritos deste filme invulgar de um cineasta-etnólogo invulgar.
Uma obra que é necessário discutir. Com a inteligência bastante.
CINEMA QUARTETO - SALA 1
(a partir de 2.ª feira)

CHOVE EM SANTIAGO de Helvio Soto (França-Bulgária-1975)

Este filme parte de dois equívocos (políticos): a) De que o cinema, para ser realista, deve copiar a realidade (como os macacos) e por isso necessários são tanques, recontituições de La Moneda e sósias de Pinochet; b) a de que a História é obra de generais e deputados, partidos e presidentes e o povo lá ao fundo a segui-los quando não a, simplesmente, assistir ao espectáculo do poder. Dois equívocos de um filme que reduz a tragédia chilena ao melodrama e aos jogos de cúpula, para além de um execrando fatalismo pequeno-burguês que a preenche de fio a pavio. Porquê, então, defender um filme que em nenhum momento da sua formulação é revolucionário e nem sequer bem feito?
CINEMA NIMAS
(não ac. men. 18 a.)



«Os estilo de Corea ao piano é polissegmentário. Entendo por segmentos os conjuntos de notas ou sons que se encadeiam em figuras lineares. A conjunção caleidoscópica desses segmentos múltiplos distingue o estilo de Corea de qualquer pianista __ as influências de Bartok ou Sockhausen, bem como de Cecil Taylor ou Bill Evans são reconduzidas, a expressão de lirismo peculiar e duma violência premeditada. Ao piano eléctrico excluído o soberbo jogo de pedais, é o aspecto melódico que toma lugar principal».

Jorge Lima Barreto

Este nome certamente, é já vosso conhecido «descoberto» pelo trompetista Miles Daves,Corea, é hoje, um dos grandes pianistas compositores do Jazz moderno, ao lado de Keith Jarrett e de Herbie Hancock.
Chick Corea começou a sua carreira com Miles Dives, com o qual gravou o duplo album «M.D. al Filmore» ao lado de Keith Jarrett (piano) Dave Holland (baixo) Jack de Johnette (bateria) Steve Grossman (sax-soprano) e Airto Moreira (percussão), para além, claro está, de Miles Dives (trmpete). Depois de abandonar o grupo de Miles, Corea tocou juntamente com grandes nomes do jazz. Formou então um quarteto, que contava com a presença de Anthony Boaxton, Dave Holland e do baterista Barry Atshull (que tinha tocado com o pianista Paul Bley).
Já com uma enorme maturidade ele grava um LP (que desde já vos aconselho) sob o título «Return to Forever», onde aparecem músicos como Flora Porim, Stanley Clark, Airto Moreira. «Return to Forever» iria continuar como o nome do grupo que se seguiria na carreira de Chick. Este novo RTF é formado pelo excelente guitarrista-baixo Stanley Clark e o não menos excelente baterista Lenny White. Estes 3

músicos e ainda o guitarrista Bill Connors gravam o extraordinário trabalho de longa duração, com o nome «Hymn of the seventh Galaxi». Para alem de outros trabalhos onde a figura de Corea aparece, chamamos a vossa atenção para o LP «Cristal Silence» onde Chick conta unicamente com a colaboração do vibrafonista Gary Burton.
Com a data de 1976, é editado o mais recente album deste genial pianista compositor sob o título «The Leprechaun». A uma pergunta feita sobre a escolha do tema central __ «The Leprechaun» __ espírito doméstico muito serviçal, que na Irlanda se julga aparecer de noite para se ocupar dos trabalhos da casa __ Corea responde: «Na verdade, não planeei um álbum sobre o Leprechaun ou qualquer outra figura mágica. Tinha escrito algumas faixas e tinha outras em mente; procurei então um conceito que pudesse ligar tudo. Um Leprechaun é malicioso e prega partida às pessoas. A música do disco é assim: algumas faixas são simples, outras complicaddas, e outras são tão completamente inesperadas que apanham o ouvinte desprevenido».
Neste trabalho de longa duração participám, entre outros, Joe Farrol! (sax e flauta), Edgar «Eddiie» Gomes (baixo) __ natural do Porto Rico, actuou já em Portugal juntamente com o pinanista Bill Evens. A cantora Gayle Moran é uma das grandes figuras do disco. Inserida na segunda formação do grupo Mahavishnu Orchestra de John McLaughlin com Jean-Luc Ponty, ela é a autora do tema «Solf and Gentle» deste novo disco de Chick Corea. Para além destes músicos há ainda a salientar o trabalho do baterista Steve Gadd; músico que desconhecíamos, mas que se apresenta muito seguro e com uma extraordinária movimentação e coordenação explorando as possibilidades rítmicas do seu instrumento.
Corea diz ainda quanto ao disco: «Com o The Leprechaun tento a comunicação através dos tipos musicais de que me sinto mais próximo. E sinto-me perfeitamente à vontade com os diferentes tipos de música deste álbum.
No The Leprechaun o meu papel como compos tor torna-se mais importante do que nas gravações anteriores» e acrescenta: «Esta música é para comunicar com um largo escalão de audiências musicais. Faixas como «Imp's welcome», «Lenore», e «Revarie» serão bem aceites por uma audiencia de jazz; «Nite Sprite» destina-se ao público de jazz-rock; «Looking at the world» e «Solf and Gentle» a um público clássico, rock, pop; e __ bem «Leprechaun's Dream» cobre várias áreas.
O meu desejo é que estas músicas sejam ouvidas por qualquer tipo de pessoas. Espero que gostem».

J. P. Santos Reis

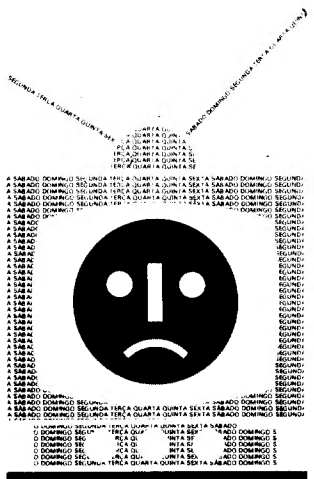
DISCOS RAROS

Hoje em discos raros, apresentar-vos-emos uma pequena referência a um excelente álbum de um grande grupo.
Can __ «Monster Movie»
«Os Can representam o que se faz de mais «audacioso» no rock destes últimos anos e isto para o mundo inteiro»

Paul Alessandrini

Os Can são Holger Czukay (baixo) e Irmin Schmidt (teclas) que vieram ambos da música contemporânea; Jacki Liebezeit (bateria) que era músico de free-jazz; Michael Carol (guitarra) que era músico de rock tradicional.
Neste primeiro álbum do grupo os vocais estão entregues ao bizarro Malcom Moony, que é um cantor sem técnica, mas com um espírito de improvisação prodigioso, que se reflecte com grande insistência no tema «Do right» que preenche todo o lado dois deste excepcional «Monster Movie». Mooney seria substituído, mais tarde, pelo não menos famoso Damo Suzuki.
Schmidt fala à cerca de Mooney: «Sem que tivesse tido, alguma vez, um micro à sua frente, ele tornou-se logo a figura central do grupo, e foi ele que nos deu a ideia de cantar em palco, quando não éramos mais que fabricantes de música de filmes. Malcon decidiu também o nome a dar ao grupo «The Can».
Muito mais há a dizer sobre este grupo alemão, mas isso ficará para uma futura análise num próximo sete-ponto-sete.

J. P. Santos Reis



TV/PONTO

Sábado, 19

I PROGRAMA

14.00 **Telejornal**, com os acontecimentos do dia às vezes ligeiramente «assados» ou «guisados».
14.15 **Hoje pode ver**. A inclusão do verbo «poder» no título do programa dá-nos uma opção: quem não quiser ver, pode desligar o receptor.
14.25 Culinária, um programa verdadeiramente útil a quem tem dinheiro para comprar os géneros alimentícios actualmente à venda. Como há cada vez menos dinheiro para isso, este programa tem cada vez menos público.
15.05 **Aconteceu, acontece**. Coisas da vida...
15.30 **Jovens rebeldes**. Um episódio de uma série americana que descreve os primórdios do que são, hoje, os E.U.
16.30 **Fungará da bicharada**. Não, leitores, não se trata de um programa político, mas sim de mais um filme de Júlio Isidro e dos seus amigos.
17.00 **Cinema de animação**. O programa é dedicado à saúde pública e à melhoria da vida. Recomendamo-lo sem restrições.
18.00 **Campismo**. Tendas, barracas, caravanas, fogueiras, formigas, melgas e o mais que o tema envolve. Transmissão do Porto.
18.30 **Da saúde e da vida**. Depois do «cinema de animação, que é dedicado à saúde e à vida, é possível que o telespectador esteja farto do tema. O remédio é simples: deslique o receptor.
18.55 **Stop**. Joaquim Filipe Nogueira conversa, em família (a família automobilística) sobre acidentes, choques etc. Atendendo a que há cada vez mais desastres, é de ver.
19.10 **Gente do amanhã**. Telepatas jovens em aventuras mais ou menos estravagantes. Bom para quem gosta, mau para quem não gosta.
20.00 **Documentário**. Um documentário muito bem documentado sobre um tema que desconhecemos.
20.30 **Telejornal**. 1.ª edição, revista e aumentada do Telejornal das 14.00.
21.00 **Jogos sem Fronteiras**. Ao contrário do que o nome parace indicar, não se trata de um filme erótico, mas sim de um filme perfeitamente adequado a criancinhas de todas as idades. Desta vez, os jogos são na Holanda, mas há brincalhões de diversos países.
22.05 **Em debate**. Vale sempre a pena debater quando a alma não é pequena.
23.15 Ultima edição do Telejornal.

II PROGRAMA (UHF)

20.00 **Concerto**. A banda da GNR em acção (musical, felizmente)...
20.30 **Mulher da Beira**. Um clássico do cinema mudo português.
22.10 **Telejornal**

Domingo 20

I PROGRAMA

12.00 **Missa de domingo**
12.40 **Da vida e do povo**

13.10 **No jardim zoológico**. Programa infantil com vista de vários jardins zoológicos europeus. Óptimo para adultos que gostem de animais domésticos como leões, hipopótamos e crocodilos.
13.35 **Desenhos animados**. Para adultos e crianças de todos os sexos e de todas as idades.
14.00 **Telejornal I**. Notícias fresquinhas, acabadas de fazer, para quem gosta.
14.15 **Hoje pode ver**. O que vai ver ou não ver duante o dia e a noite.
14.30 **Corrida de toiros**. Toiros, toureiros, faenas e o mais que há quando os toiros encontram os toureiros.
15.15 **Folclore**.
15.45 **Num abrir e fechar de olhos**. Um filme produzido em 1958 por Henry Cornellius.
17.30 **Presença do Brasil**. Um programa de Reinaldo Varela, José Coelho e Oliveira Pinto. A vida e o povo do Brasil.
18.00 **Hoje há palhaços**. Uma rubrica para crianças e criancinhas.
19.00 **Heidi**. Para quê apresentar este programa?
20.00 **Os goodies**. Em nosso entender, o melhor programa actualmente na televisão. É de ver, é mesmo de ver.
20.30 **Telejornal 2**. Mais notícias, fesquinhas ou repetidas conforme o que tiver acontecido.
21.05 **Telefutebol**. Um jogo deste domingo (ou de outro) para entreter quem gosta de futebol e para adormecer quem não gosta.
21.45 **Vidas perdidas**. Episódio de uma série extraída de um romance de Arnold Bennet.
22.45 **Música e silêncio**. Uma coisa e outra são agradáveis.
23.00 **Telejornal**.

II PROGRAMA (UHF)

20.00 **Foi êxito na TV**. Um episódio do Kung Fu, aquele cavalheiro que se senta nas dunas e besunta os pés com um refrescante qualquer.
21.00 **Saravah**. Música brasileira.
23.00 **Cinema de animação**. Continuação da retrospectiva sobre o desenho animado jugoslavo

Segunda, 21

I PROGRAMA

19.00 **A pedra branca**. Mais um episódio desta série que tem alguns adeptos.
19.25 **Teledesporto**, um programa em que se fala de desporto, num tom grave que seria mais apropriado a outros temas.
20.00 **O povo e a música**. Transmissão dos estúdios do Porto.
20.20 **Telejornal**. Como ao domingo, os políticos descansam, é de prever que haja poucas notícias à segunda-feira. É um descanso.
21.05 **Momento político**.
21.30 **Motim no Caine**. Um filme produzido pela ORTF. Realização de Georges Folgoas com interpretações de Jean Mercure, Raymond Cover, Kerien e François Darvon nos principais papéis.
23.15 **Telejornal**. Como os políticos, à segunda, já trabalham, é possível que este telejornal tenha mais notícias.

II PROGRAMA (UHF)

20.00 **Das artes e ofícios**
20.30 Uma série filmada para entretar toda a gente.
21.30 **Telejornal**. Edição transmitida no I Programa às 20.30.
22.00 **O «Tatu» militar de Edimburgo de 1976**. Soldados e mais soldados fazendo manobras e mais manobras enquanto os telespectadores (que não têm nada a ver com aquilo) dormem nas suas cadeiras.
23.00 Fecho.

Terça, 22

I PROGRAMA

19.00 **A Pedra Branca**. Mais um episódio desta série que nunca mais acaba.
19.25 **Corpo musical**
20.00 **Com todas as letras**. Um programa literário que por vezes tem um certo interesse.
20.30 **Telejornal**. Se não tiver havido cheias, terramotos e discursos compridos, não tirará o sono a ninguém.
21.05 **Histórias de amor**. Uma história complicada mas mais realista do que a maioria dos filmes de amor.
21.15 **Final do Campeonato do Mundo de Hóquei em Patins**. Com se trata apenas do final do campeonato, é de ver.
23.30 **Telejornal**

II PROGRAMA (UHF)

20.00 **Vickie, o vicking**. Desenhos animados, normalmente divertidos.
20.25 **Folclores português**. Os sargaceiros da Apúlia apresentarados pelo Tomás Ribas, que não é sargaceiro nem da Apúlia, mas que talvez não nos adormeça.
20.55 **Judeus em Portugal**. Uma breve história dos judeus no nosso país. Oxalá não se esqueçam de falar na Inquisição...
21.30 **Telejornal**.
22.00 **Sou livre!** Um progrma da televisão belga, em homenagem a Pablo Neruda, que recomendamos a todos.

Quarta-feira, 23

19.00 «A Volta ao Mundo em 80 dias». **Um episódio desta série que sabemos ter muitos apreciadores. O que nós dávamos para dar uma voltita ao mundo...**
19.25 Documentário. **Se o leitor quiser documentar-se não perca a ocasião.**
20.15 Telejornal
21.05 A sua melhor missão. **Um filme realizado por Charles Bracket em 1948. Mesmo velhinho, é capaz de ser visível.**
23.05 Telejornal. Mais um.

2.º Programa (UHF)

20.00 Roman Holidays. **Desenhos animados.**
20.30 Fonteiras do amanhã.
21.00 «Sweeney». **Um filme policial inglês bruto e violento — excessivamente violento — que, apesar de tudo, entretém.**
21.55 Telejornal. **Se viu o das 20.30 no I Programa, não veja este.**
22.25 Sabe que há um museu em Ponta Delgada? **Se não sabe, fica a saber.**

Quinta, 24

I Programa

19.00 Filmes infantis
19.30 TV Palco. **Igrejas Caeiro comenta e deixa comentar o que se passa no mundo o teatro. Atendendo a que vai abandonar o programa, é natural que seja uma das últimas vezes que aparece.**
20.30 Telejornal
21.00 Momento Politico.
21.30 Série filmada ainda não anunciada.
23.00 Telejornal

II Programa

20.00 «Regador Mágico». **Um senhor muito pequenino metido em aventuras estúpidas por não entender as ordens que lhe dá o dono. Vê-se.**
20.30 Em toda a parte aprendemos.
21.00 Os meus filhos. **Uma produção da TV Globo.**
22.35 Telejornal.

Sexta-feira, 24

I Programa

19.00 «A Volta ao Mundo em 80 dias»
19.25 Encontro.
20.00 Momento desportivo.
20.30 Telejornal.
21.05 Terra a terra, minha gente.
20.00 Pipi das meias altas.
20.30 Histórias de amor.
21.30 Telejornal.

Palavras cruzadas

HORIZONTAIS:

1/20 É a primeira «Matadora» Mundo; 7 Chamam-lhe o «principe» do futebol português; 10 Tresloucado; 11 Cobalto (s. q.); 12 Abreviatura da palavra inglesa mister (senhor); 13 Senhor; 14 Cânhamo de Manila; 15 Prefixo de negação; 16 Comovera; 19 Mulo; 23/43 O costureiro americano Blackell disse que esta loira actriz foi uma das mais elegantes de 1974; 26 Bário (s.q.); 27 Serra de Portugal; 28 Um dos Estados do Brasil; 29 Macaco americano; 32 Quwlquer porção de uma curva,; 33/45/75 Romancista português autor da obra-prima «Amor de Perdição», escrita em 15 dias de exaltação e de febre; 35 Doutor; 36 Casta de uva minhota; 37 Invulgar; 40 Galanteio; 41 Região da Etiópia ao N. do lago Tsana; 47 O mesmo que bonzo; 48 Língua antigamente falada ao sul do rio Loire; 50 Preposição latina que designa movimento; 51 Comprais garrotes de um ano para revender daí a dois anos para exportação; 52 Tornas lasso; 54 Suspiros; 55 Boro (s.q.); 56 Interjeição que exprime admiração; 57 Letra grega; 59 Nesse lugar; 60 Cidade da Finlândia; 61 Venda; 63 Fluído elástico que respiramos; 65/68 É uma das famosas actrizes do cinema italiano; 71 Estime; 72 Hospedeira oficial na China; 73 Ouro (s.q.); 74 Sacrifício do sangue e corpo de Cristo, celebrado no altar pelo sacerdote.

VERTICAIS:

1 Nome de fruto seco; 2 Sódio (s.q.); 3 Abreviatura de grau, unidade de ângulo; 4 Érbio (s.q.); 5 Variedade de uva; 6 terreiro em frente ou em volta das igrejas; 7 Cada uma das travessas que limitavam os bairros dos remadores; 8 Dês mimo a; 9 Ilha do golfo conquistador tortuguês Afonso de Albuquerque, gloriosos vice-rei da India; 11 O seis duplo, no jogo do dominó; 14 Entidade lendária habitante de rios, lagos e fontes; 17 Solo; 18 Antiga Agência de Imprensa; 21 Humilharia; 22 Neón (s.q.); 23 Rio da Suiça; 24 Ferias um pião com o bico doutro pião; 25 Recusa; 26 Argila; 28 Grande guarda-chuva (fam.); 30 Guia náutico (pol.); 31 Tragos; 33 Pequena canga, em carro puxado por uma só besta; 34 Em Cabo Verde, o mesmo que anona (fruto); 38 Adorada; 39 Habilidades; 42 Prefixo que designa ar; 43 antiga medida de capacidade equivalente a 60 alqueires; 44 Reis; 46 Astúcia (pop); 49 Célebre costureiro francês; 53 Isolado; 56 Matança de gado; 58 Musselina; 59 Poeta romeno que publicou em Jassi o primeiro jornal romeno; 60 Efemina; 62 Levantas; 64 Borrifo; 66 Braço de mar; 67 Unidade monetária do Jpapão; 69 Plutaórnio (s. q.); 70 Amónio (s. q.).